



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

SÍLVIO MELO DO NASCIMENTO

**A ESCOLA DE DOM FRANCISCO XAVIER REY: HISTÓRIA DA
FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NO VALE DO GUAPORÉ**

PORTO VELHO – RO

2014



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

SÍLVIO MELO DO NASCIMENTO

**A ESCOLA DE DOM FRANCISCO XAVIER REY: HISTÓRIA DA
FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NO VALE DO GUAPORÉ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Fundação Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração Formação Docente.

Orientador: Prof. Dr. Anselmo Alencar Colares

PORTO VELHO – RO

2014

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

N244e

Nascimento, Sílvio Melo do

A escola de Dom Xavier Rey: história da formação de professoras no Vale do Guaporé / Sílvio Melo do Nascimento, Porto Velho / RO, 2014.

132f.

Dissertação (Mestrado em Educação) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

Orientador: Prof. Dr. Anselmo Alencar Colares

1. Escolas de Dom Xavier Rey 2. Memória e Formação de Professores 3. Professoras Negras do Vale do Guaporé 4. História da Educação I. Colares, Anselmo Alencar II. Título.

CDU: 374



Fundação Universidade Federal de Rondônia
Núcleo de Ciências Humanas
Departamento de Ciências da Educação
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação
Mestrado Acadêmico em Educação




Ata da Defesa Pública de Dissertação de Mestrado Acadêmico

Aos dez dias do mês de novembro do ano de 2014, às 10h30min no Auditório da DIRET/UAB, reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos professores **Dr. Anselmo Alencar Colares** (Orientador/Presidente), **Dr. Valdir Aparecido de Souza** (Membro Externo), **Dr. Marco Antônio de Oliveira Gomes** (Membro Interno) e **Dr^a. Rosângela de Fátima Cavalcante França** (Membro Suplente) a fim de arguirmos ao mestrando **Sílvio Melo do Nascimento** com a dissertação intitulada **A ESCOLA DE DOM FRANCISCO XAVIER REY: HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO VALE DO GUAPORÉ**. Aberta a sessão pelo presidente do mesmo, coube ao candidato, na forma regimental, expor a sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, sendo em seguida questionado pelos membros da banca examinadora e, tendo dado as explicações necessárias, o candidato foi APROVADO fazendo jus ao título de **Mestre em Educação**.

Recomendações da Banca:

Fazer rigorosa revisão considerando as observações apontadas pela banca, com ênfase para a validade da defesa e obtenção do título.

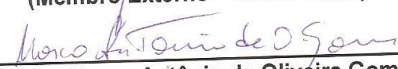
Porto Velho, 10 de novembro de 2014.



Prof. Dr. Anselmo Alencar Colares
(Orientador/Presidente – PPGE-UFOPA)



Prof. Dr. Valdir Aparecido de Souza
(Membro Externo – MHEC-UNIR)



Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira Gomes
(Membro Interno – PPGE-UNIR)

Prof^a. Dr^a. Rosângela de Fátima Cavalcante França
(Suplente – PPGE-UNIR)

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Anselmo Alencar Colares por ter-me aceito como orientando, malgrado a distância geográfica entre nós, devidamente suprida pela positividade com que me orientou.

Ao Professor Marco Antônio Oliveira pelo apoio literário, pelas preciosas ideias e contribuições ao longo das conversas nos intervalos de aulas na Unir.

Aos professores Antônio Carlos Maciel e Rosângela de Fátima Cavalcante pelas contribuições, além de boas risadas durante os encontros letivos.

Às pessoas especiais da minha vida: Ana Célia, Sílvia, Giovanna, Paulo Ricardo e Eduarda.

Às Professoras Isabel Assunção (*in memoriam*), Alexandrina Gomes e Maria Piedade Gusmão pelas entrevistas concedidas.

Ao meu colega de trabalho, Professor André Bairros Peres, pela palavra de incentivo num momento de desânimo da minha vida, à Direção Geral que nos ajudou na liberação para cursar as disciplinas e colega Cledenice Blackman pela colaboração.

Aos meus amigos professores de história: Valdeci Castro e Uilian Nogueira pela significativa cooperação em livros, materiais e artigos para pesquisa e aos colegas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Ariquemes, que torceram pelo meu sucesso.

Aos colegas de Mestrado que nos ajudam sempre no cotidiano da convivência, em especial, Gedeli Ferrazo, Claudinei Frutuoso e Sérgio Paulo.

Aos funcionários da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SEMCET) de Guajará-Mirim pela colaboração na pesquisa de documentos e ao amigo e ex-colega de trabalho Carlos Alberto Gil e os funcionários da Secretaria Municipal da Cultura de Guajará-Mirim pelo apoio nas pesquisas de campo.

A todos os professores do curso que me oportunizaram a troca de saberes com os referenciais teóricos, metodológicos, e, sobretudo como referências pessoais e profissionais.

À Capes pelo apoio financeiro, que ajudou bastante o desenvolvimento da pesquisa.

Ao Bispo Emérito de Guajará-Mirim, Dom Geraldo Verdier, que nos recebeu na Prelazia, propiciou-nos uma entrevista informal e cedeu cópias de textos e fotografias relativos ao tema da pesquisa e à Professora Patrícia Ferreira Miranda pela colaboração em traduções para o inglês.

A todos que de alguma forma contribuíram para que essa etapa da minha vida fosse concluída com sucesso.

Especialmente aos meus Pais, Dona Rita e Seu Inácio, pela luta diária para superar a pobreza e criar seus cinco filhos, legando-lhes grandes exemplos de vida, honestidade e coragem de ser um cidadão digno.

[...] qualquer pesquisa, em qualquer nível, exige do pesquisador um envolvimento tal que seu objetivo de investigação passa a fazer parte de sua vida; a temática deve ser realmente uma problemática vivenciada pelo pesquisador, ela deve lhe dizer respeito. SEVERINO (2002, p. 145)

RESUMO

O texto apresentado nesta dissertação é resultante de pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (*Stricto Sensu*), do Departamento de Ciências da Educação da UNIR sobre história da formação de professores nas escolas criadas por Dom Francisco Xavier Rey. A ideia desta pesquisa nasceu a partir de uma sugestão de docentes das escolas estaduais de Costa Marques e Guajará-Mirim, cidades fronteiriças com a Bolívia e localizadas no Vale do Guaporé em Rondônia. O objetivo é historicizar as práticas de formação das professoras no âmbito da educação e do catolicismo nas escolas de Dom Xavier Rey entre 1932 e 1960. Professores, estudiosos e interlocutores de sua obra destacaremos contribuições do seu projeto no campo da educação regional, em meados do século XX, no momento mais evidente: a formação das primeiras professoras. Os referenciais para a apresentação deste texto estão estreitamente ligados às leituras de livros, dissertações, artigos e à elaboração de pesquisas de campo, cuja coleta de dados teve por base entrevistas semiestruturadas com três professoras remanescentes da época e diálogos informais com habitantes de Guajará-Mirim e Costa Marques. Cumpre ressaltar que o presente trabalho traz um texto descritivo sobre a formação das professoras negras, em concomitância à obra realizada pelo religioso francês quando assumiu a prelazia. É uma síntese propositiva, pois, acredita-se, – contribuirá com a história da educação rondoniense, considerando as grandes lacunas ainda existentes neste campo.

Palavras-chave: Escolas de Dom Xavier Rey. Memória e Formação de Professores. Professoras Negras do Vale do Guaporé. História da Educação.

ABSTRACT

The text presented in this dissertation is the result of researchs conducted within the Graduate Education Program (Stricto Sensu), Department of Science Education at UNIR on the history of teachers training contextualized in schools created by Don Francisco Xavier Rey. The idea for this research came out in conversations among teachers of state schools in Costa Marques and Guajará-Mirim, cities from the border with Bolivia and located in the Valley of Guapore in Rondônia. The objective is to historicize the practical training of teachers in education and Catholicism in schools of Don Xavier Rey between 1932 and 1960. Teachers, students and interlocutors of his work highlights the contributions of your project in the field of regional education in the mid-twentieth century, in its most obvious point: training of the first teachers. The reference to the presentation of this paper are closely related to the readings of books, essays, articles and the preparation of field researchs which the data collection was based on interviews with three remaining teachers from that context and informal dialogues with residents from Guajará-Mirim and Costa Marques. It should be noted that the present study provides descriptive text about the formation of black teachers concomitantly to the work carried out by this religious French when he assumed the prelature. It is a purposeful synthesis, therefore, it is believed, - contribute to the history of education rondoniense, considering the large gaps still exist in this field.

Keywords: Dom Xavier Rey's schools. Memories and Teacher Education. Black teachers Valley Guapore. History of Education.

LISTA DE SIGLAS

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

DGM – Diocese de Guajará-Mirim

EEEFMAA – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Angelina dos Anjos

EFMM – Estrada de Ferro Madeira-Mamoré

FAB – Força Aérea Brasileira

SNG – Serviço de Navegação Guaporé

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MESP – Ministério da Educação e Saúde Pública

PMGM – Prefeitura Municipal de Guajará-Mirim/RO

PMCM – Prefeitura Municipal de Costa Marques/RO

SEAD – Secretaria de Estado da Administração/RO

SEDUC – Secretaria de Estado da Educação/RO

SEMCET – Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Guajará-Mirim/RO

SEMECDL – Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Lazer de Costa Marques/RO

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

UNIR – Fundação Universidade Federal de Rondônia

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Evolução da população rural-urbana – 1940/1960.....	43
Tabela 2	Evolução da população rural-urbana do Território Federal do Guaporé/Estado de Rondônia entre 1950/1970.....	43
Tabela 3	Taxas Médias de Crescimento Econômico e Crescimento da Taxa de Matrícula no Ensino Primário Fundamental Comum por Governo, Brasil, 1930-1964.....	45
Tabela 4	Primeiras escolas fundadas (1913 a 1940) entre Guajará-Mirim e Porto Velho.....	50
Tabela 5	Alunas da primeira turma do Instituto Santa Terezinha (1933).....	86
Tabela 6	Principais escolas fundadas por Dom Francisco Xavier Rey nos povoados do Vale do Guaporé.....	122

LISTA DE IMAGEM

Figura 1	Pierre Elieen Rey aos 29 anos (Dom Francisco Xavier Rey).....	28
Figura 2	A simplicidade do vestuário de Dom Francisco Xavier Rey: uma característica para conquistar o povo ribeirinho.....	31
Figura 3	Guajará-Mirim nos anos 40.....	36
Figura 4	Coronel da Guarda Nacional Paulo Cordeiro da Cruz Saldanha.....	39
Figura 5	Inauguração do Colégio Santa Terezinha em 1933 em Guajará-Mirim.....	52
Figura 6	Professoras do Colégio Santa Terezinha: Irmã Mara de Jesus, Irmã Marta do Calvário, Irmã São Rafael e Irma Maria Antonieta.....	66
Figura 7	Da esquerda para direita: Professora Eremita Cordeiro, a amiga Mercedita e a Professora Estela Lemos Casara.....	73
Figura 8	Negras do Guaporé em foto da expedição de Frederico Rondon (1936)....	76
Figura 9	Passeio de barco pelo Rio Mamoré com alunas do Internato.....	89
Figura 10	Professora Verena Leite Ribeiro.....	98
Figura 11	Professora Maria de Jesus Evangelista.....	100
Figura 12	Professora Izabel de Oliveira Assunção entrevistada pelo autor.....	101
Figura 13	Professora Alexandrina Gomes da Silva.....	102
Figura 14	Professora Maria Piedade Gusmão.....	105
Figura 15	Professoras do Internato Santa Terezinha em 1933.....	121
Figura 16	Documento de criação da EEEFM Angelina dos Anjos.....	123
Figura 17	Curriculum Vitae da Professora Angelina dos Anjos.....	124
Figura 18	Idem.....	125
Figura 19	Ibidem.....	126
Figura 20	Documento com reportagem sobre a acusação em desfavor de Dom Francisco Xavier Rey.....	127
Figura 21	Documento de defesa em favor de Dom Francisco Xavier Rey.....	128
Figura 22	Texto transcrito do documento da figura 19.....	129
Figura 23	Imagens externa e interna do antigo colégio Nossa senhora do Calvário (atualmente abriga o Mosteiro das Irmãs Calvarianas).....	130
Figura 24	Cópia da carta original escrita por Dom Francisco Xavier Rey.....	131
Figura 25	Idem.....	132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 PERCURSOS HISTÓRICOS PELO VALE DO GUAPORÉ: OLHARES E REALIZAÇÕES DE DOM FRANCISCO XAVIER REY.....	22
1.1 DOM FRANCISCO XAVIER REY: DO PERFIL BIOGRÁFICO À INTERVENÇÃO EM MUNDOS ESQUECIDOS.....	28
1.2 A CIDADE DE GUAJARÁ-MIRIM COMO UM ESPAÇO DE MEMÓRIAS DE DOM FRANCISCO XAVIER REY.....	35
1.2.1 Aliança entre a Igreja Católica e o Estado Varguista.....	40
1.2.2 Primeiros tempos: cotidiano marcado pelo analfabetismo e fundação da primeira escola da prelazia de Guajará-Mirim.....	48
2 REFERENCIAIS CONSTITUTIVOS PARA UMA ANÁLISE DA ESCOLA DE DOM FRANCISCO XAVIER REY.....	55
2.1 As Estratégias para garantir a supremacia da religião católica por meio da educação.....	61
2.2 Visões de uma região em transformação	67
2.3 Relações etnicorraciais na região do Vale do Guaporé.....	74
3 A FORMAÇÃO DAS MENINAS NEGRAS.....	81
3.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E CONSTRUÇÃO DE SABERES DIVERSOS.....	87
3.2 DA MEMÓRIA PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE RONDÔNIA.....	92
3.2.1 Memórias de vida em gerações diferentes: histórias de Verena Leite Ribeiro, Maria de Jesus Evangelista Assunção, Isabel Assunção e Alexandrina Gomes..	97
3.2.2 As professoras do Colégio Governador Mader.....	104
3.2.3 Perspectivas pastorais dos anos 60: final do ciclo religioso de Dom Francisco Xavier Rey.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	116
ANEXOS	121

INTRODUÇÃO

Desde quando em 1993, iniciei minha trajetória, como professor de história na rede estadual de ensino em Costa Marques, (cidade surgida de um núcleo de povoação assaz antigo e localizada no Vale do Guaporé), ouvia regularmente as pessoas que residiam a mais tempo na localidade comentar sobre as “Filhas de Dom Rey”, um grupo de meninas negras que se formaram em Guajará-Mirim e posteriormente, retornaram como professoras para multiplicar o que aprenderam em práticas de alfabetização de crianças e jovens nos diversos núcleos de povoamento da região.

Entusiasmava-me o respeito que os munícipes das localidades da região destinavam à Dom Francisco Xavier Rey, idealizador da escola formadora dessas professoras. Por coincidência, em setembro de 1993, iniciei o exercício do magistério em Rondônia na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Angelina dos Anjos (EEEFMAA) que nos anos 90 era a maior instituição escolar de educação básica do eixo da BR 429.

Esta escola reverencia o nome da professora Angelina dos Anjos, formada na primeira turma do Colégio Santa Terezinha como forma de homenagear uma pioneira do magistério em Costa Marques, quando a cidade ainda era um distrito de difícil acesso com poucos habitantes, administrado pela prefeitura de Guajará-Mirim.

A ideia original era reunir material para escrever um livro sobre a formação da primeira turma de professoras do Instituto Santa Terezinha, cujo funcionamento se iniciou em 1933. O planejamento envolvia pesquisas documentais em acervos da Igreja Católica e a busca pela palavra falada dos velhos moradores, entre eles, algumas idosas que não sabiam escrever, mas eram fontes de conhecimento oral que poderiam ser ouvidas, sobretudo porque, a maioria se encontrava, à época, com idade avançada, mas com a mente sã e em condições de nos legar seus testemunhos.

O limiar desta ideia tem seu esboço nos anos 90, época em que a política da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), encontrava-se num cenário adverso em termos de financiamento e interesse acadêmico em relação à pesquisa. Como decano do magistério na esfera estadual, entendo que os gestores de Rondônia das últimas décadas, talvez por serem oriundos de outros estados, nunca esboçaram uma maior deferência pela cultura do regional, portanto, nunca direcionaram investimentos para essa finalidade.

Sem apoio financeiro ante um quadro de desinteresse do poder público em financiar quaisquer projetos de pesquisa que contemplassem um estudo sobre a memória da educação

do estado, os meus objetivos foram adiados por anos, ficando em mim, o lamento de saber que parte daqueles ribeirinhos que vivenciaram esta história, encerraram seus ciclos de vida, levando consigo, memórias e histórias que permanecerão desconhecidas.

Por não concretizar o estudo proposto para o período desejado, perdi o momento propício em descrever este reconhecimento da fala dos mais antigos ribeirinhos (o que poderíamos considerar como tradição na transmissão oral entre o povo guaporeano) como maneira de preservação da sabedoria dos mais antigos, fundamento basilar para construir ou contribuir na preservação da história e das singularidades que configuram a educação e a cultura caboclo-ribeirinha no oeste amazônico. Em toda parte das cidades e distritos guaporeanos, a palavra resultante da memória dos mais velhos tem um valor inestimável de manter viva parte desta memória que o passado não conseguiu apagar.

Seguindo essa lógica, continuamos na função precípua de registrar as memórias que ainda não puderam ser escritas ou que apenas foi contada parcialmente. Utilizei a pesquisa bibliográfica e documental, na busca de documentos, fragmentos de textos/livros ou imagens antigas. Como opção metodológica para recolher maiores informações, optei como técnica de coleta de dados o levantamento de documentos na SEMCET em Guajará-Mirim, os quais me oportunizaram com fatos, dados e números referentes às escolas rurais ribeirinhas criadas por Dom Rey.

Na Diocese contei com a colaboração do Bispo emérito, Dom Geraldo Verdier. Nas pesquisas em Costa Marques tive com o auxílio providencial do professor de história da rede estadual, Valdeci Castro, meu ex-aluno. Na pesquisa de campo, realizamos entrevistas semiestruturadas com três professoras participantes da formação para o magistério em épocas e fases diferentes. A aplicação dos questionários ocorreu durante os meses de novembro e dezembro de 2012 e julho de 2013, não havendo quaisquer gravações sonoras por opção das entrevistadas que se sentiam mais confortáveis realizando narrativas orais livres com transcrições escritas e resumidas pelo entrevistador.

A análise destas informações me possibilitou uma melhor percepção do problema em estudo, pois os elementos contidos nos documentos, fragmentos de livros e imagens, revelaram-me conteúdos significativos sobre a realidade educacional das escolas ribeirinhas fundadas por Dom Xavier Rey, constituindo-se em evidências que fundamentaram esta dissertação.

Incluem-se nesta pauta, as análises das relações de gênero entre mulheres ribeirinhas do Vale do Guaporé e a rotina, coletiva ou individual, a datação da fundação das escolas, a

apropriação de imagens raras em fotos antigas encontradas em acervos da SEMCET, enfim, um conjunto que mostra parte dos seus cotidianos e nos permite conhecer as experiências, os valores sociais e culturais de um povo à margem dos grandes centros brasileiros.

Na sequência metodológica, utilizamos a história oral como fonte de pesquisa que se apresenta como uma contribuição em aspectos experimentais, buscando uma maior variação de documentos, até mesmo, pela dificuldade de assentar a pesquisa sobre documentos escritos e por entendermos que os relatos orais dos mais velhos beradeiros¹ do Vale do Guaporé, alguns extraordinariamente lúcidos, constituem-se num valioso acervo de memória.

Esta fonte é um meio salutar para transmitir à pesquisa acadêmica e as futuras gerações, a manifestação do conhecimento regional, as experiências sociais acumuladas e o reconhecimento do papel de relevância das pessoas na história das próprias comunidades. Essa relevância é defendida por Thompson (1993, p.17) ao afirmar que “[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas”.

Utiliza-se a história oral, definida por Alberti (1989, p. 52) como “um método de pesquisa histórica que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” e que tem apresentado contribuições férteis para a compreensão da cultura e do cotidiano social, neste caso específico do nosso estudo, sobre a educação no Vale do Guaporé. Desta forma, desenvolveu-se o estudo relativo às meninas que se aplicaram à aprendizagem para exercer o ofício de professora, acrescentando-se itens associados ao tema como crença, opiniões, procedência e escolaridade.

Ao “estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc.” (ALBERTI, 1989, p. 52), apropriamo-nos das narrativas e testemunhos de quem vivenciou ou conheceu a formação das primeiras professoras, e alguns indicativos sobre as primeiras escolas e sobre o trabalho das mulheres negras ribeirinhas. Registramos as ações sociais, coletivas ou individuais na sociedade guaporeana², para entender de que modo a atuação de Dom Xavier Rey interferiu na educação da população dos lugarejos locais.

¹ Termo de origem nordestina para designar o matuto e comumente usada entre o povo simples do Guaporé pelo fato de ter nascido próximo às suas margens.

² Comumente costuma-se adjetivar de guaporeana, embora alguns estudiosos guajaramirenses como Paulo Cordeiro Saldanha defendam o termo guaporense como mais correto.

Com as fontes escritas, as buscas e consultas foram limitadas aos documentos avulsos nos arquivos da Prefeitura Municipal de Guajará-Mirim (PMGM) e Prefeitura Municipal de Costa Marques (PMCM). Não houve permissão de acesso direto à leitura de itens importantes, como é o caso dos diários de Dom Xavier Rey, que a Prelazia de Guajará-Mirim os mantêm inéditos, sob a alegação de vislumbrem uma edição impressa para o futuro. Porém, os artigos, livros de história regional, monografias e teses de autores que estudaram parcialmente o tema, acrescentaram uma dimensão mais viva à nossa pesquisa, trazendo novas perspectivas à dissertação.

A relevância teórica desta pesquisa está ligada diretamente à importância da história da educação regional em meados do século XX, contextualizada pela dominação religiosa dos povos das margens do rio Guaporé pela Igreja Católica, com uma formação planejada pela Prelazia de Guajará-Mirim, sob o comando de Dom Xavier Rey, adequada às condições materiais e financeiras da época.

A alfabetização associada ao poder evangelizador pretendia atender crianças, jovens e posteriormente, os adultos, em praticamente todos os povoados guaporeanos. O projeto de educação iniciado por Dom Francisco Xavier Rey em consonância com a mobilização de religiosas vindas de outros estados e países e com o apoio dos católicos das comunidades locais, emergiu como vetor responsável pela educação escolar disponibilizada aos ribeirinhos.

Malgrado parte considerável dos estudos que aborda o tema sobre a feminilização do magistério se referir às sociedades urbanizadas, no nosso caso, a formação das meninas negras teve uma conotação mais direcionada ao mundo rural. A única alternativa da Igreja era preparar nos seus moldes, a presença feminina em espaços destinados ao ensino em sala de aula e no exercício da liderança político/religiosa nas pequenas comunidades em que conviviam.

Não constitui nenhuma novidade, este tipo de intervenção em forma de trabalho que, grosso modo, visa construir um abrangente exercício do poder da Igreja Católica brasileira sobre a população dos mais pobres. Essa prática sempre foi comum no país, porém, a conjuntura social ruralizada do Vale do Guaporé, de forte influência religiosa, caracterizou-se por outro modelo de organização e contexto de vida, dominado por negros e negros da Amazônia, que, quase sempre, permaneceram fora de investigações acadêmicas.

Neste intuito, caminhei e ingressei no curso de pós-graduação em Educação da Fundação Universidade Federal de Rondônia decidido que trabalharia na construção da história de formação profissional das professoras de Dom Xavier Rey, sobretudo, como modo

de escrever uma parte da história da educação dessas mulheres que, quando crianças, obtiveram acesso à alfabetização somente após a chegada de Dom Xavier Rey à região.

Com a ideia de formá-las para multiplicar a atuação de agentes religiosos, Dom Francisco Xavier Rey deu azo à tradição brasileira de associar educação e religião como solução para parte do grande problema social que era permitir que pessoas pobres frequentassem uma escola. Diminuir o analfabetismo em que se encontravam todos os que moravam às margens do rio Guaporé, abandonadas pelo Estado, foi a ideia que, paulatinamente, concretizou-se depois da intervenção da Igreja Católica numa região distante dos centros de decisão do país.

A época favorecia a expansão católica, considerando-se que a educação escolar praticamente inexistia nas comunidades rurais e as poucas unidades nas cidades do norte do Brasil tinham como clientela um público mais seletivo, oriundo de famílias mais abastadas. Contudo, para o catolicismo, o campo da educação no Brasil nos anos 30 era oportuno, sobretudo porque, a República proclamada no anseio de inovação e modernidade, demonstrou-se incapaz de alterar as desigualdades extremas do povo brasileiro.

Não somente na Amazônia, mas em todo o território nacional, o momento se apresentava conveniente para recristianizar o Brasil e conquistar “almas” para o projeto político católico. Para isso, contava com o padre Álvaro Negromonte como representante da moral católica entre os anos 30 e 60 do século passado, na propagação da concepção e posição da Igreja junto ao movimento moderno que se instaurou no Brasil.

A visão católica em relação à educação era a de utilizá-la como ferramenta capaz de reproduzir a cultura religiosa e plantar os ideais e valores da moral católica na sociedade. Por conseguinte, a prioridade era formar um quadro de elites no âmbito das estratégias engendradas pela própria Igreja que pudesse manter a tradição e propagar a defesa da família (VALLE, 1997). Este fato teve como consequência a implantação de uma rede de estabelecimentos de ensino médio em todo o Brasil.

Mas, a Igreja Católica também enfrentava as campanhas anticlericais referenciadas pelas doutrinas do liberalismo/positivismo e pela maçonaria, mediante uma representação da instituição romana como resistente às mudanças, à modernidade ou toda ideia ou movimento que representasse o espírito científico do pensamento moderno. À época, já havia um acordo “oficioso” entre Vargas e o clero com objetivos comuns: a manutenção da ordem no país que era de interesse do primeiro e livre de outros credos religiosos e do comunismo, vantajoso ao segundo (CAVALCANTI, 1994).

A educação do povo em todos os rincões deste país pouco representava para a elite republicana. Isso é confirmado por Florestan Fernandes (1966, p.4) no livro “Educação e Sociedade no Brasil”, muito utilizado em artigos, dissertações e teses, aqui também transcrito, por inerência ao tema pesquisado, quando afirma que,

é certo que a República falhou em suas tarefas educacionais. Mas falhou por incapacidade criadora: por não ter produzido os modelos de educação sistemática exigidos pela sociedade de classes e pela civilização correspondente, fundada na economia capitalista, na tecnologia científica e no regime democrático. Em outras palavras, suas falhas provêm das limitações profundas, pois se omitiu diante da necessidade de converter-se em Estado educador, em vez de manter-se como Estado fundador de escolas e administrador ou supervisor do sistema nacional de educação. (FERNANDES, p. 4)

A prelazia de Guajará-Mirim, semelhante ao que consta na citação acima, manteve sua estrutura voltada a fundar pequenas escolas com a soma de um diferencial: para a construção de cada unidade para abrigar a sala de aula, construía-se também uma pequena igreja. É o que se infere com o prosseguimento dos estudos sobre a ação religiosa de Dom Xavier Rey.

Continuando a busca de mais elementos para a pesquisa, por meio de estudos de gabinete na Cúria guajaramirense, desenharam-se caminhos ladrilhados pela pesquisa qualitativa de perspectiva etnográfica, visto que, a discussão central tratava sobre formação de professores. Com esta modalidade, tive contato pela primeira vez e encontrei dificuldades, mormente por falta absoluta de especialistas para recorrer em momentos de dúvidas cruciais.

A técnica utilizada da observação participante com registros no caderninho de campo, mediante algumas percepções apresentadas, foram-me úteis nos diálogos com moradores de Guajará-Mirim e Costa Marques. É nesta perspectiva que se entende a questão da função social da educação e do seu alcance como instrumento de cooptação de seguidores para religião dominante, fator mencionado no texto com certos limites, até para evitar embates polêmicos com lideranças ou defensores do catolicismo.

Em outro norte, a história enseja aspectos relevantes da trajetória de vida de algumas das personagens mais evidentes e envolvidas neste processo. Os estudos dão ênfase especial à figura de Dom Francisco Xavier Rey e suas professoras ditas “Terezianas³” ou “filhas do Bispo”, descrevendo suas atuações em atividades de ensino e suas condutas religiosas nas comunidades em que trabalharam.

³ Terezianas ou Filhas do Bispo são denominações populares atribuídas às primeiras alunas do Instituto Santa Terezinha.

O trabalho é circunscrito a primeira metade do século passado, período compreendido entre os anos 30 e 60. Os estudos foram essenciais para conduzir às reflexões e desdobramentos teórico-metodológicos, importantes sobre o modelo de ensino/aprendizagem, que orientaram a transmissão desses conhecimentos, não se executando a incorporação vertical dos valores do catolicismo pelo povo guaporeano.

Sabe-se que a liderança religiosa de Dom Xavier Rey não ficou restrita à Guajará-Mirim ou aos pequenos núcleos povoados do Vale do Guaporé, mas alcançou outras esferas da sociedade rondoniense (mesmo antes da criação do Território Federal do Guaporé⁴) agregando grupos católicos ou laicos e constituindo uma associação entre a sua Prelazia (atual Cúria) e vários setores ligados ao campo da política.

Percebendo que a história da educação, sob a ótica da formação das professoras negras no Vale do Guaporé, é primordial para se entender o desenvolvimento histórico-educacional, organizado *a priori*, para formar o primeiro quadro de professores na região de fronteira, o objetivo nesta dissertação é investigar o seguinte problema:

— Qual a importância da atuação de Dom Francisco Xavier Rey em relação à formação das professoras no âmbito da educação das escolas fundadas entre 1932 e 1960?

O tema é desenvolvido segundo as seguintes perspectivas motivadoras para se entender a educação como objeto histórico na Amazônia e também se propõe:

- a) Interessar-se pelas normas pedagógicas e pelas finalidades religiosas que regem as escolas de Dom Rey adentrar-se nos referenciais teóricos para análise do seu projeto de educação;
- b) Avaliar o papel desempenhado por Dom Francisco Xavier Rey na profissionalização e trabalho das primeiras educadoras.

Para expor os resultados da pesquisa, divide-se esta dissertação em três capítulos. O primeiro, “Percursos pelo Vale do Guaporé: olhares e realizações de Dom Francisco Xavier Rey” propõe uma visão elementar do Prelado mediante a situação encontrada nas comunidades visitadas entre Vila Bela da Santíssima Trindade e Guajará-Mirim e suas decisões iniciais para atenuar os problemas encontrados e reverter o quadro social grave de

⁴ Em 13 de setembro de 1943, o então Presidente Getúlio Dorneles Vargas, ainda na condição de chefe da ditadura do Estado Novo, criava através do Decreto-Lei n.º 5.812, com terras desmembradas do Mato Grosso e do Amazonas, o Território Federal do Guaporé e lançava as bases territoriais do que viria a ser em 1981, o promissor Estado de Rondônia.

abandono e analfabetismo em que se encontravam parte dos súditos da igreja que seria por ele administrada.

Inserimos a abordagem bibliográfica da personagem principal da dissertação, relacionando a história de vida de D. Xavier Rey, mas abordando a ofensiva católica em busca de espaços institucionais. Revela-se a importância da cidade de Guajará-Mirim para as atividades religiosas e educacionais do grupo de Dom Xavier Rey, conhecendo os contatos do apoio político e outras histórias da Prelazia, bem como o porquê da admiração dos guajaramirenses pela figura do religioso.

Parte do capítulo inicial analisa a relação entre Getúlio Vargas e a Igreja de Roma, determinante para se entender o contexto regional, associado ao nacional e vislumbrar o período em que a cúpula da Igreja alterou sua maneira de agir, quando o laicismo não mais permitia oficialmente o amparo financeiro dos cofres públicos do Estado e não se podia mais contar com as verbas públicas (CAVALCANTI, 1994).

É indispensável também o relato da fundação emergencial do Internato Santa Terezinha com o ideário de combater a ausência de instrução dos ribeirinhos e do funcionamento em regime de improviso, de um espaço pra troca de favores entre agentes religiosos e as meninas escolhidas para receber os primeiros estudos do referencial pedagógico de formação para o magistério e evangelização.

O segundo capítulo trata dos referenciais constitutivos para uma análise da escola de formação das professoras. É especialmente dedicado à exposição dos autores que compõem o referencial teórico da pesquisa por meio de citações e adequação das leituras realizadas para organização teórica dos conteúdos inerentes ao tema. É contributivo como base de conhecimentos para o pesquisador.

Parte do texto deste capítulo versa sobre o planejamento estratégico da Prelazia para manter a supremacia da religião católica na região e relata as mudanças sociais ocorridas entre as meninas negras em razão do acesso à educação formadora no Instituto Santa Terezinha. Por ter o Vale do Guaporé uma composição populacional negra, temas como miscigenação e relações de etnicidades são suscitados enfatizando-se as percepções acerca da educação para relações etnicorraciais.

No terceiro e último capítulo, o esforço é para construir uma análise sobre as práticas pedagógicas do Colégio Santa Terezinha, iniciando-se pela formação elementar do individual e do coletivo, incluindo diversas temáticas, tais como valores afetivos, religião e concepções

de mundo. Descreve-se a multiplicidade de saberes que influenciam suas práticas pedagógicas e socialmente construídas nos locais para onde foram destinadas a atuar.

No mesmo norte, reflito sobre o conjunto de temas memoriais, em que Dom Xavier Rey, coloca-se como personagem de destaque no cenário de uma representação do passado e que se atualiza constantemente no presente, por meio da memória e experiências vivenciadas na construção histórico educacional da região do Vale do Guaporé. Há também narrativas de histórias de vida das primeiras professoras de gerações diferentes, contextualizando suas descrições pessoais. Apresenta-se um resumo da experiência realizada por Dom Rey, com a construção de outra escola de formação na comunidade de Ilhas das Flores e suas perspectivas de atuação pastoral nos anos 60, quando seu ciclo de trabalho começa a declinar, assuntos estes, que encerram o terceiro capítulo.

O interesse pelo desenvolvimento do ato educativo e cristão imposto à população ribeirinha do Vale do Guaporé vem ganhando força, mesmo com as limitadas pesquisas da área. Já é visível constatar a existência de trabalhos de pós-graduação, publicações científicas e discussões sobre eixos temáticos nos eventos que demandam debates sobre o tema proposto ou similar ao desta dissertação como os trabalhos de DUTRA (2010) e GOMES (2012).

Por ter residido e trabalhado na cidade guaporeana de Costa Marques, entre 1993 e 2010, possuo com orgulho o privilégio pelo contato com lugares diversos e personagens envolvidos nesta história. Entendo que ainda há muito a se pesquisar sobre o tema, mas espero contribuir na compreensão desse passado que durante anos ficou relegado à memória do povo ribeirinho.

1 - PERCURSOS HISTÓRICOS PELO VALE DO GUAPORÉ: OLHARES E REALIZAÇÕES DE DOM FRANCISCO XAVIER REY

Ao iniciar este capítulo, ratificamos o enfoque do tema principal: historicizar a obra de Dom Francisco Xavier Rey na formação educacional das meninas negras trazidas das localidades ermas do Vale do Guaporé e levadas para o Internato Santa Terezinha em 1933 e que a partir de 1935, passou para o domínio das Irmãs Calvarianas, com mudança na nomenclatura, designando-se por Colégio Nossa Senhora do Calvário, em Guajará-Mirim.

A ação de Dom Xavier Rey, que materializava as ações da Igreja na região, modificou parte do curso cultural secular de comunidades extrativistas, por meio da imposição de práticas educativas escolares. As intervenções que foram se concretizando com a Igreja Católica como protagonista, destacou-se na medida em que esta representou a voz de uma ação intercessora de longa duração, cujas formas de intervenção chegaram a uma ação educativa com intuito de manutenção da visão católica de mundo, configurada nas escolas mantidas pela Prelazia, atual Cúria de Guajará-Mirim.

Como não modificou sua estrutura política de atuação e dominação, a história da Igreja Católica na região do Vale do Guaporé, em pleno século XX, assemelhava-se em vários aspectos à antiga colonização luso-espanhola que agiu, a princípio, no século XVIII, via a presença de missões de fortificações de cidades.

À época, imperava o ciclo do ouro e das drogas dos sertões que rendia alta lucratividade aos portugueses e à Coroa e de certa forma, aos religiosos que aqui “pescavam” as almas selvagens para Deus, ao mesmo tempo em que usufruíam das riquezas produzidas pelos habitantes locais. Evidente que para agravar essa situação, diversos tipos de violência física ou mental contra os nativos eram um imperativo constante.

Cessando a riqueza com o esgotamento das minas, inicia-se o decurso de abandono do Vale do Guaporé pelos portugueses. Muitos dos escravos buscaram sua sobrevivência e, por conseguinte, sua sonhada liberdade, refugiando-se em clareiras próximas aos rios afluentes do Guaporé, vivendo e povoando suas margens, onde organizaram suas comunidades livres.

Com o passar do tempo, diminuiu os riscos de recapturas pela elite branca que se concentrava em maior número, na então capital da Província de Mato Grosso, Vila Bela da

Santíssima Trindade⁵. Nesse interim, grupos de negros se estabeleceram em locais diversos e passaram a ganhar a vida livre com a agricultura de subsistência e o extrativismo. Assim se formou o povoamento da extensa região guaporeana.

Entre Vila Bela da Santíssima Trindade e Guajará-Mirim, organizaram-se várias comunidades ribeirinhas, caracterizados por serem lugares de pequena dimensão urbana: Laranjeiras, Rolim de Moura, Tarumã, Santa Fé, Pedras Negras e Santo Antônio do Guaporé, os dois últimos são mais conhecidos por serem, atualmente, famosos redutos quilombolas sempre visitados por pesquisadores nos dias atuais.

É neste território majoritariamente habitado por negros (TEIXEIRA, 2009) que o cristianismo concretiza sua presença e inicia por meio da atuação missionária e assistencialista de Dom Francisco Xavier Rey, a evangelização e a conquista dos povos ribeirinhos como fiéis, entre eles, negros, brancos pobres, indígenas e seringueiros. Em comum, o estado de abandono e exclusão pela ausência quase completa das políticas sociais do Estado do Mato Grosso.

No período da construção da Ferrovia Madeira-Mamoré e do ciclo econômico da borracha (fins do século XIX até 1918 quando se encerra a primeira grande guerra), a região passou a receber levas de sertanejos que, sem alternativas, migravam para a Amazônia. Parte considerável era constituída de pequenos agricultores que vinham desde logo excluídos pela desumana estrutura fundiária nordestina.

As migrações ocorriam em função de alguns fatores adversos como as tradicionais secas que assolavam o sertão, o coronelismo político e a violência da distribuição de renda concentrada, que os obrigavam a um regime de servidão aos coronéis da região. SOUZA (1978) esboça uma quantidade populacional não inferior a meio milhão de sertanejos como contingente de migração, num período de mais de vinte anos até os idos de 1910.

A pobreza e a miséria na existência coletiva dos povos eram territórios propícios à atuação dos “representantes” de Deus na terra. Alguns religiosos aqui outrora, desembarcavam no início do século passado, como por exemplo, o grupo de missionários Salesianos e Franciscanos, sob a razão aparente de visitar o povoado guajaramirense que se encontrava em formação e lhes prestar “assistência” espiritual e material.

⁵ Em Pouso Alegre (antiga localidade), D. Antônio Rolim de Moura Tavares fundou e instalou em 19 de março de 1752, Vila Bela da Santíssima Trindade de Mato Grosso, que passou a funcionar como capital da então capitania de Mato Grosso.

Contudo, o domínio do catolicismo era absoluto, calcado na preservação da tradição secular de que o caboclo e o migrante nordestino, desde a colonização, trazia arraigados da formação familiar, um perfil de religiosidade e que era a base das suas vidas diárias. Esse comportamento referente ao catolicismo é uma imagem incorporada por parte da população do Vale do Guaporé.

Esta capacidade de expressão de fé, associado ao ambiente de exclusão social presente nas comunidades ribeirinhas, colaborou para que o catolicismo interferisse e influenciasse diretamente nas suas lutas, no seu comportamento e nas suas crenças cristãs, formando a essência do *ethos* da cultura regional amazônica.

Sabe-se também, que representantes de outras religiões se faziam presentes, mais especificamente em Guajará-Mirim, como os “crentes”⁶ da Igreja Batista, que iniciava seu culto nesta seara, embora atingisse apenas uma pequena parcela da população citadina. A Assembléia de Deus também se fez presente e teria sido fundada em dia 20 de maio de 1928, pelos irmãos Maria Fausta Ramos, Benvindo Ramos e Maria Salomão⁷. Estão registrados entre seus pastores pioneiros, Januário Soares e Ursulino Costa. Os cultos com mensagens pentecostais se difundiram além de Guajará-Mirim, chegando a algumas localidades longínquas como a comunidade do Real Forte Príncipe da Beira.

Por ser um território marcado fortemente pela presença negra, também há relatos orais da prática de cultos afros, que, segundo afirmam alguns moradores mais velhos, tanto de Porto Velho, quanto de Guajará-Mirim, sempre existiu e malgrado não estarem ratificados por documentos oficiais, a afirmativa têm procedência em razão do grande número de escravos africanos ou descendentes que residiam, principalmente, em Pedras Negras e Santo Antônio.

São milhares que aqui aportaram durante a construção do Real Forte Príncipe da Beira (1776/1783), com a criação de povoados no período da mineração e com os ciclos econômicos. Os negros escravizados retinham no âmbito familiar o culto as suas divindades, considerando que a tradição oral era trazida do panteão das religiões e sendo conservadas pelo ser humano escravizado fora da África (MENDES, 1999).

Mas, o que os olhares de um jovem religioso francês observaram ao navegar pelo imenso vale pobre do Guaporé? Na região do oeste amazônico, onde se localiza o atual Estado de Rondônia, a concentração populacional era irrelevante. Havia apenas uma pequena

⁶ Termo de uso generalizado entre as pessoas de diversas regiões do Brasil, principalmente católicos, que designava todos os seguidores que professavam religiões protestantes.

⁷ Para um estudo mais aprofundado é recomendado a leitura do capítulo 4 — Rondônia: o Espírito Santo visita os Territórios — do livro “História das Assembleias de Deus”, de Emílio Conde, 6ª edição, 2008.

expansão educacional pelas cidades de Guajará-Mirim e Porto Velho, que na primeira metade do século XX não apresentava significativa diferença do quadro geral da Federação.

Quando da fundação da prelazia, a nação brasileira experimentava a derrocada da velha república oligárquica e o preâmbulo da vigência do governo provisório de Getúlio Vargas. Esta é a época em que Dom Xavier Rey inicia sua trajetória na região do Guaporé e ali permaneceria até sua morte em 20 de janeiro de 1984. É nesse ínterim que realizava suas desobrigas⁸.

Ao observar o abandono, o descaso e ausência do Estado, planejou e executou em curto prazo, a instalação de escolas com a extensão do ensino primário em toda a região, incluindo assim, a educação com princípios religiosos, iniciando pelo modelo de escolarização de meninas escolhidas por ele nas comunidades que visitava. Com esta realização ocorrida no início de 1933, planejava-se a fundação de uma Instituição escolar cristã liderada por ele.

Enviado diretamente pelo Papa Pio XI (1922/1939), partilhava da crença de que a conversão do homem ao catolicismo decorria mais facilmente com a difusão da educação, fonte que deveria ser utilizada para transmissão dos valores católicos. Ressalte-se que a educação era vista na época por diferentes grupos como instrumento de defesa da ordem.

No percurso histórico da Igreja Católica na região, Dom Rey marca presença com o início de suas obras assistenciais com a imposição do seu discurso religioso e determinadas práticas impostas aos segmentos populares e étnicos, cuja cultura nativa, confrontada, facilita a permanência de uma religiosidade popular. Segundo Geertz (1989, p.67),

Essa confrontação e essa confirmação mútuas têm dois efeitos fundamentais. De um lado, objetivam preferências morais e estéticas, retratando-as como condições de vida impostas, implícitas num mundo com uma estrutura particular, como simples senso comum dada a forma inalterável da realidade. De outro lado, apoiam essas crenças recebidas sobre o corpo do mundo invocando sentimentos morais e estéticos sentidos profundamente como provas experimentais da sua verdade. Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro.

Em marcha, a invasão das bases socioculturais e ideológicas religiosas, representada pelas ações de Dom Xavier Rey, sobre a tradição nativa, ocasionando o choque e a destruição parcial de culturas seculares construídas e vivenciadas por Parecis, Tuparis, Guaratiras, Massacás, Kanoês, Cabixis, Pausernas, entre outros grupos indígenas da região do

⁸ Visitas periódicas realizadas por religiosos em regiões desprovidas de padres.

Guaporé/Mamoré/Madeira que incluía o *habitat* em terras bolivianas. Dom Xavier Rey chegava a percorrer mais de mil quilômetros para exercer o contato com os silvícolas e aprender seus idiomas, dos quais, com o tempo conseguiu o domínio de oito deles, tornando menos árduo seu trânsito no meio das aldeias.

O sistema de ensino implantado por ele, a partir da sede da Prelazia em Guajará-Mirim, coincide com o tempo de recomeço das estratégias adotadas pela Igreja Católica para concretizar sua influência na educação brasileira, reduzida com a mudança que retirou ensino religioso da grade curricular, ocasionando perda de poder não somente em relação às camadas populares, como também à parcela elitizada da sociedade. (MARCHI, 1989)

A Prelazia principiou seus recursos no ensino primário que não era oferecido pelo Estado nas comunidades rurais guaporeanas, ainda que o número de alunos no ensino primário no Brasil, a essa altura houvesse quase duplicado. Mas, a aceleração dessa expansão na região norte, se constituía no acesso disponibilizado a uma parcela da população domiciliada nas maiores cidades amazônicas, sobre as quais, a Igreja não controlava. Não é o caso de Porto Velho, à época pertencente ao Amazonas, onde em 1930 funcionava o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora das irmãs Salesianas, ofertando o ensino primário, jardim de infância e curso de prendas domésticas (GOMES, 2012).

Não foi somente na área da educação que o religioso francês fez sentir suas ações, isto porque, sua administração frente à prelazia era marcada pelo assistencialismo noutros setores, levando suas obras além da educação e inserindo ações como o atendimento médico para minorar o sofrimento dos doentes, cuidando da saúde daqueles excluídos do apoio assistencial do governo de Mato Grosso.

Aos poucos, suas ações assistencialistas alcançavam mais gente e solidificava Guajará-Mirim como centro irradiador do seu trabalho resultante do crescimento da Igreja em todo o Vale do Guaporé. Théry (1976) associa o crescimento econômico da região à massificação do trabalho da Prelazia, classificando a atuação de Dom Rey, como de grande responsabilidade no crescimento urbano da cidade.

Aos poucos, em um ritmo lento, a cidade assiste à construção de uma oficina de pedreiro, cujos materiais chegam de barco e de trem, de uma série de lojas ao redor da praça central, mais boliviana que brasileira, e de uma ou duas ruas adjacentes. É pela iniciativa dos religiosos, franceses em grande parte, em torno da figura do lendário Dom Rey (esse bispo francês parou de assumir o cargo episcopal apenas para retomar o apostolado nas beiras do rio) que foi construída a maioria dos monumentos públicos: catedral, mercado, hospital, biblioteca etc. (THÉRY, 1976, p.157)

Verdier (2013) defende que a obra do Bispo está consagrada num intenso trabalho pastoral, deveras reconhecido pelo povo ribeirinho, em face à onipresença nas atuações sociais e nos empreendimentos educacionais: a construção de dezenas de pequenas escolas para a alfabetização dos quilombolas; a formação de professoras em dois Internatos fundados pra esse objetivo precípua; as dezenas de igrejas erguidas para solidificar a fé cristã e expandir o catolicismo; o primeiro hospital edificado e em tempos mais modernos; a primeira emissora de rádio a levar mensagens para quase todo o extenso Vale do Guaporé.

Entretanto, a importância de Dom Rey e da Prelazia como instrumentos de alteração cultural das comunidades somente se sobressaiu pelo fato de nenhum governo republicano ter mostrado sensibilidade em planejar a educação do povo pobre com o mínimo de prioridade. Regiões mais distantes como a Amazônia somente despertava o interesse dos poderosos no que de útil poderia produzir em termos de riquezas extrativistas como o látex, os minerais e produtos vegetais de valor comercial.

A alta incidência de analfabetos sempre era uma variável constante que, além das questões materiais que impediam a universalização da escola, condenava a população da Amazônia guaporeana ao atraso devido à falta de condições para a expansão do ensino público ou políticas públicas que atenuasse o analfabetismo na região, além do pouco apreço das elites nacionais em erradicar a pobreza e o analfabetismo. Segundo afirma Gadotti (1995, p. 28) “... o analfabetismo é a expressão da pobreza, consequência inevitável de uma estrutura social injusta. Seria ingênuo combatê-lo sem combater suas causas”.

Dom Rey planejou o acesso à educação formal por meio de uma formação inicial para a alfabetização que, com a progressão dos estudos, preparava suas alunas para o magistério. Um mecanismo eficiente de recrutamento das meninas negras de camadas sociais ruralizadas para se apropriar do ensino católico e partilhar aos seus semelhantes, este aprendizado, nos moldes do que diz Albuquerque (1983, p. 18): “a transmissão de uma educação homogênea — mesma língua, mesma religião, mesma visão de mundo”.

Na perspectiva da Igreja Católica, representada pelo prelado, a instituição escolar era o espaço ideal para exercer a função evangelizadora, porquanto ser uma Instituição indispensável para a vida social na adequação do aprendizado fundamental e no convívio “entre irmãos”. Além de transmissora dos padrões religiosos, a escola e suas práticas de ensino compreendem várias esferas da vida social envolvendo política, saúde e formação moral.

Nesta perspectiva, implantou-se o curso normal de formação de professores, principiando a atuação católica numa área em que era comum a presença de missionários europeus. O centro-norte mato-grossense, há tempos, era uma espécie de “província do clero francês” comandado pelo bispado de Cáceres e seus colégios de freiras da Imaculada Conceição, situados à margem de parte da fronteira com o Paraguai.

Essa influência de católicos franceses na região do Guaporé conservou-se intensa até 2011, quando o último bispo francês Geraldo Verdier, aposentou-se e seu substituto no comando da atual Cúria (antiga prelazia) passou a ser o padre brasileiro Benedito Araújo. Entretanto, persiste o legado assistencialista na área da educação, com a manutenção da Escola Jardim Beija-Flor que atende crianças carentes no município de Costa Marques.

Mas, Verdier (2013) afirma que a história da instrução das meninas negras para o exercício do magistério, será sempre a pedra angular da obra do franciscano, considerado pelo povo ribeirinho, o responsável pela formação intelectual da população guaporeana (DUTRA, 2010). Indubitavelmente, este é legado de reminiscências concretas dos olhares e realizações de Dom Francisco Xavier Rey no Vale do Guaporé.

1.1 - DOM FRANCISCO XAVIER REY: DO PERFIL BIOGRÁFICO À INTERVENÇÃO EM MUNDOS ESQUECIDOS



Figura 1 —Pierre Elie Rey aos 29 anos (Dom Francisco Xavier Rey). **Fonte:** Arquivo da DGM

A imagem de Francisco Xavier Rey atravessou seu ciclo de vida e realizações vinculadas à formação de professores no Instituto Santa Terezinha. A construção da memória

de seu trabalho em áreas diversas foi uma tarefa dos seus admiradores católicos, efetivada pela Diocese de Guajará-Mirim (DGM). Por essa razão, seu perfil biográfico emerge neste trabalho como o principal nome da história do catolicismo nestas terras.

Era comum aos franciscanos formados no seminário de Albi na França, serem escolhidos e enviados para evangelizar nas colônias francesas e em países com o perfil semicolonial, entre eles o Brasil. Em regiões como a Amazônia e o norte de Mato Grosso, eram padres com perfil diversificado, visto que era necessário enfrentar uma multiplicidade de barreiras que a obra em prol da introdução e propagação do catolicismo exigia, desde o enfrentamento de situações com risco de morte, como dos povos nativos em defesa da sua autonomia, a vulnerabilidade física às doenças tropicais ou um mero encontro casual com animais ferozes ou peçonhentos.

A imensa área de florestas habitadas por um número de pessoas que se enquadrava neste perfil geográfico era o Vale do Guaporé. Ao chegar à cidade de Guajará-Mirim, cuja formação populacional é similar aos outros povoados e distritos do Guaporé, constituída de índios, mestiços e de uma maioria negra (alguns estudiosos denominaram a extensa região de “Vale Negro”), Dom Francisco Xavier Rey veio obstinado a dominar todas as “almas” desta a bacia hidrográfica, incluindo o rio Mamoré e a jurisdição eclesiástica, cujos limites se estendiam desde a sede da Prelazia até Vila Bela da Santíssima Trindade.

É no ano 1932, que esse religioso francês, nascido em 29 de junho de 1902 na aldeia de Fauch com o nome de batismo Pierre Elie Rey, tornou-se um pioneiro do catolicismo no reduto guajaramirense, constituído por terras pertencentes ao Estado de Mato Grosso. À época, Guajará-Mirim era ligado diretamente à Diocese de São Luís de Cáceres, embora fosse a Prelazia de Porto Velho que enviava, esporadicamente, um padre para celebrações religiosas, normalmente em datas festivas de maior tradição do cristianismo.

Aos 29 anos, Francisco Xavier Rey firmou os pés nas terras fronteiriças e não veio sozinho. Contava com o auxílio de dois missionários, Frei Francisco Maria Herail e Teófilo Arcambal, para partilhar do objetivo primordial que era colocar em prática a evangelização religiosa designada pelo Vaticano para a conversão dos nativos e a fundação da Prelazia.

Para garantir a sua influência sobre as classes populares e determinar uma única religião a ser seguida, Hugo (1991, p.54) afirma que esse “novo prelado poderia levantar colégios e mais igrejas, abrir escolas rurais e formar as mestras, enfrentando o muito que ainda faltava, poderia tentar a devassa das florestas para levar Cristo aos silvícolas”.

Filho de pequenos agricultores, na França, a labuta se traduzia na ajuda diária à família nos trabalhos do campo. O jovem camponês, ao decidir pelo sacerdócio, ingressou no noviciado dos Franciscanos da Terceira Ordem Regular de São Francisco, em Ambialet e ordenou-se sacerdote em Albi no dia 23 de junho de 1929. Começou sua vida peregrina em São Luiz de Cáceres no estado do Mato Grosso, com Dom Luiz Maria Galibert. Após fundar a missão de Guajará-Mirim, foi nomeado prelado a 25 de julho de 1931 e tomou posse da Prelazia recém-criada em 25 de janeiro de 1932.

Assumiu a responsabilidade de gerir uma jurisdição eclesiástica que ultrapassava os limites fronteiriços do município de Guajará-Mirim, levando as ações sacerdotais da Igreja Católica até a Bolívia, cujo povo, de maioria indígena, vivia em situação de miséria e abandono ainda mais grave do que os ribeirinhos e guajaramirenses pobres. Em reconhecimento ao seu trabalho, anos depois, a Igreja o credenciaria a ser o primeiro Bispo da cidade, consagrado na Igreja Nossa Senhora de Fátima em São Paulo no dia 9 de setembro de 1945, por determinação do Papa Pio XII (1939/1958) às autoridades eclesiásticas paulistas.

Na visão dos católicos da região e de Assunção (2012, p.33), Dom Rey evangelizou incansavelmente homens e mulheres abandonados nas sendas da floresta, “dando início a uma vida que seria toda ela de doação aos pobres, mercê do heroísmo que agia diante das lutas diárias e dificuldades que iam sendo superadas”. Eram brancos, negros, bolivianos e índios, trazendo-lhes a esperança espiritual e o auxílio material, numa época difícil, de desamparo das comunidades viventes inteiras em terras que pertenciam ao estado mato-grossense.

Ao se aproximar e invadir as tribos indígenas enfrentava o perigo das etnias que reagiam ao “intruso”, destinando-lhe reações bravias. Após a cooptação destes povos, começava o processo de catequese, mas, levava à floresta também, o socorro aos doentes e idosos moribundos nas malocas, tão logo o contato apresentasse maior proximidade, embora, parte destas tribos, desde logo, constituía-se em agrupamentos amansados desde a época da Comissão Rondon⁹. Nas terras onde se formaria o Território Federal do Guaporé, Cândido Mariano da Silva Rondon se apresentava como defensor dos índios. Sua experiência com os indígenas o fez presidir o Serviço de Proteção aos Índios, instituição criada em 1910 para assistência e defesa às populações indígenas.

⁹ No ano de 1900, Cândido Mariano da Silva Rondon chefiou a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso (1900-1906), que pretendia ligar as zonas das fronteiras com a Bolívia e o Paraguai. Em 1907, por ordem do presidente Afonso Pena, recebeu a chefia da Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915). Seu trabalho de instalação de Postos Telegráficos originou os diversos núcleos de povoamento que atualmente são cidades do Estado de Rondônia.

O mérito de Dom Xavier Rey entre os católicos consistiu na atuação ininterrupta e na manutenção de uma rotina eivada de assistencialismo aos mais pobres, prática comum aos religiosos franciscanos em missões nos locais afetados pela pobreza. Com uma estrutura limitada, alcançada com doações alheias, superou fragilidades, adaptando-a a realidade da época e ocupando o espaço deixado pelo negligente Estado.

Não havia pioneirismo religioso na prática da sua catequese com os nativos no entorno de Guajará-Mirim, conquanto, os frades franciscanos, desde logo, foram os primeiros religiosos a iniciarem esta modalidade de trabalho com os indígenas. Sabe-se que até 1549, eram os únicos a se dedicarem a tal responsabilidade. Burity (1988, p. 25) afirma que “os jesuítas, ao chegarem ao Brasil em 1549, já encontraram, entre os indígenas, certo número de cristãos catequizados pelos franciscanos”.

Dom Rey se diferenciou por imprimir múltiplas atividades no dia a dia, utilizando-se de uma forma diferenciada para se relacionar com os moradores da região, copiando-lhes o estilo do seu comportamento cotidiano, como estratégia para conquista. Esta similaridade de se apresentar em trajes simples edificou uma imagem sólida de admiração por todos os que o cercavam e convivia. O conceito era o de homem simplório, exemplo de religioso e construtor de templos, escolas e hospitais. (VERDIER, 2013).



Figura 2 - A simplicidade do vestuário de Dom Francisco Xavier Rey: uma característica para conquistar o povo ribeirinho. **Fonte:** Arquivo da DGM

Conforme denota a figura 2, Dom Rey quebrou um protocolo ao relegar a batina somente aos dias de celebrações religiosas, o que lhe valeu o epíteto de “bispo sem batina”.

Durante o labor cotidiano, cobria-se com roupas sem aparato, tais como macacão, calção ou um habitual pijama. Utilizava uma bicicleta¹⁰ para sua locomoção diária. Era comum vê-lo em cima dos telhados de construções ou trabalhando no descarrego dos materiais doados para suas construções, ou até mesmo bebericando doses de cachaça com seus evangelizados, comportamento incomum aos demais padres e bispos da época.

O ribeirinho, homem caracterizado pela extrema espontaneidade, olhava-o como seu semelhante, despido das honrarias eclesásticas, ou seja, sem qualquer protocolo comum ao exercício do poder eclesial e com caracteres peculiares aos dos próprios caboclos que o seguia. Se desta forma não expusesse esse comportamento isento de significações nobres, elaborado e seguido como uma nova artimanha, não teria conquistado a simpatia do povo.

Segundo Candau (1995, p.2) é por meio da cultura que se estabelece a relação entre mito e identidade. “Afirma-se cada vez mais a consciência de que se trata de uma dimensão configurada do humano em níveis profundos, no nível pessoal e coletivo”. Essa forma de se relacionar e se comunicar facilitaram o desenvolvimento de suas ações diretas com todos os setores sociais.

Dom Rey portava-se como um polivalente. Além de exercer o ensino na sala de aula quando se iniciou as atividades no Instituto Santa Terezinha, exercia outros ofícios como serralheiro, carpinteiro, mecânico, enfermeiro e motorista de caminhão, incorporando o espírito empreendedor nas diversas obras pelos povoados com doações materiais, fosse escola ou igreja. Utilizava o sistema de mutirão organizado com a mão de obra da comunidade. Sua atuação não se restringiu apenas a questão educacional. Fundou um hospital em Guajará-Mirim, mesmo enfrentando a dificuldade em conseguir remédios e médicos. Para isso usava a diplomacia com os bolivianos, para onde enviava os doentes mais graves do lado brasileiro em casos que necessitavam de cirurgia.

De certa forma, moldou-se na sua figura, um religioso influente, em razão dos seus atributos paternalistas na vida social das comunidades, abrangendo zonas de ação vitais em que o poder público do Mato Grosso não atuava, entre elas, setores essenciais e de difícil acesso aos mais humildes de Guajará-Mirim e povoados circunvizinhos como educação e saúde. Esta política assistencialista fez com que suas propostas atraíssem a subordinação dos fiéis ribeirinhos ao catolicismo.

¹⁰ Nos anos 50 e 60, a bicicleta era utilizada por autoridades locais. A Philips que pertenceu ao bispo Dom Francisco Xavier Rey, está guardada como lembrança e exposta no Museu Histórico de Guajará-Mirim.

Dom Rey, como representante da Igreja Católica na região, procurava consolidar sua presença, sobretudo por ser esta Instituição, na análise de Hugo (1991), era a instituição mais antiga da qual se tem registro na Amazônia. Como corolário do seu comportamento popularizou-se os adjetivos pessoais em sua homenagem como “Tuxaua do Guaporé”, “Batedor dos sertões” e “Semeador de templos, escolas e hospitais”. Algumas histórias (ou estórias) de heroísmo são contadas por seus seguidores, como esta relatada por Assunção (2012, p.75):

Ele nos contou que, em uma de suas desobrigas, assim que os índios ouviram o trotar dos cavalos, um deles saiu fora da maloca trazendo arco e flecha nas mãos. Ele e o seu companheiro se aproximaram, e o índio puxou o arco e a flecha e os empunhou em suas direções. Dom Rey desceu do cavalo, pegou o crucifixo que levava na sua veste de franciscano, beijou e mostrou para o índio dizendo: aqui, Papai Grande (referindo-se a Jesus). E andava em direção ao índio, até que este baixou o arco e ficou olhando. Dom Rey continuou beijando o crucifixo, e deu para o índio que também o beijou num gesto brusco e muito rápido.

Por trás deste esboço de homem dedicado ao próximo, encontrava-se um arcabouço da moral católica que o transformou num dos seus mais estratégicos representantes no Vale do Guaporé, entre as décadas de 30 e 60 do século passado. Ele utilizou a educação para preencher uma lacuna em âmbito regional e disseminar junto ao direito de frequentar uma escola, mesmo com características simplórias, a concepção e posição da Igreja na conquista peremptória do poder político e espiritual sobre as pessoas.

No Brasil, o governo provisório de Vargas (1930/1934) constituía como dever inalienável do Estado, a promoção da educação para a formação comum do homem, e em especial, o acesso à escola primária, que nos povoados guaporeanos ainda não existia, excetuando-se, um número reduzido de pequenas Instituições na zona urbana de Guajará-Mirim e Porto Velho, mas com acesso limitado.

A arte de alfabetizar, que deveria a base da educação de todo um povo espoliado por décadas de interesses e exploração das riquezas extrativistas, constituía-se apenas num sonho acalentado pelos habitantes das margens do rio Guaporé. As irmãs Izabel Assunção e Paula Oliveira são exemplos deste sonho, pois somente quando contatavam algum viajante letrado, estudavam algumas noções de matemática e conhecimento do alfabeto com garatujas escrita na areia do rio (ASSUNÇÃO, 2012).

A educação rural não era prioridade do governo do Mato Grosso, cuja política era pautada na indisponibilidade de vagas para a educação primária em locais de pouco povoamento e na distribuição irregular das unidades de ensino ao longo do imenso território

entre Vila Bela da Santíssima Trindade e Guajará-Mirim. Gomes (2012, p. 21) afirma que “os trabalhadores rurais eram excluídos formalmente do jogo político, mas também, em sua maioria, de qualquer educação escolar”.

Dom Xavier Rey, ao desembarcar nas terras amazônicas, optou em promover o estabelecimento de uma rede de escolas para alfabetizar as crianças e adultos, num ambiente apropriado para ensinar os ideais, os valores e a moral conservadora, sob a forma de transmissão definidos por ele. O fator dominação ideológica era de interesse mútuo entre a Igreja e o poder político.

As elites agrárias ligadas aos governos anteriores, mesmo com certo limite de vigilância, haviam cedido o controle da oferta de uma escolarização mínima destinada às camadas populares e parte deste controle, a esta altura, era exercido pela Igreja Católica em outros lugares do país. Ademais, o governo do Mato Grosso não disponibilizava programas educacionais específicos e voltados à escolarização do meio rural.

O trabalho assistencialista de Pierre Élie Rey o credenciou como representante da Igreja Católica nas terras do Guaporé e lhe atribui rapidamente o reconhecimento pelo Papa Pio XII que o nomeou Bispo em 1945. Apesar de ser dono de um temperamento instável, com ações intempestivas quando contrariado em suas determinações, ninguém ousava enfrentá-lo e quaisquer desconfiança sobre a sua moral era de imediato, blindado pelos seus defensores.

Cita-se o caso da acusação lhe imputada pelo funcionário da SPI, José Fernando Cruz, de desviar 10 milhões de cruzeiros do Governo Federal destinados à expedição realizada para o contato com os índios Pacaás-Novos em 1962. Seu auxiliar, o Frei Roberto Gomes de Arruda o defendeu publicamente, acusando o funcionário José Fernando de caluniador e incentivador da antropofagia entre os índios, apenas por ganância de fotografar e vender fotos sensacionalistas para jornais da época¹¹. Católicos de diversas localidades do Guaporé se mobilizaram em defesa intransigente do Bispo.

Desde os tempos de sua juventude, o seu fervor missionário pelo catolicismo, impôs-lhe total fidelidade à sua missão. As experiências e práticas socioeducativas vivenciadas no Instituto Santa Terezinha, sua escola de formação, passava a se tornar um instrumento de propaganda do poder da Igreja Católica em Guajará-Mirim e cidades guaporeanas e posteriormente, de Rondônia.

Num mundo distante dos grandes centros urbanos, sem visibilidade ao poder público, sua atuação logo o transformaria numa personalidade pública respeitada. Na visão dos seus

¹¹ Sobre as acusações e a defesa do fato relatado, ver Anexos, págs. 133, 134 e 135.

seguidores, obteve um início de atuação eficaz, demonstrando humildade com seu exemplo de vida, independente do que ele representava como liderança religiosa.

1.2 - A CIDADE DE GUAJARÁ-MIRIM COMO UM ESPAÇO DE MEMÓRIAS DE DOM FRANCISCO XAVIER REY

No transcorrer da colonização portuguesa, a partir do século XVIII, entre Vila Bela e Guajará-Mirim, foram criadas várias povoações às margens do rio Guaporé e afluentes, resultado de um processo de migração intenso. Algumas localidades, até os dias atuais, ainda mantêm entre seus habitantes, muitos descendentes com características étnicas derivadas da presença do africano escravizado que veio trabalhar compulsoriamente nas minas de ouro da região, na construção do Real Forte Príncipe da Beira ou compôs como fugitivo, o reduto do Quilombo do Piolho, num período contínuo de migração e busca pela liberdade.

Ao iniciar o século XVIII, o negro foi gradativamente sendo introduzido em Mato Grosso. Primeiro, em pequena quantidade, com o movimento das bandeiras e, a seguir, em maior número, pelas monções de povoados e de comércio, com o objetivo de escavar os cascalhos das minas de Cuiabá, descobertas em 1718 pela bandeira apresadora de Pascoal Moreira Cabral. Os negros trabalhavam longas jornadas nessas tarefas, sob friagens rigorosas, imersos nos ribeiros de ouro. (BRAZIL, 2005, p.1)

Em mais de quinhentos anos, um registro de extermínio e exploração, como afirma Freitas (2004) sobre a história do Brasil, não é somente visto pelos indígenas, mas, esse decurso de longa duração, passa pela obrigatoriedade da visão africana de forma geral, e amazônica, em particular. Nem as expedições encampadas pelos governadores da Província do Mato Grosso¹² para combater os quilombos no século XVIII, conseguiram reduzir a presença negra, nem evitar as fugas de Vila Bela da Santíssima Trindade para as vizinhanças dos arraiais existentes e afluentes do Rio Guaporé.

Até o final do século XIX, Guajará-Mirim era formado de alguns seringais, com povoação composta de poucos habitantes. Paralelo à construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), iniciou-se o aumento do contingente populacional do centro urbano no ponto final da estrada de ferro. O município somente seria criado em 1928, pela lei nº 991, assinada pelo presidente do Estado do Mato Grosso, Mário Correia da Costa.

A instalação da Comarca ocorreu em 10 de abril de 1929, tendo como primeiro Intendente nomeado, Manoel Boucinhas de Menezes, que mais tarde, seria um dos

¹² Entre as bandeiras mais poderosas e que obtiveram êxito está a dirigida pelo Capitão-Mor João da Costa Pinto contra o Quilombo do Piolho em 1770.

colaboradores de Dom Xavier Rey no funcionamento da primeira escola criada pelo franciscano em 1932. Ter a amizade e o apoio do Prelado mais popular do Vale do Guaporé sempre haveria de ser um bom negócio na arte da política.

Nas primeiras décadas do século passado, o município de Guajará-Mirim era dotado de razoável organização e eficiente estrutura, sobressaindo-se o seu comércio de bens e serviços para atender uma população fronteiriça, a exportação da borracha, da castanha e da poaia¹³ além do funcionamento, mesmo limitado, de órgãos públicos. A estrutura administrativa da época incluía a delegacia de polícia que funcionava com efetivo de 10 praças e um sargento da força estadual. Encontrava-se em atividade também, a coletoria, um posto fiscal, telégrafo e correio e algumas escolas. (Ver figura3)



Figura 3 – Guajará-Mirim nos anos 40. **Fonte:** SEMCET

A população se situava em torno de 1500 habitantes (estimativa da DGM). Ressalta-se um aglomerado de poucos cidadãos guajaramirenses. A composição incluía números maiores de bolivianos, nordestinos, caboclos e negros, além de imigrantes de várias nacionalidades como os imigrantes vindos, em consequência, do primeiro ciclo da borracha ou da construção da EFMM, entre gregos, turcos, libaneses, japoneses, espanhóis, barbadianos, portugueses, ingleses, americanos, franceses e alguns missionários jesuítas e salesianos que atuavam, mesmo que de forma não contínua, nos povoados da região do Guaporé.

O prolífico discurso católico utilizou sua proposta de instituir nas terras amazônicas, uma civilização devota ao catolicismo. Na região do Mamoré, essa fase se iniciou oficialmente em 25 de janeiro de 1926, quando aconteceu a inauguração da primeira capela

¹³ Erva rubiácea medicinal, também conhecida como Ipecacuanha.

em homenagem à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. A obra construída pelo Coronel Paulo Saldanha¹⁴ teve a participação direta do povo católico de Guajará-Mirim.

Em 20 de dezembro de 1928, é nomeado o padre salesiano Carlos Antônio Peixoto, primeiro pároco de Guajará-Mirim. A dimensão desta proposta de evangelizar em nome de Jesus Cristo resulta na criação da prelazia de Guajará Mirim, criada pela Santa Sé no dia 1.º de março de 1929, por meio da bula "*Animarum Cura*" do Papa Pio XI, um dos responsáveis por delegar a jornada a Dom Xavier Rey, a quem recebeu pessoalmente no Vaticano, confiando-lhe a missão de catequizados índios e convertidos ribeirinhos e seringueiros.

Em Guajará-Mirim, Dom Rey implantou a primeira escolada Prelazia para atender as comunidades ribeirinhas. Mas, a construção desta Instituição teve a exclusividade de preparar as primeiras professoras. Entre os grupos humanos que formavam o campesinato às margens do rio Guaporé, pode-se destacar a inexistência de uma educação formal em que se ensinassem os rudimentos da escrita, que não mais reproduzisse formas de silêncio e ocultamento das comunidades camponesas.

Para as elites brasileiras e nesse ínterim, consideram-se os homens ricos da região amazônica, em um país agrário, mulheres, indígenas, negros e camponeses não precisavam aprender a ler e escrever, sobretudo, partindo da premissa que nessa concepção para desenvolver o trabalho agrícola não se necessitava de nenhum modelo de letramento. A escola pública brasileira, durante longos anos, atendia apenas as camadas sociais urbanas com poder aquisitivo melhor, sendo o processo de alfabetização, inacessível para grande parte da população residente nos campos ou nos confins da floresta.

Como a maioria dos processos de invasão religiosa, nada foi preservado ou considerado relevante pela Igreja no que se refere à cultura nativa ribeirinha, ou até mesmo, ao aprendizado herdado dos ancestrais e centrado no contexto cultural local. Dom Xavier Rey não deu importância ao papel fundamental da escolarização não formal dos agrupamentos sociais, cujo conhecimento, materializava-se nos trabalhos extrativistas, no domínio das ervas para cura e no processo de falas significativas para transmissão oral entre os membros da comunidade.

As identidades que constituíram o projeto desenvolvido pelo Prelado francês, deve-se considerar a concepção que estabelece a cidade de Guajará-Mirim, em razão do pioneirismo

¹⁴ Coronel da Guarda Nacional, Paulo Cordeiro da Cruz Saldanha foi um grande empreendedor amazônico que gerenciou a Guaporé Rubber, empresa do lendário Percival Farquhar, fundando após comprar a empresa dele, o Serviço de Navegação do Guaporé – SNG, na qual Dom Xavier Rey se utilizava para fazer suas incursões religiosas pelas comunidades ribeirinhas, até vila Bela da Santíssima Trindade.

do lugar na produção socioeconômico, político e cultural em Rondônia. A cidade se tornou palco de realizações nos campos religioso e educacional, sobretudo porque, abrigava a Prelazia, de atuação assaz abrangente em termos territoriais.

A fé e as ferramentas utilizadas na busca pela conquista de fiéis das almas se disseminavam por uma área de 120.000 quilômetros quadrados e várias comunidades ao longo de uma faixa fluvial dos rios Guaporé e Mamoré. É uma gigantesca região, cujo marco é o Rio Guaporé, que nasce na extremidade setentrional da Serra dos Parecis em Mato Grosso e tem seu curso com 1.717 km e 1.500 destes, propícios à navegação. Os rios Guaporé e Mamoré são divisores da fronteira entre Brasil e Bolívia.

Para a Prelazia, o assistencialismo era obrigatório do ponto de vista moral, para retirar do que ela considerava como “isolamento”, homens e mulheres que para aqui vieram, ou aqui nasceram, afastando-os das dificuldades maiores. Dom Rey, essencial para que aquelas almas conquistassem a afirmação cristã. A reconstituição histórica e apresentação das escolas criadas por Dom Francisco Xavier Rey a partir de 1933, tornaram-se conhecidas em razão das recordações contidas nos depoimentos das professoras negras, moradoras das comunidades ribeirinhas e que foram alunas do Instituto Santa Terezinha.

O quadro de analfabetismo diagnosticado por Dom Xavier Rey, quando da sua chegada para dirigir a prelazia, manifestou-se como o problema social mais urgente. Nas suas primeiras viagens constatava o analfabetismo infantil, a ausência de professores e o esquecimento da escola por parte do governo, em localidades como Vila Bela, Pedras Negras, Santo Antônio, Rolim de Moura do Guaporé, Limoeiro, Santo Antônio, Vila Murtinho, Carvalho, Pimenteiras e outras em povoamentos menores.

Gomes (2012) nos revela que as escolas existentes eram particulares e destinadas ao ofício profissionalizante. A escola gratuita fundada pelo Coronel Paulo Cordeiro da Cruz Saldanha, criada em 1924 e dirigida pelo Professor Carlos Costa era destinada apenas ao público adulto da região, o que relegava os sujeitos sem posses materiais, um mínimo de conhecimento da leitura e da escrita.

Até 1932, a atuação do Governo de Mato Grosso deve ser observada como uma questão dirigida naquele momento à assistência apenas aos núcleos urbanos, entre eles, Guajará-Mirim e Vila Bela, locais com maior número de pessoas e únicos redutos com capacidade de arrecadar tributos para os cofres governamentais. Porto Velho, apesar do grande movimento por causa da EFMM, pertencia ao governo do Amazonas.

No vazio deste espaço, o papel da educação católica no Vale do Guaporé consolidava-se num modelo de transformação que poderia não só ser observado e descrito, mas, sobretudo, ajustado e adequado ao projeto pensado por Dom Xavier Rey, que era apoiado pelo discurso das elites políticas e econômicas da cidade de Guajará-Mirim e das autoridades do Estado de Mato Grosso.

Guajará-Mirim se caracterizava como centro econômico mais desenvolvido da fronteira, além de disponibilizar aos comerciantes e demais cidadãos, o apoio logístico da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré na rota até Porto Velho. Dispunha também dos serviços de transporte da Companhia de Navegação do Guaporé implantada pelo Coronel Paulo Cordeiro da Cruz Saldanha (Figura 4), que, mais tarde, acabou adquirindo o controle da Empresa, tornando-se proprietário.



Figura 4 - Coronel da Guarda Nacional Paulo Cordeiro da Cruz Saldanha. **Fonte:** Felipe Assad Azzi¹⁵

Em fins dos anos 1940, Saldanha transferiu o patrimônio para o Governo Federal, procedido da criação da empresa Serviço de Navegação do Guaporé, a SNG. Os objetivos continuaram os mesmos: transportar seres humanos, gêneros e demais cargas, levando o correio, enfim, reduzindo parte do isolamento, as populações ribeirinhas dos rios Mamoré, Guaporé e seus afluentes. Ressalta-se que o Coronel Saldanha, como superintendente da

¹⁵Advogado guajaramirense nascido em Limoeiro do São Miguel, no Alto Guaporé e executivo aposentado do Banco da Amazônia.

Companhia de Navegação Guaporé, prontificou-se em atuar como colaborador de Dom Xavier Rey. Em 1932, tomou pra si a responsabilidade pela entrega das primeiras missivas endereçadas aos pais das meninas negras nos povoados por onde ancorava os barcos, comunicando o funcionamento do Instituto Santa Terezinha e o pedido de liberação de uma ou duas meninas para participar da formação escolar.

Guajará-Mirim é a cidade que celebrou a memória de Dom Francisco Xavier Rey, ao se tornar o centro vinculado ao desenvolvimento das ações da Prelazia e, concomitantemente, o espaço para a construção da memória sobre a atuação deste religioso francês que firmava suas missivas com o epíteto de “Tuxaua do Guaporé”, cujas ações assistenciais permanecem ainda viva-se influentes no presente do povo católico guaporeano (VERDIER, 2013).

1.2.1 - ALIANÇA ENTRE A IGREJA CATÓLICA E O ESTADO VARGUISTA

Quando Dom Francisco Xavier Rey começou a dirigir a Prelazia de Guajará-Mirim, o cenário educacional do Brasil apresentava um quadro de alterações políticas no comando nacional. Um “novo” poder emergia em busca de apoio político das forças econômicas para configurar a dominação política do grupo liderado por Getúlio Vargas, que havia perdido nas urnas, mas, numa reviravolta golpista, assumiu a gestão da presidência com ideais voltados a libertar o país do atraso econômico.

O campo econômico apresentava uma aguda crise do modelo agrário-comercial exportador cuja dependência aguda impossibilitou a manutenção das elites agrárias ligadas no poder, ao tempo em que se iniciava estruturação do modelo nacional-desenvolvimentista, assente numa industrialização que no Brasil, emergia de forma tardia. Como consequência dessas modificações, uma nova composição social se caracterizava pela complexidade de seus elementos formadores: pequena burguesia, camada média de intelectuais e o operariado nascente. Eram transformações que entre outras exigências, demandavam por mais escolas de formação, até então, uma prerrogativa para o topo da pirâmide social. No país arrebatado pelo oportunismo de Vargas, iniciava-se o procedimento de aproximação entre o Estado oficialmente laico e as autoridades do clero no âmbito de uma sociedade marcada pelo racismo e pela exclusão social.

Neste panorama, a educação da Era Vargas se caracterizou pela luta puramente ideológica entre liberais defensores da Escola Nova que segundo Saviani (1985, p.14) “organizou-se basicamente na forma de escolas experimentais ou como núcleos raros, muito

bem equipados e circunscritos a diminutos grupos de elite”, contra o imutável conservadorismo dos educadores católicos na defesa da família, do patriotismo e do respeito às autoridades.

A atuação governamental se inicia com algumas medidas inovadoras como a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), a reforma do ensino secundário e do ensino superior em 1931. Ao mesmo tempo acontecia o Manifesto dos Pioneiros pela Educação Nova em 1932, período em que ocorre o rompimento entre católicos e o grupo de renovadores. Dois ministros exerceram papéis de atuação destacada durante o período de reformas: Francisco Campos, Ministro da Educação e Saúde Pública nomeado em 1931 e Gustavo Capanema que assumiu em 1934.

De 1930 em diante, ganhava a ditadura Vargas um aliado importante para suas aspirações de domínio total do poder. Como força poderosa em países pobres, a Igreja Católica, que até então, tinha assumido uma posição meticulosa em relação ao governo golpista que derrubou os cafeicultores paulistas e prometeu a modernização do país, tempos depois, alia-se a Vargas, mesmo que de forma não oficial.

Como Instituição clerical, a igreja romana era um importante elemento político de apoio para qualquer governo que assume o poder com o uso da força e em litígio com a legalidade. A indicação do jurista Francisco Campos para comandar o MESP contou com o apoio dos líderes católicos. Getúlio Vargas atraía o apoio do clero como aliado às suas intenções de poder e extinguiu praticamente o laicismo do ensino, permitindo a volta do ensino religioso católico nas escolas, em especial, nas que ofereciam o ensino primário.

Horta (1994, p. 96), ao analisar a solidificação desta aliança, afirma que “na medida em que o Estado laico se aproxima do fim, o aprofundamento da questão social, o crescimento e a radicalização política da pequena burguesia e do operariado farão com que o comunismo apareça no horizonte da Igreja como o novo adversário”. E era necessário se apegar e agradar às elites para manter distante quaisquer modelos ou idéias comunistas que ameaçasse os privilégios do clero.

Sabendo da aversão das elites burguesas contra as idéias marxistas representadas pelo regime soviético e certo da anuência das forças varguistas em combatê-lo, essa aliança “oficiosa” tinha o caráter de reciprocidade entre religião e política, assaz fortalecido. Por longo tempo se propagou por todos os estados brasileiros e manteve presente o sistema de coronelismo herdado da Primeira República. A propagação da fé cristã não hesitava em abençoar conspiradores para dizer ao povo que “o reino de Deus” não abria as portas para o

advento das ideias sobre mudanças sociais e políticas que quebrassem paradigmas da ordem constituída sob o alicerce do tradicionalismo católico ou ameaçasse a ordem constituída.

O resultado imediato da concórdia política com a Igreja Católica, cujo representante principal era o Cardeal Dom Sebastião da Silveira Cintra Leme¹⁶, ocorreu em 30 de abril de 1931, quando se promulgou, a pedido do MESP, o Decreto-Lei 19.441, que reintroduziu o ensino religioso nas escolas públicas, sendo esta a principal reivindicação do clero. O governo Vargas atendeu às expectativas da cúpula episcopal, abolindo-se o impedimento republicano que vigorava desde 1891, quando os militares iniciaram o desmonte do estado monárquico¹⁷. É de bom grado salientar que o decreto, antes de ser promulgado, passou pelo crivo de Dom Sebastião Leme.

(...) por ordem de Dom Leme, o Padre Leonel Franca, Assistente Eclesiástico do Centro Dom Vital, consulta o Ministro da Educação sobre a oportunidade de uma ação imediata da Igreja neste sentido. A pedido do Ministro, o Padre Franca redige um projeto de decreto, que será aprovado por Dom Leme e entregue a Francisco Campos, em 15 de abril de 1931. O ministro da Educação introduzirá algumas modificações no projeto e encaminha-lo-á, três dias depois, acompanhado de uma exposição de motivos, a Getúlio Vargas” (HORTA 1994, p. 98).

Selado o pacto com o governo, a Igreja Católica por seu turno, oferecia suas dádivas ao governo, comprometendo-se transformar o seu ensino religioso nas escolas, num instrumento que iria bem além de cooptar e formar moralmente a juventude: seria um mecanismo ideológico contra o liberalismo e o marxismo, cujas ideias sobre a educação causava controvérsias e receio entre católicos e a elite conservadora.

Segundo Lenharo (1986), Getúlio Vargas utilizou a religião como instrumento para a sua dominação política pelo seu poder de alcance social na cooptação dos católicos e sua fé. O estado ditatorial, ao manter o espírito cristão, forjava uma imagem heróica ao presidente de “Pai da nação” ou de “Pai dos pobres”, como se auto intitulava e, para este *marketing* político funcionar, a perspectiva cristã se apresentava com um fundamento indispensável. Alcir Lenharo ainda menciona o chamativo apelo popular utilizado na proclamação da figura mítica

¹⁶ Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra tomou posse da diocese de Olinda em 1916. Em 1921, foi transferido para o Rio de Janeiro onde se tornou líder do catolicismo. Seu conservadorismo exacerbado o fez buscar intelectuais para as causas cristãs.

¹⁷ Segundo Bandeira (2000), outras reivindicações foram atendidas com o apoio de Vargas no Congresso, quando da elaboração da carta constitucional de 1934. Cita-se como relevantes, o reconhecimento do casamento religioso para efeitos civis, a permissão para cemitérios próprios, as forças armadas com capelães presentes, uma lei que garantia a propaganda contra movimentos subversivos como forma de enfrentar a ameaça do comunismo e o direito dos religiosos votarem nas eleições civis.

de Nossa Senhora Aparecida, transformada em padroeira do Brasil, em cerimônia prestigiada por diversas lideranças políticas. A Igreja Católica além de uma aliada de peso do Estado em questões políticas mais complicadas, mantinha sua influência política no governo, independente de estar ou não oficialmente ligada ao Estado.

A ambição de poder de Getúlio Vargas o afastava cada vez mais da esperança popular por um regime mais democrático e com os ideais de se construir uma escola pública, obrigatória, laica e gratuita, com novos ares de modernidade. Soma-se a isto, a inculcação dos valores essenciais para a divulgação dos ideais de autoritarismo e do nacionalismo, necessário para constituir a base de justificação ideológica do pensamento político e autoritário (HORTA, 1994).

A atuação da Igreja foi o modelo ideal por utilizar a educação como aparelho repressivo tendo como fim precípua a formação da mentalidade da população brasileira, à época constituída por mais de 75% de analfabetos. Inúmeros problemas da educação brasileira não eram somente de ordem pedagógica. Muitos deles eram de ordem política e econômica, sobretudo, o atraso social e uma ignominiosa concentração de renda. Este é um quadro herdado do Império, mas, agravado pela inércia dos republicanos, que no período pós-golpe, mantiveram o putrefato esquema de privilégio das elites, em detrimento da pobreza que dominava a população da época, a maioria residente na zona rural, como demonstram as tabelas abaixo.

Tabela 1 - Evolução da população rural-urbana brasileira – 1940/1960

Anos	População Total	População Urbana	%	População Rural	%
1940	41.236.315	10.410.072	25,5	30.826.243	74,8
1950	51.944.397	16.011.357	30,8	35.933.040	69,2
1960	70.992.343	32.004.343	45,1	38.984.526	54,9

Fonte: FIBGE. Censos Demográficos do Brasil. 1950 a 1980.

Tabela 2 - Evolução da população rural-urbana do Território Federal do Guaporé/Estado de Rondônia – 1950/1970

Anos	População Total	População Urbana	%	População Rural	%
1950	36.935	13.816	37,4	23.119	62,6
1960	70.232	30.626	43,2	39.606	56,8
1970	111.064	59.564	53,6	51.500	46,4

Fonte: MINTER/SEPLAN/RONDÔNIA (s/d) e Rondônia (1995).

Nota-se que em 1950, o Território Federal do Guaporé dobrava a estimativa de 30.000 pessoas de 1930, dos quais mais de 60%, moravam nas áreas de florestas, em pequenas propriedades de lavoura de subsistência ou espalhados pelas áreas extrativistas. Essa predominância do rural sobre o urbano continuou até os anos 70 quando ultrapassou os 100 mil habitantes, mas mantinha metade da população na zona rural, embora com um processo contínuo de decréscimo.

Diante do quadro de transformações econômicas, o Governo Vargas representa uma nova fase do capitalismo brasileiro com o início do processo de substituição de importações. O crescimento do setor industrial e o início do declínio do setor agrícola, foram fatores que contribuíram para o princípio de uma expansão urbana desequilibrada e associada ao crescimento demográfico, alimentou a concentração de renda, a pobreza e o analfabetismo, além de aumentar a migração interna com a troca do campo pela cidade.

Logo, a evolução a níveis razoáveis da educação passaria por medidas e ações governamentais. O dever de tomar a frente de um grande movimento de conscientização e mudança, não cabia somente aos intelectuais e educadores, mas também ao Poder executivo. A respeito do dever do governo para com a educação, afirmava Teixeira (1957, p.45):

O dever do governo – dever democrático, dever constitucional, dever imprescindível – é o de oferecer ao brasileiro uma escola primária capaz de lhe dar a formação fundamental indispensável ao seu trabalho comum, uma escola média capaz de atender à variedade de suas aptidões e das ocupações diversificadas de nível médio e uma escola superior capaz de lhe dar a mais alta cultura e, ao mesmo tempo, a mais delicada especialização. Todos sabemos quanto estamos longe dessas metas, mas o desafio do desenvolvimento brasileiro é o de atingi-las, no mais curto prazo possível, sob pena de perecermos ao peso do nosso próprio progresso (TEIXEIRA, 1957, p. 45)

A luta dos renovadores era especialmente contra a educação republicana que conservava o caráter elitista, apoiado no conteúdo curricular enciclopédico, e preparava exclusivamente a elite dirigente, favorecendo alunos oriundos das camadas superiores da pirâmide social, detentores da eficácia de resolução das rígidas avaliações. Ou seja, a mudança prometida não se concretizou pelo medo mórbido de esclarecimento do povo.

Nos ambientes educacionais brasileiros, as relações de influência que os filhos da elite burguesa traziam do seu rico mundo social e familiar eram o esteio de dispositivos ideológicos conservadores e que se metamorfoseavam em forma de dons e vocação para dirigir o poder, com os quais se garantia a legitimação da superioridade de poucos privilegiados sobre a grande massa, seguidora do caminho inverso.

Segundo Sposito (1984), o acesso à educação primária nos anos de 1930 e 1940, auge da implantação das propostas educacionais pelo governo Vargas, apesar da ampliação na oferta de vagas nas escolas primárias, mormente nos centros urbanos, a política governamental não atingiu a maioria da população infantil. Durante grande parte do século passado estas populações ribeirinhas mantiveram-se na expectativa de garantir a posse dos estudos das primeiras letras pelas suas crianças. Na **Tabela 3**, observa-se que a relação entre as matrículas no ensino primário não condicionam o seu aumento ao crescimento econômico, vide a ausência de políticas públicas voltadas à educação do povo.

Tabela 3 - Taxas Médias de Crescimento Econômico e Crescimento da Taxa de Matrícula no Ensino Primário Fundamental Comum por Governo, Brasil, 1930-1964

Governo	Período	Taxa média de crescimento econômico (%)	Taxa média de crescimento da taxa de matrícula no primário fundamental Comum
Vargas	1930 – 1937	4,59	5,02
Vargas	1938 – 1945	3,44	0,65
Dutra	1945 – 1950	7,64	4,16
Vargas	1950 – 1954	6,18	1,34
Kubitschek	1956 – 1960	8,12	2,31
Goulart	1962 – 1963	3,60	6,17

Fonte: MEC – Principais atividades e realizações, 1930 – 1967.

Observe-se ainda que durante a vigência do Estado Novo (1937/1945), o crescimento de matrículas foi pífio, o que talvez possa ser explicado como consequência da Segunda Guerra Mundial (1939/1945), período em que o governo Vargas participou ativamente com a venda da produção gomífera amazônica aos aliados. A educação não era naquele momento uma prioridade, embora o número de matrículas do período somente aparece superado no governo Goulart (1961/1964).

Influenciado pelo contexto de regimes totalitários em voga na Europa, o patrulhamento ideológico de Vargas disciplinava a consciência coletiva das massas sem acesso ao estudo libertador, doutrinando-as de forma que, quando necessário, tornasse-as completamente insensibilizadas diante das lutas de classes, requisito singular para a

manutenção dos privilégios da elite e de ditadores no poder¹⁸. Como afirma Cury, (1984, p.107), acerca da educação popular: “saiu-se pior a classe dominada. Estava longe o nascimento da ‘escola do povo’. A educação escolar continuou sendo agente das classes dominantes, (...)”. Grosso modo, a elite não vislumbrava quaisquer interesses na construção de um sistema nacional de educação pública cuja reforma propusesse um ensino primário inovador que privilegiasse a educação popular.

Portanto, o fato da formação das professoras negras estudarem num currículo elaborado onde a cultura da moral cristã era primordial, acompanhava uma regra geral imposta pelo governo Vargas à população brasileira, de um ensino amparado por metodologias e formação de professoras, voltado à fusão do binômio escola/igreja numa relação de trocas de favores e na formação da base espiritual do seu governo com o catolicismo. Distante do que ocorria na esfera política do país, a população dos povoados às margens do Mamoré/Guaporé formava uma camada social de negros e mulatos que, sem articulação como grupo social, permanecia desvinculado das ligações com a cidadania que, se em todo o caso se apresentava limitada no Brasil, nos rincões amazônicos praticamente inexistia.

Sem forças de fazer reivindicações de cunho político, o ribeirinho do Guaporé seguia seu cotidiano de sobrevivência com o trabalho extrativista. As escolas fundadas por Dom Xavier Rey é, sem controvérsia, a primeira experiência de ensino religioso no Vale do Guaporé voltada ao povo ribeirinho. Mas, as experiências educacionais ali realizadas também objetivavam disseminar o catolicismo em Guajará-Mirim, nos seus distritos e nos povoados.

A Prelazia de Guajará-Mirim, ao fundar o Instituto Santa Terezinha, ruralizava seu projeto missionário e planejava aproximar sua relação com a educação. Para a oficialização das atividades, buscava amparo financeiro e burocrático com o Estado do Mato Grosso, articulando-os com a fundação de várias escolas em todas as comunidades existentes entre sua cidade-sede e o município de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Se em nível nacional, Vargas procurava atender a nova elite burguesa ao formar mão-de-obra para industrialização, em nível regional, Dom Francisco Xavier Rey se aproximava dos setores da população mato-grossense para um consenso em torno dos valores

¹⁸ Sobre Vargas, D'Araújo, (1997, p. 10) afirma que “nos anos 30, passou a atuar como único chefe da nação e, em nome de um projeto que julgava ser o melhor para o país, fechou o congresso, reprimiu as liberdades públicas, isolou os descontentes, perseguiu inimigos, cooptou possíveis opositores, impôs-se como chefe de Estado e projetou-se como líder popular, como populista e como estadista”.

católicos por meio da formação de professoras que passariam, sob sua supervisão, a controlar a educação e o ambiente social das comunidades extrativistas na região do Guaporé.

À época, havia uma incipiente proposta de desenvolvimento de uma política educacional no Brasil com objetivo de começar a atender parcialmente os excluídos da zona rural. Paiva (1987, p.127) afirma que a fundação de Escolas Normais Rurais havia sido proposta na realização do Congresso Nacional de Ensino Regional, realizado em 1934 e, *pari passu*, viria a ser adotada em várias regiões do país.

Havia pouca demanda pela educação nas regiões rurais do Brasil. Segundo Romanelli (1999, p. 60), essa baixa demanda por educação se explicava pelo predomínio do setor agrário na economia e a utilização de formas anacrônicas de produção. Com a ascensão do pensamento burguês e a possibilidade de industrialização da região sudeste, a educação passava a ser olhada de maneira diferenciada.

As instituições educacionais destinadas ao campo foram criadas pelo governo Vargas em função da necessidade de se desenvolver uma política educacional identificada com os interesses das populações rurais, ainda que tal iniciativa estivesse longe de resolver os problemas existentes nesse âmbito. Havia inúmeras dificuldades financeiras de se erguer ambientes adequados ao ensino, adquirir e transportar materiais didáticos para o trabalho e principalmente, as condições precárias na formação pedagógica de muitos professores.

Em síntese, dez anos depois de Vargas tomar o poder, a educação do Estado Novo apresentava a partir de 1940, por meio das reformas de Gustavo Capanema, alguns avanços educacionais que atendiam apenas as exigências da burguesia industrial, e suas atividades em curso no país, que já se beneficiava com os subsídios do Estado Varguista. Como expressão daquele período, tivemos os seguintes decretos-lei: Leis Orgânicas do Ensino Industrial (1942), Comercial (1943), Agrícola (1946) criação do SENAI (1942) e SENAC (1946), a rede de Escolas Técnicas Federais (1942) e a Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942).

A Lei Orgânica do ensino primário deveria se configurar numa das principais reformas (aprovada pelo Decreto Lei 8.529/46), sobretudo pela criação do Fundo Nacional do Ensino Primário, com tributos federais a serem criados e a partir de 1944 e a definição de que 5% dos impostos de consumo de bebidas seriam destinados a atender alunos com idade entre 7 e 12 anos. Porém, a análise de Cunha (1981, p.135) é de que,

[...] as exigências da Lei Orgânica do Ensino Primário de 1946 estavam muito além das reais possibilidades dos sistemas estaduais. Ainda que os estados tivessem maiores dotações orçamentárias para o setor educacional, seria impossível enfrentar,

por exemplo, o problema do analfabetismo, de proporções e causas que extrapolavam o âmbito de responsabilidade da área de educação.

Observa-se que, mesmo diante da difusão das Escolas Normais Rurais na busca de melhoria para o ensino, mais especificamente o rural, a região Norte do país apresentava, no início dos anos 40, no máximo 30% dos docentes com baixo nível de escolaridade e identificados com o magistério, carência que se apresentava bem mais acentuada na região do Mamoré/Guaporé. A necessidade de escolas isoladas era incontestável e segundo Souza (1998, p.51):

Durante as primeiras décadas deste século elas sobreviveram à sombra dos grupos escolares nas cidades, nos bairros e no campo. Apesar de elas serem consideradas tão necessárias, os grupos foram mais beneficiados, e nelas continuou predominando a carência de tudo: materiais escolares, livros, cadernos, salas apropriadas e salário para os professores.

Almeida (2005, p. 278) reforça que os estudos sobre a educação rural no Brasil constituem uma área de investigação que ainda se constituiu como propósito acadêmico importante, ou seja, ignora alguns sujeitos, ficando à sombra das práticas pedagógicas e dos atores educativos, “salientando e legitimando alguns grupos e esquecendo-se da importância do meio rural como se não fizessem parte da história”.

A educação pública era uma necessidade política e social, visto que, além do possível preparo da massa para as eleições gerais, que durante a Era Vargas nunca se concretizou. Numa visão social mais crítica, o presidente objetivava implantar suas diretrizes educacionais como um meio controlador da ordem social e política (SOUZA, 1998, p. 27), em conformidade com a doutrina da conformação sempre pregada pelo clero aos pobres.

1.2.2 - PRIMEIROS TEMPOS: COTIDIANO MARCADO PELO ANALFABETISMO E FUNDAÇÃO DA PRIMEIRA ESCOLA DA PRELAZIA DE GUAJARÁ-MIRIM

Para se entender a história da educação do Vale do Guaporé e de Rondônia é fundamental conhecer o trabalho da Prelazia guajaramirense nos anos de 1930, quando Dom Francisco Xavier Rey decidiu trazer para Guajará-Mirim, trinta e uma meninas negras criadas nos seus longínquos redutos, com fins de educá-las e devolvê-las às suas comunidades para exercer o magistério.

Eram tempos difíceis em que as escolas nos povoados do Vale do Guaporé inexistiam. Para frequentar um banco escolar, o caminho era trocar a roça por cidades como

Guajará-Mirim ou Porto Velho, desde que a família possuísse condições financeiras para assegurar a educação dos seus filhos, o que era raro entre a população da região, conforme a análise de Dutra (2010, p. 59):

Todavia, percebe-se a ausência do Estado naquelas paragens, nas povoações localizadas entre Vila Bela da Santíssima Trindade e Guajará-Mirim. Acerca disso, foram encontrados registros de pedidos para a criação de escolas em diversas localidades, mas não há vestígios de documentos comprobatórios de sua concretização. O fato é que, naquela época, mesmo havendo uma legislação educacional para o estado de Mato Grosso, as dificuldades de penetração no interior dos povoados guaporeanos podem ter inviabilizado as ações do Governo para o trato com a Instrução Pública.

Nessa perspectiva, a escola era o objetivo fundamental a ser conquistada, e a sala de aula, um instrumento vital, não apenas em seu aspecto pedagógico como também em sua forma institucionalizada, pelo menos para aprender a ler e escrever, pois nem essa alternativa, o estado do Mato Grosso proporcionava.

O projeto educacional de Dom Francisco Xavier Rey, significou compromisso com a expectativa de escolarização que não causava a mínima preocupação para as elites locais (comerciantes e seringalistas). Na tabela 04, observa-se que a maioria das escolas em funcionamento estava localizada na cidade de Porto Velho, com domínio absoluto do setor privado sobre o ensino público.

Portanto, a baixa escolaridade da região do Guaporé se configurava pela ausência de oportunidades e condições mínimas para o acesso da população das comunidades rurais e da própria zona urbana de Guajará-Mirim. Há de se reconhecer que este quadro começa a se alterar em janeiro de 1932, a partir da assunção à prelazia de Guajará-Mirim do frei franciscano Francisco Xavier Rey.

Ao chegar ao Vale do Guaporé, colocou em prática a vocação missionária para a evangelização a serviço da Igreja Católica. Foi percorrendo a prelazia para as desobrigas pelos rios Guaporé, Mamoré e afluentes, que constatou o analfabetismo da população e, em algumas comunidades, inúmeros indivíduos semipagãos no conceito cristão.

Por conseguinte, decidiu pela ideia de não só ensinar a fé cristã, mas destinar-lhes a alfabetização como meio inicial de instrução. Desta forma, a Igreja inicia o sistema de ruralização da educação no Vale do Guaporé, condicionando a formação e distribuição das primeiras professoras formadas em Guajará-Mirim às construções das primeiras escolas nas comunidades ribeirinhas.

Tabela 04 - Primeiras escolas fundadas (1913 a 1940) entre Guajará-Mirim e Porto Velho¹⁹

ESCOLA	ANO DE CRIAÇÃO	LOCAL	FUNDADOR
Escola Pública Municipal	1913	Santo Antônio do Alto Madeira	Dr. Joaquim Augusto Tanajura
Escola Mista Municipal	1915	Porto Velho	Fernando Guapindaia de Souza Brejense
Escola Pestalozzi (Particular)	1921	Porto Velho	Professor Paranatinga Filho
Colégio Ordem e Progresso (Particular)	1921	Porto Velho	Professora Izaura Arraes
Escola Mista (Particular)	1921	Porto Velho	Professora Alice Borges
Escola da Irmã Cárita (curso noturno para adultos/Particular)	1921	Porto Velho	Irmã Cárita
Escola Primária Dom Bosco	1922	Porto Velho	Pe. João Nicoletti/ Prof. Egídio Bourgnon
Escola Barão de Solimões	1923	Porto Velho	Governo do Estado do Amazonas
Escola Jonatas Pedrosa	1922	Porto Velho	Governo do Estado do Amazonas
Escola Rui Barbosa (Particular)	1923	Porto Velho	-
Escola Primária Dom Bosco	1924	Guajará-Mirim	Paulo Saldanha
Instituto Eduardo Ribeiro	1922	Porto Velho	Empresa Madeira-Mamoré
Escola Cesáreo Correia	1922	Porto Velho	Empresa Madeira-Mamoré
Escola Municipal de Guajará-Mirim	1927	Guajará-Mirim	Governo do Mato Grosso
Colégio Nossa Senhora Maria Auxiliadora	1930	Porto Velho	Irmãs Salesianas
Escola Dr. Arthur Lacerda Pinheiro	1940	Porto Velho	Aurélia Banfield

FONTE: Pascoal de Aguiar Gomes

O projeto se iniciou com a fundação em 1933 do Internato Santa Terezinha (ver figura 5) e a escolha da senhora Emília Bringel Guerra para dirigi-lo, por ser católica fervorosa e noutros tempos, ter exercido o ofício de professora, além de ser partícipe da catequese entre os jovens residentes na cidade fronteiriça. A afinidade religiosa se caracterizava como referencia à participação nos trabalhos educativos elaborados por Dom

¹⁹ Construção do autor da dissertação à partir dos dados encontrados em: GOMES, Pascoal de Aguiar. **A educação escolar no Território federal do Guaporé (1934 – 1956)**. Cuiabá: Carlini e & Caniato Editorial, 2012.

Rey, tanto que não se encontrou em documentos, nenhuma participação de professoras que professavam outras religiões.

O colégio improvisado por Dom Xavier Rey era destinado a preparação das primeiras professoras para atuarem nas comunidades ribeirinhas. Em regime de internato, a formação de meninas escolhidas pelo Prelado para exercer o magistério, intensificou-se nas duas décadas seguintes, em concomitância com o movimento de revitalização da Igreja Católica em Guajará-Mirim e sua posterior propagação por meio da construção de pequenas igrejas em lugares isolados.

No que se refere ao apoio financeiro e o cumprimento da legislação educacional do Estado do Mato Grosso, Dutra (2010, p.70) esclarece que:

Presume-se que a Diretoria da Instrução Pública de Mato Grosso e o Secretário Geral do Estado emitiram pareceres prévios quanto ao funcionamento do “Collegio Santa Terezinha”, mediante recebimento de subvenção do governo mato-grossense. O Ofício n. 16, de 19 de fevereiro de 1939, esclarece que a Prefeitura Municipal de Guajará-Mirim, tendo no comando da prefeitura o Sr. Carlos Rocha Leal, concedia à escola de Dom Rey o montante de 600\$000 mensais. Todavia, entre os documentos encontrados no Arquivo Público de Mato Grosso, esse foi o único guardado nas caixas referentes ao período de 1927 a 1943 que possibilitou comprovar a ligação da escola de Dom Rey com o Governo Interventor do estado de Mato Grosso na ocasião. Nele, atestou-se o funcionamento, a existência e a importância das atividades cotidianas do Colégio Santa Terezinha como referência para o Guaporé.

O imprevisto guiou o primeiro instrumento de preparação do ambiente escolar do Instituto Santa Terezinha. Dom Xavier Rey fez uso de soluções emergenciais, visto que o objetivo, naquele contexto de escassos recursos financeiros, era atender a alfabetização e a formação das futuras alunas ribeirinhas que tiveram seus perfis de simplicidade modificados e recriados para que, cada uma delas, estudasse adequadamente seguindo os interesses da Igreja Católica.

O Colégio Santa Terezinha foi construído com doações materiais dos membros mais abastados de Guajará-Mirim e recebeu recursos financeiros enviados de São Paulo e da França. A escola funcionava como Internato e o sistema de divisão era adaptado para tal finalidade, de forma que, havia o pátio utilizado para organização das alunas com momentos de recreação e celebrações religiosas. Eram necessários também os dormitórios e um refeitório, sobretudo porque, as meninas trazidas por Dom Xavier Rey só voltavam às suas comunidades de origens, em longas e cansativas viagens no final de ano, quando se encerrava o ano letivo. Após as festividades alusivas ao Natal, iniciava-se o período de férias.



Figura 5—Inauguração do Colégio Santa Terezinha em 1933 em Guajará-Mirim

Fonte: Arquivo pessoal da Professora Izabel de Oliveira Assunção

As salas de aula eram de uma simplicidade franciscana, sem ventilação e com carteiras improvisadas e montadas pelo próprio Dom Rey, a partir da doação do comércio local, dos caixotes de madeiras que vinham com alimentos e materiais. Sentavam-se três alunas em conjunto por cada banco escolar. O horário de obrigações deveria ser rigidamente seguido e elas eram sempre avaliadas conforme a dedicação aos estudos.

No começo dos trabalhos recebeu 33 alunas que, segundo Gonçalves (2000, p. 46), “além dos ensinamentos básicos, capacitavam meninas para serem líderes nas suas comunidades, agentes de saúde, prestar pequenos socorros e fazer atendimentos primários”. Para manter toda essa estrutura, Dom Rey solicitava de cada família que concordava em enviar suas filhas para Guajará-Mirim, uma contribuição que poderia ser doada em alimentos da roça de subsistência, peixe seco ou carne seca, utilizados para o sustento das internas.

As doações também eram requeridas ao governo do Mato Grosso, aos católicos de São Paulo e à Prefeitura de Guajará-Mirim. Era solicitado dinheiro, remédios, vestuário, e materiais de consumo interno. Parte dos recursos financeiros era fornecida pela própria Prelazia. Quando os pais das meninas não podiam cooperar, não havia quaisquer empecilhos na matrícula e nos estudos das meninas escolhidas. (ASSUNÇÃO, 2012)

A estrutura do Internato Santa Terezinha funcionava com a colaboração de autoridades e políticos como o Coronel Aluizio Ferreira, com quem o religioso francês tinha laços de amizade e dele recebia ajuda material. Manoel Bolcinha de Menezes, à época homem de grande influência e prefeito de Guajará-Mirim, auxiliava com o fornecimento da merenda

escolar. Das irmandades religiosas da cidade de São Paulo, o auxílio era recebido por meio de dinheiro.

Sua preocupação era constituir um espaço de encontro entre religião católica e cultura nativa, articulando a hegemonia do catolicismo no oeste Amazônico. A situação encontrada por Dom Xavier Rey favorecia seus objetivos. O sistema público da educação mato-grossense estava muito distante de uma política pública que permitisse à população brasileira evoluir no processo da educação formal.

Independente dos interesses religiosos que a dinâmica da ação católica pudesse demonstrar, as famílias guaporeanas se tornaram admiradoras incondicionais do prelado franciscano, dando visibilidade ao seu labor em prol da educação.

Com a abertura das escolas isoladas, o alcance da ação da Prelazia englobou um raio maior pessoas, visto que, fazia despontar uma nova relação entre o ribeirinho, a Igreja e o processo de ensino/aprendizagem ministrado pelas Calvarianas. Sabe-se também da existência anterior de outras escolas em funcionamento na cidade, Gomes (2012, p.62) comenta:

Em Guajará-Mirim, segundo núcleo urbano da região e ponto terminal da ferrovia Madeira-Mamoré, funcionavam, em 1923, algumas escolas de ofício (profissionalizante), de iniciativa particular, cujo objetivo era atender a clientela escolar carente, uma vez que classes médias e altas encaminhavam seus filhos para estudarem nos grandes centros do país ou da Europa. Essas escolas ofereciam, além do ensino da leitura e da matemática, a formação profissional de oleiro, pedreiro, carpinteiro e ferreiro, todos para os meninos, enquanto as meninas, separadamente, ficavam com as prendas domésticas e o catecismo.

Pensar sobre a opção de Dom Rey por construir uma escola e proporcionar educação às meninas ribeirinhas é necessário, sobretudo porque, o magistério sempre se apresentou como um campo de conhecimento fortemente constituído e exercido pelas mulheres. De fato, isto ratifica a força da religião católica, sempre aliada aos governantes em suas diversas esferas e prova a facilidade que Dom Rey encontrava junto às famílias, em conseguir “adotar” as meninas ao seu modelo de educação.

Ademais, não havia qualquer planejamento efetivo do governo mato-grossense com a formação escolar do povo ribeirinho do Guaporé. Esta omissão governamental era justificada pelo argumento da inexequibilidade de investimentos em escolas distantes e, por ser aquele espaço geográfico, assaz disperso em termos de povoamento. O caminho para a construção da hegemonia do poder da Igreja estava em aberto. E a educação seria o instrumento adequado a esta finalidade. Dom Xavier Rey queria alfabetizar um contingente de crianças e adultos, distribuídos numa imensidão do território que evangelizava e para concretizar seu objetivo,

era necessário formar a mão-de-obra com um mínimo de especialização para o magistério ou trazê-la de outras partes do país. Esta última opção significava uma tarefa quase impossível, mediante a escassez de recursos financeiro e humano e o atraso educacional brasileiro.

O abandono educacional encontrado exigia uma estratégia de resistência às dificuldades da Prelazia, diante do quadro diagnosticado pelo Prelado em suas viagens pelo rio, entre a celebração de missas, orações e outros rituais. A Instituição escolar criada por Dom Rey focava como objetivo central alfabetizar e formar as meninas ribeirinhas escolhidas por ele. Após o término dos estudos, retornariam às comunidades em que viviam e iniciariam seu trabalho pedagógico.

É possível se perceber nesse processo educativo, a constituição de uma cultura escolar que refletiu os valores do catolicismo em desenvolvimento, bastante intenso nesse período. A educação imposta por dom Rey ultrapassou os limites da floresta, alcançando acidade com a formação de professoras pioneiras, cuja trajetória profissional é capaz de explicar a lembrança caboclo-ribeirinha da sua prática pedagógica.

A moral católica teve no religioso franciscano Francisco Xavier Rey, o seu expoente mais atuante e estratégico representante, entre as décadas de 30 e 70 do século passado, o qual utilizou o trabalho das professoras em âmbito regional, para disseminar a concepção e posição da Igreja junto ao movimento educacional que se instaurou nas terras do Guaporé/Mamore/Madeira com maior visibilidade a partir dos anos de 1940.

Se de modo geral no Brasil, a educação religiosa era mais um mecanismo para reforçar a disciplina e a autoridade (HORTA, 1994), o programa de ensino da escola fundada pelo Prelado Francisco Xavier Rey manteve o caráter centrista e propedêutico da escola religiosa tradicional, sem ceder espaço à escola regionalizada e comunitária que, incontinente, dava seus passos em Estados mais ricos da federação.

2 - REFERENCIAIS CONSTITUTIVOS PARA UMA ANÁLISE DA ESCOLA DE DOM FRANCISCO XAVIER REY

Neste capítulo, a proposta é apontar subsídios teóricos e metodológicos que formam a base para a discussão do processo educacional religioso sob a supervisão de Dom Francisco Xavier Rey que resultou na formação das meninas negras como primeiras professoras do povo ribeirinho. O Projeto trazia em seu bojo a concepção bíblica de igualdade religiosa entre todos os homens e apresentava como um dos seus componentes centrais o desafio de utilizar os mecanismos ideológicos da religião, coadunados com as práticas de sala de aula.

É algo comum na história, o modo como lideranças políticas ou religiosas entendem e utilizam a educação como poder de patrulhamento ideológico para exercer um papel estratégico. Como diz Arroyo, (2007, p.36) a finalidade de qualquer projeto de sociabilidade é “controlar e dosar os graus de liberdade, de civilização, de racionalidade e de submissão suportável pelas novas formas de produção [...] e pelas novas relações sociais entre os homens”.

Ademais, é essencial associar o conhecimento epistemológico às ações humanas, no caso específico desta pesquisa, para destacar alguns possíveis pontos da contribuição de Dom Francisco Xavier Rey, materializados na execução dos projetos de funcionamento das escolas e da catequese, tornando-os uma referência nos diversos cruzamentos entre a educação e o universo religioso da Igreja Católica no Vale do Guaporé.

Definir se havia na forma de escolarização, a intencionalidade de uma política de dominação religiosa por meio das ações das professoras negras, torna-se menos importante, quando se observa a exclusão educacional nas localidades sob a jurisdição do governo do Mato Grosso. Este fator favorável ao trabalho da Prelazia era associado ao costume dos moradores locais não poderem frequentar outra opção religiosa onipresente em suas comunidades naquele momento.

O poder e a influência, alcançados por Dom Xavier Rey, multiplicaram-se em função de construir e colocar em funcionamento, inicialmente sua escola de formação primária e na sequência, disponibilizar os primeiros estudos ao povo esquecido pela política estatal, embora esses investimentos da prelazia denotassem por meio de uma leitura mais crítica, como meio de cooptação e propaganda do catolicismo.

Nessa formação para o magistério, menos laico e mais religioso, o importante para a Prelazia era a sua supremacia no ato religioso sobre o educativo, mesmo sem a neutralidade habitualmente apropriada para o funcionamento de uma escola nos moldes republicanos. Em

análise, a formação educacional de mulheres negras educadas por padres e freiras e a necessidade de compreender essa educação pelo viés histórico, cujo foco do ensino ultrapassava os limites da alfabetização, incorporando valores cristãos.

A preparação de futuras professoras, com a anuência das famílias e, seguido da construção emergencial de um Internato específico para a finalidade planejada, são atos pensados basicamente como elementos constituidores de uma política emancipatória de pequena parcela da classe feminina, malgrado, não serem exatamente este o objetivo da política educacional da Igreja Católica. Tratava-se de um jogo de interesse no poder de conquista da população.

Entende-se também, que as classes populares do Vale do Guaporé eram detentoras de um saber centenário não valorizado pelo ensino formal. Esses saberes herdados da ancestralidade (espécie de currículo oculto) não atraíam o interesse da prelazia, desinteressada e parcial para compreender a construção do conhecimento nativo diferenciado e repleto de significados culturais considerados profanos pelos dirigentes católicos.

Dom Xavier Rey, ao se apresentar às famílias da região e interferir diretamente na situação das mulheres do grupo social, ampliou a visibilidade destas, ao lhe dar uma profissão. Até aquele momento, na concepção tradicional da sociedade machista amazônica, essas mulheres eram vistas apenas como uma “costela de Adão”, vivendo na submissão compulsória e reclusa ao lar.

Mostra-se, nesta dissertação, que a relevância de se construir uma educação a partir da falta de conhecimento do povo simples e a percepção de Dom Francisco Xavier Rey, após diagnosticar o quadro de analfabetismo presente nos povoados, foram fatores decisivos para mudar parcialmente a vida de dezenas de meninas negras das comunidades que este mandatário visitava em sua missão evangelizadora.

Para Gomes (2012, p.64),

Esse procedimento auxiliou e contribuiu na construção de uma versão da História da Educação da região do vale do Guaporé, pois deu voz às antigas alunas e educadoras locais. Essas lembranças pareciam ter ficado esquecidas no passado, sob a ótica da historiografia regional.

O texto se baseia no pressuposto de que, para uma efetiva análise da atuação de Dom Xavier Rey e a formação das professoras negras no Vale do Guaporé, faz-se importante considerar as referências fundamentais do contexto histórico, a partir das quais, ocorre a configuração do processo de ensino/aprendizagem na sociedade guajaramirense e por

extensão, nas comunidades ribeirinhas. Esta análise permite desenvolver reflexões que possibilitem uma melhor compreensão do cotidiano destes residentes das margens dos rios.

A modificação de parte da estrutura socioeducativa perversa, ignorando e marginalizando os pobres do Guaporé, com consequências negativas diretas na ausência de vida escolar das crianças e jovens, originou-se das formas de atuação organizadas por Dom Rey, dentro dos limites que os recursos permitiam. Não se poderia fazer mais, pois se tratava de uma realidade centenária extremamente excludente.

Naquele contexto histórico, Dom Rey agia para prenunciar a implantação paulatina de um modo de educação “popular” comandado por ele e destinado aos ribeirinhos. O programa de ensino era construído e direcionado aos membros das classes trabalhadoras extrativistas, embora o termo “popular” sequer fosse conhecido pelos seus protagonistas. Estes permaneciam distantes da formação escolar tradicional, que era privilégio dos favorecidos pelo dinheiro, como por exemplo, os filhos de seringalistas e de grandes comerciantes de regatões da região que estudavam nos grandes centros ou fora do país.

A construção e funcionamento do Instituto Santa Terezinha inicia o processo de formação escolar das primeiras alunas. Há de se esclarecer que na função de alfabetizadoras, as futuras professoras eram preparadas a portar e difundir as regras morais, adquiridas em consonância com os estudos em Guajará-Mirim.

Ao estudarem as práticas de iniciação no ensino religioso nos estudos primários, apropriaram-se simultaneamente destes e dos conhecimentos básicos, oferecidos pelas freiras responsáveis pelas práticas pedagógicas no processo de ensino transmitido conforme a visão de mundo católico. O viés cultural da educação de Dom Xavier Rey, encontra-se mais associada ao campo dos movimentos religiosos do que à própria educação, pelo fato da prática educacional do Instituto Santa Terezinha trabalhar com a base cristã.

Nesse sentido, sua “educação popular” não pode ser considerada como um avanço na discussão e reflexão antropológica acerca da cultura ribeirinha do Vale do Guaporé, mas sim como um “socorro imediato” para resolver uma situação de ausência do direito básico de saber ler e escrever.

O termo educação popular usado neste referencial é mais em função a definição de Brandão (2002, p. 142):

A educação popular foi e prossegue sendo uma sequência de ideias e de propostas de um estilo de educação em que tais vínculos são reestabelecidos em diferentes momentos da história, tendo como foco de sua vocação um compromisso de ida – e – volta nas relações pedagógicas de teor político realizadas através de um trabalho

cultural estendido a sujeitos das classes populares compreendidos como não beneficiários tardios de um “serviço”, mas como protagonistas emergentes de um “processo”.

Divergente do conceito de Brandão (2002), a educação popular da prelazia se organizou conforme o processo de planejamento e execução das atividades de Dom Rey mediante a complexidade da realidade local. A evangelização e o controle sobre o pensamento de gente humilde, sem alternativas religiosas, facilitou a adesão ao catolicismo como fonte salvadora para as angústias desta população desassistida da cidadania política.

A participação efetiva de Dom Francisco Xavier Rey e os sujeitos envolvidos no processo de formação pela educação do Vale do Guaporé têm como certo que, além de compartilhar um legado da cultura regional, ampliou os esforços no sentido de aproximar, por um lado, a ideia de construir pequenas escolas nos povoados às margens do rio Guaporé e instruir parte do povo ribeirinho, e por outro, iniciar um trabalho comum em busca da construção de relações sociorreligiosas harmoniosas.

A ação da Prelazia guajaramirense era baseada nos ideais de solidariedade, e, sobretudo, de respeito e preservação às tradições da Santa Igreja na Amazônia. Do ponto de vista da criticidade laica, o fato de Dom Xavier Rey preparar suas professoras no modelo que reproduzisse a evangelização católica aos membros das comunidades locais e de certa forma, mantivesse as relações de submissão à Igreja por meio da educação, trata de uma reprodução ideológica, obedecendo ao contexto político da época em que governo e Igreja continuavam imbricados no campo social.

Com a inclusão das mulheres ribeirinhas como sujeitos do catolicismo e não como objetos no processo de conhecimento, a educação passa a ter como base o ideal de confiança na razão divina, um símbolo adequado para transformar a realidade e controlar o espaço onde se contextualiza o movimento de formação pelo poder clerical. Portanto, o pensamento do sociólogo francês Pierre Bourdieu possibilita uma discussão desta temática mais referenciada.

Segundo Bourdieu (2004), no sistema educacional, a dominação e a reprodução das relações sociais são evidentes. Para que essa reprodução esteja assegurada, além das relações de trabalho e de classe que os homens estabelecem entre si, mesmo com diferenças sociais, também se requiere que sejam reproduzidas as representações simbólicas (ideias que os homens fazem dessas relações).

Ele menciona a reprodução cultural e a reprodução social quando afirma que:

[...] o sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da “ordem social” uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força. (BOURDIEU, 2004, p.311)

Compreende-se que na escola de Dom Xavier Rey, a consolidação da violência simbólica defendida por Bourdieu, concretizou-se especialmente pela doutrinação e dominação das crenças cristãs, reproduzidas de maneira direta, como ideologia da classe religiosa (dominante) e pela imposição de estudos das regras e dogmas às meninas (dominados) do Internato, embora Assunção (2012) relate alguns castigos físicos aplicados pelo prelado nas meninas, nos mesmos moldes disciplinares dos pais, o que para a época era interpretado como “normal”.

Nesse ínterim, como as mulheres amazônicas sempre foram marginalizadas, as ações da educação católica eram o trampolim para se ultrapassar os desafios e superar a ausência do direito básico de aprender a ler. As que avançaram na conquista pelo espaço profissional oferecido pela Prelazia, diferenciaram-se entre os membros das comunidades fronteiriças, pois tiveram a oportunidade de se dedicar ao exercício da sala de aula, conduzindo suas habilidades teóricas no exercício de sua prática e postura como professoras.

Para efetivar as proposições do projeto, o Bispo buscava acordos políticos para financiamento das suas escolas e pagamento de salários às professoras negras que foram exercer o magistério nas povoações do Guaporé. Como relata Assunção (2012, p.77):

As professoras das três primeiras escolas que Monsenhor fundou em 1937 e 1938 (Rolim de Moura: professora Anita Quintão; Pedras Negras: professoras Eremita Cordeiro e Estela Lemos Madeira; e Limoeiro: professoras Paula Gomes de Oliveira e Maria de Jesus Evangelista) eram pagas pela Prelazia de Guajará-Mirim com recursos próprios. Porém, como esta região pertencia ao Mato Grosso, Monsenhor entrou em acordo com o governo do referido Estado para que essas professoras ficassem sob a responsabilidade do referido Estado. Em 1940, esse governo, aceitou o acordo e as nomeou.

Da primeira turma de professoras formadas no Colégio Santa Terezinha, até o início de 2014, a professora Izabel de Oliveira Assunção era a única remanescente, todavia, no dia 11 de fevereiro de 2014, ao se internar com problemas estomacais, faleceu em Guajará-Mirim. Deixou sua contribuição com as narrativas das suas experiências na reconstituição da história da educação dos tempos de Mato Grosso, por ter participado da formação e do exercício do magistério, por longos anos, como professora formada pela Escola de Dom Xavier Rey.

Parte dos estudos aqui reunidos tem na figura da professora Izabel de Assunção um destaque especial por esta representar todo um período relativo à história do projeto de educação criado pelo seu mentor, o Bispo Dom Rey. As suas narrativas e recordações do período que vai da sua saída da comunidade Pau d'Óleo aos seis anos de idade para estudarem Guajará Mirim em 1933 até a atuação no magistério, durante dezenas de anos, em Santo Antônio e em outras localidades do Guaporé, denota uma articulação entre a condição cultural de mulher ribeirinha e as alterações presenciadas e vividas na educação e na sociedade.

A professora Izabel também representou uma fonte confiável, por abordar a temporalidade do ensino católico e dela fazer parte como agente das temáticas aqui trabalhadas, como memória e formação de professoras, resultado de um movimento processual em busca da cidadania, identidade cultural e superação da pobreza. Além da contribuição oral, publicou o livro “Memórias de Monsenhor Francisco Xavier Rey”, escrito com a naturalidade literária, tal qual vivenciou sua passagem nos rincões do Vale Negro.

O Instituto Santa Terezinha foi o resultado do esforço comum em busca da construção de relações sociais harmoniosas entre a Igreja Católica e as camadas sociais da Amazônia guaporeana sob a atuação e influência de Dom Rey. Quando se iniciou, incluía o processo de convivência obrigatória dos seus auxiliares diretos com a diversidade étnica das comunidades ribeirinhas, desde que mantendo a visão católica.

A educação primária foi um processo experimental de formação de gente nativa, sem contatos com escolas, e alfabetizou meninas que sonhavam com uma sala de aula. Fora dela, somente se alcançava a leitura numa restrita possibilidade do autodidatismo ou nos contatos com alguns “conhecedores das letras” de passagem pelas comunidades guaporeanas, como é o caso de comerciantes, donos de regatões.

As narrativas da professora Izabel Assunção demonstram possibilidades de conhecimentos na reconstituição da história coletiva das professoras formadas no Instituto Santa Terezinha e no colégio Nossa Senhora do Calvário que, grosso modo, confundem-se na mesma Instituição escolar adaptada, com os mesmos propósitos, a mesma liderança religiosa e semelhante atuação na práxis educativa.

A possibilidade do ensino oferecido por Dom Xavier Rey nos introduz a necessidade de estudar uma educação que propunha se sobressair às dificuldades financeiras e didáticas ao formar o ser humano no âmbito do pensamento conservador da Igreja Católica, todavia, utilizando-se do assistencialismo, de uma relação entre improvisos e virtudes, vícios e valores, onde o primordial era construir um ideal de vida cristã e divulgá-lo.

Ao assumir a função de professoras nos espaços amazônicos, as “Terezianas” seriam as portadoras desse ideal. Como afirma Gomes (2001, p. 156),

Com efeito, é próprio do discurso ideológico apresentar-se como verdade universal e sempre válida, independente das situações históricas e condições materiais em que se configurou. Havia uma crença comum que a origem dos males sociais estava alicerçada em uma certa fragilidade moral da sociedade em orientar corretamente o comportamento dos indivíduos. Dentro desta perspectiva, os valores morais constituiriam um instrumento eficaz para neutralizar as crises sociais e a escola seria o instrumento de participação dos alunos em valores universais, materializado em ideias, signos e práticas de acordo com a ordem social defendida em cada grupo.

A prelazia de Guajará-Mirim criou a imagem das professoras negras, moldando seu papel feminino de reprodutora das ideias conservadoras cristãs, disseminando com aptidão entre o povo guaporeano, o entendimento da concepção de mulher da cosmovisão católica. A continuação deste projeto se constituiu na difusão de pequenas escolas fundadas nas comunidades isoladas do Vale do Guaporé, com educação voltada à alfabetização, considerada por Dom Rey como prioridade para um povo que baseava sua fé em Deus e naquilo que não podia ler: a bíblia.

O Bispo, novamente contou com o apoio de instituições religiosas francesas e de alguns núcleos católicos estaduais, principalmente São Paulo e Mato Grosso. A educação cristã oferecida ao povo da floresta se fez presente nas comunidades com uma estratégia particular de educar o ribeirinho para a instrução primária numa escola aparelhada ideologicamente na perspectiva de reprodução do conservadorismo católico.

2.1 - AS ESTRATÉGIAS PARA GARANTIR A SUPREMACIA DA RELIGIÃO CATÓLICA POR MEIO DA EDUCAÇÃO

A primeira fase histórica da luta de Dom Francisco Xavier Rey, na introdução de valores que julgava necessário para uma atividade mais ampla no cenário sociocultural guaporeano, na esfera da educação amalgamada com o ideário cristão católico, iniciou-se pela elaboração de estratégias. Esta atuação coincidia com o modelo de desenvolvimento em voga no Brasil para manutenção do tradicionalismo como forma de reestruturar o pensamento católico.

Em concomitância a este movimento renovador que se instaurou no Brasil, com maior visibilidade a partir dos anos de 1920, o posicionamento da Prelazia guajaramirense, sob o comando de Dom Rey, indicava o interesse em manter a articulação entre tradição e

conservadorismo. A “inovação” somente a da cosmovisão católica em relação ao processo educativo desenvolvido nas comunidades.

A reprodução da cultura religiosa para o povo católico foi por meio do trabalho de Dom Francisco Xavier Rey, que construiu sua imagem, dedicando-se a uma série de realizações no campo do ensino. O foco estratégico era a concretização do ideal da igreja que privilegiava sempre a difusão dos valores religiosos conservadores, entre os habitantes da região do Guaporé.

São diversas particularidades envolvendo esta população e sua relação com a Igreja Católica, cujo marco inicial é provável que seja as comemorações alusivas ao Divino Espírito Santo, ainda no século XIX. A partir de 1932 quando se inicia as desobrigas pelos rios do Vale do Guaporé, a relação entre a igreja católica de Guajará-Mirim e o povo guaporeano começou a mudar. De forma paulatina, Dom Francisco Xavier Rey enxerga na ausência da educação, um forma mais rápida de assegurar a expansão da Igreja de Roma.

Seu plano era favorecido pela ausência de contato entre o povo ribeirinho e as autoridades político-administrativas mato-grossense, ocasionada pelas grandes distâncias entre Cuiabá e os municípios de Santo Antônio do Madeira e Guajará-Mirim, consequência natural das grandes extensões de terras entre o Vale do Guaporé e a sede do governo na capital.

O modelo de atuação do Bispo francês junto às comunidades configurou-se pelo envio e divulgação das cartas às famílias, com ideias de seleção de crianças para o acesso à sala de aula. O controle de Dom Rey era total, até mesmo, quando as Irmãs Calvarianas assumiram a direção parcial do Instituto Santa Terezinha, em 1935 com a criação do Instituto Nossa Senhora do Calvário, dirigido pela francesa Marta do Calvário.

A meta era formar professoras. Esse projeto presente em todas as localidades supria a ausência do Estado Oficial. A prelazia exercia deste modo, o monopólio da educação ruralizada e utilizava-se de práticas educativas, inovadoras à época, para disseminar suas ações sociais em atividades para a conquista de fiéis.

O campo de atuação da Prelazia se manifestava propício, sobretudo, por terem as meninas escolhidas, nascidas ao longo do Vale do Guaporé, crescerem e manterem suas dinâmicas de vida sem muitas perspectivas em relação ao sonho de frequentar a escola e conhecer as primeiras letras. Sua educação nas comunidades onde moravam se limitava às observações das experiências cotidianas familiares, à manutenção das suas práticas culturais junto aos valores que eram ensinados pelos pais ou parentes.

As práticas de submetimento familiar dos agrupamentos ribeirinhos na região era uma atividade comum a todas as mulheres. O tempo de trabalho e a distância de cidades como Guajará-Mirim e Porto Velho confinavam as meninas nos lotes em que moravam. Essa forma de viver relegava estas camadas populares à invisibilidade, principalmente diante da sociedade urbana guajaramirense, cidade mais próxima.

As tarefas que lhes foram atribuídas, por longo tempo de suas vidas, passavam distante de qualquer tipo de escolarização. Neste contexto, entra a figura de Dom Rey que busca nestas meninas alijadas do mundo escolar, dar-lhes a instrução necessária para serem capazes de assumir uma alfabetizadora, nos espaços ribeirinhos da região amazônica, com atenção especial aos locais que foram criadas.

Filhas de pais e mães analfabetos, sem chances de buscar um ensino que lhes possibilitasse o domínio da leitura e da escrita, grande parte dessas meninas nascidas nas comunidades guaporeanas, foram entregues pelas famílias para se educarem no Internato em Guajará-Mirim. Sob essa percepção, consideram-se as condições econômicas e de sobrevivências, como fundamentais para a separação destas meninas das suas famílias.

Estudar e se preparar para o magistério era um tipo de vivência que as colocavam em posição de privilégio em comparação com o cotidiano das suas humildes casas, deixando vago o lugar que ocupavam na rede de afazeres domésticos em meio às atividades laborais dos pais (agricultura e extrativismo), pouco valorizadas e destinadas à subsistência do agrupamento familiar.

Nas desobrigas, as meninas negras, sob a vigilância austera de Dom Rey, seguiam viagem para Guajará-Mirim, motivo de preocupação com a adaptação, mas segundo Assunção (2012), também de honra para famílias ribeirinhas devotadas ao catolicismo. Vivenciavam momentos divergentes das situações de mulheres em outras partes do país, ao deixar seus lares para se dedicar aos estudos. Assunção (2012, p.41) relata as primeiras escolhas do prelado após a fundação do Colégio Santa Terezinha:

Monsenhor mandou carta aos pais pedindo que aprontassem as meninas, pois, na primeira viagem de abril, ele viajaria até Vila Bela, e, na volta, iria trazê-las. Assim aconteceu. Na subida da lancha ao Guaporé, em cada morada ele confirmava com os pais sobre as cartas enviadas. Todos ficaram cientes e começaram então os preparativos ao seu apelo. Cada família esforçava-se ao máximo para cumprir o acordo feito. Durante a viagem de retorno, ele atuava como um pai, daqueles bem cuidadosos. Era o nosso anjo protetor.

A Prelazia lhes assegurava a formação escolar inicial e o futuro como professora e liderança nas comunidades em que retornavam para exercer o magistério. Realizavam sua prática escolar sob orientação doutrinária da Igreja Católica, cuja aparência de seriedade das suas escolas permitia de forma geral, à própria Igreja, elaborar os pressupostos que considerava fundamentais para a base da família e dos professores integrados ao projeto educacional católico (AZZI, 1999).

Foram selecionadas para serem preparadas ao magistério, *a priori*, vinte e oito meninas negras e duas de cor branca de localidades ribeirinhas entre Vila Bela e Guajará-Mirim/RO. Duas destas meninas eram filhas da professora Emília Bringel Guerra e apenas uma era oriunda do Vale do Mamoré. A ideia era que após os estudos de preparação, as professoras de Dom Rey retornassem para assumir escolas nas povoações de onde as próprias eram oriundas. De acordo com Gomes (2012, p.63):

No Instituto Nossa Senhora do Calvário, foi instalado em 1940, o curso normal rural de habilitação de professores, funcionando no regime de externato e internato, sendo este último, destinado às moças das localidades do interior dos Vales Guaporé e Mamoré, com o compromisso de que, depois de formadas, retornassem às suas comunidades de origem para exercer o magistério. O curso tinha a duração de quatro anos.

No caso específico das comunidades do Vale do Guaporé, a atuação da Igreja Católica, mesmo se considerada modelo de dominação, teve consequências sociais e políticas positivas para o município. Guajará-Mirim se transformou, durante o decorrer do século XX, num centro regional vinculado à formação de professores das Escolas de Dom Xavier Rey e, concomitante, um espaço para apresentar alguns momentos históricos importantes que comprovam a ligação existente entre sua história com a do Estado de Rondônia.

O início da formação das primeiras alunas que eram meninas negras, isto porque o Vale do Guaporé era habitado por uma maioria de pessoas negras, iniciou-se com o diagnóstico dos aspectos físicos e cognitivos, afetivos e emocionais do desenvolvimento individual das escolhidas, analisado pelo próprio Dom Rey. O resultado correspondeu ao Bispo por ter reunido em torno da sua personalidade, um maior número de futuras colaboradoras para o auxílio de suas obras assistenciais e no encaminhamento de catequese e expansão da religião.

Os aspectos religiosos da cultura negra, voltados ao catolicismo, apresentam até hoje, uma grande riqueza de mitos, concepções, crenças em entidades católicas²⁰. Se a isso somarmos a miscigenação racial, com suas variadas formas de comportamentos, têm-se uma riqueza ainda maior no que diz respeito à diversidade cultural das populações amazônicas. Segundo o antropólogo Geertz (1989, p.25):

Nossa dupla tarefa é descobrir as estruturas conceptuais que informam os atos dos nossos sujeitos, o “dito” no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são, se destaca contra outros determinantes do comportamento humano. Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico quer dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana.

A opção imediata de Dom Rey para oferecer a instrução das primeiras letras em toda a região guaporeana coincidia com ideário político católico em voga naquela época. A visão da Igreja de Roma, malgrado o laicismo trazido pela instauração da república, partia do princípio que a questão social era, antes de tudo, uma questão moral e religiosa, e que a solução deveria ser buscada na cristianização das famílias e das Instituições. (HORTA, 1994)

Essa discussão, a partir das análises das memórias das “filhas de Dom Rey”, é uma forma de não apenas estabelecer uma relação de sobrevivência dentro dos padrões de igualdade possíveis no Vale do Guaporé, mas de elucidar como estas mulheres se tornaram símbolos de conquistas no território marcado pela forte influência do patriarcalismo das sociedades amazônicas. É também a demonstração do poder de ascensão social da educação diante de realidades adversas.

Para que o modelo de educação religiosa iniciado não sofresse interrupção, a Igreja francesa enviou a Guajará-Mirim, quatro freiras para assumir novas responsabilidades religiosas e fazer parte do quadro de professoras. Em 15 de agosto de 1935, desembarcaram transportadas pelos vagões da EFMM, cinco religiosas para compor o quadro de pessoal da Prelazia.

No caso das estrangeiras, desde então, com seus nomes abrigados. Tratava-se das freiras francesas Marta do Calvário e Irmã São Rafael, a irlandesa Marta de Jesus e duas religiosas brasileiras as irmãs Maria Agostinho e Maria Antonieta. Reforçava enfim o quadro de professores do Internato.

²⁰ Um caso emblemático é a centenária Festa do Divino Espírito Santo que ganhou a organização de Dom Francisco Xavier Rey e se tornou a maior expressão de fé do povo ribeirinho, seguindo o estatuto planejado traçado pelo religioso francês nos anos de 1930 até os dias atuais.



Figura 6 - Professoras do Colégio Santa Terezinha: Irmã Marta de Jesus, Irmã Marta do Calvário, Irmã São Rafael e Irma Maria Antonieta. **Fonte:** Arquivo pessoal da Professora Izabel de Oliveira Assunção

A missão de evangelizar e ensinar as meninas ganhava um novo reforço, assim como os movimentos institucionais da igreja sob o comando de Dom Rey e seus auxiliares diretos, os Padres Paulo e o Padre Hugolino. Oficialmente, o Instituto Nossa Senhora do Calvário começou a funcionar sob o comando das irmãs em 02 de setembro de 1933, dirigido pela francesa Marta do Calvário. O quadro sofreria uma perda inesperada em razão da enfermidade da brasileira Maria Agostinho, morta aos 29 anos.

As práticas pedagógicas das novas professoras (irmãs calvarianas) foram úteis para construir uma base de apoio feminino nas pequenas escolas fundadas nas comunidades. Multiplicava-se assim, as conquistas religiosas, considerando que no período de formação das “filhas de Dom Rey”, a catequese não era um tema coadjuvante e sim, principal. Com a presença das missionárias no comando das atividades educacionais do Instituto, Dom Francisco Xavier Rey teria mais tempo para estender seu campo de atuação.

Em 1935, a nomenclatura “Instituto Santa Terezinha”, escolhida por ser a protetora das missões, passou a se denominar “Instituto Nossa Senhora do Calvário” numa mudança feita pelo próprio Dom Xavier Rey. A estrutura de internato e os objetivos pedagógicos permaneceram em funcionamento. A dificuldade maior passava pela falta de professoras, problema agravado com a doença que incapacitou para o trabalho, a professora Emília Bringel Guerra, a popular Dona Pretinha, responsável pela alfabetização das 33 alunas nos dois primeiros anos de ensino.

A direção dos trabalhos se voltava para os seringais e aldeias indígenas, objetivo primeiro da sua missão na região, sempre com a missão de catequizar e angariar fiéis seguidores para o catolicismo. A aproximação dos indígenas, embora pernicioso à cultura destes nativos, aumentou-lhe a influência e permitiu inseri-los, paulatinamente, no contexto do catolicismo e no sistema cultural do homem branco dito “civilizado”.

2.2 - VISÕES DE UMA REGIÃO EM TRANSFORMAÇÃO

No contexto nacional, o catolicismo buscava reaver suas forças diminuídas pelo “golpe” trazido no bojo do movimento liberal que deu base à Proclamação da República e que, com certos limites, instituiu o estado laico com perda de espaços pela Igreja apostólica romana. Era essencial lutar pela reconquista deste espaço junto aos órgãos oficiais, especialmente no âmbito da legislação, para não permitir a perda de sua quase total hegemonia para outros movimentos religiosos — protestantismo e espiritismo.

O protestantismo antes havia aportado na região norte disseminado pelas Assembléias de Deus, inclusive com forte atuação nas áreas territoriais que viriam a compor em 1943, o Território Federal do Guaporé. Num contexto mais geral, embora seus efeitos não fossem tão presentes nas áreas de dominação da prelazia de Guajará-Mirim, citam-se ainda as campanhas anticlericais ideologicamente baseadas em doutrinas como o liberalismo, o positivismo e capitaneadas pela maçonaria brasileira.

Estas campanhas logravam construir uma imagem conservadora e tradicionalista da Igreja Católica, de instituição resistente às mudanças e tudo o que representasse as circunstâncias perigosas dos tempos modernos e seu desconfortável espírito do pensamento científico que se espalhavam nos redutos intelectuais do Brasil. Eram tempos de introduzir novos elementos ao pensamento religioso, paralelamente ao trânsito temeroso de ideias liberais e positivistas, aparentemente inóspitas às ideias teológico-cristãs do catolicismo.

Em âmbito nacional, o cenário, a partir de 1932, em que se iniciou o projeto de Dom Xavier Rey pela alfabetização dos ribeirinhos, apresentava o lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Educação que estimulava o debate vislumbrando expectativas novas na educação brasileira e defendia reformas mais amplas no âmbito econômico e educacional. Em 1935, a discussão sobre o ensino rural e a organização de cursos de capacitação para os professores, privilegiava tão somente a divulgação desta modalidade.

Dois anos depois se realizava o 1º Congresso Nacional do Ensino Regional, e em 1937 era criada a Sociedade Brasileira da Educação Rural, sempre se pensando nas elites

urbanas, incomodadas com o fluxo migratório das classes mais pobres e com o alto índice de analfabetismo do povo. Aliás, uma preocupação análoga a de Dom Francisco Rey quando assumiu a prelazia de Guajará-Mirim, após conhecer a realidade escolar do povo ribeirinho que habitava os povoados do Guaporé.

Os estudos desenvolvidos em Guajará-Mirim e que abrange outras localidades guaporeanas, ao longo da realização desta pesquisa, procurou conhecer e analisar um conjunto de práticas culturais nativas transformadas pela religião com influência em espaços diversos. Parte da população permanece até os dias atuais, como personagem mais atuante no cenário de transmissão de representações simbólicas do passado, atualizadas no presente por meio da memória das experiências vivenciadas em diferentes tempos pelos que dela participaram.

A união das comunidades ribeirinhas com a Prelazia permitiria a difusão dos valores católicos e hábitos socialmente conservadores, que resultaria na perda da hegemonia da cultura local, antes predominante. As escolas fundadas por Dom Rey passaram a ser vista como fator de mudança social, no entanto, sua expansão era mantida em consonância com a fundação de pequenas igrejas principalmente no campo.

Um dos objetivos para Dom Rey era o de garantir permanentemente o futuro da sua ação missionária na Prelazia de Guajará-Mirim e assegurar um prosseguimento organizado dos trabalhos e das iniciativas lançadas. Daí o seu esforço na preparação de uma equipe missionária formada por professoras imbuídas do espírito católico, cujo preparo educacional garantia a Igreja, o poder de contar com estas auxiliares para asseverar a continuidade das atividades assistenciais ao povo ribeirinho.

Esta essencial permitir aos representantes católicos, o controle dos costumes socioculturais cotidianos das comunidades visitadas, no caso da Prelazia como assistencialismo por meio da medicina e da educação. As professoras de Dom Rey eram portadoras do saber e do poder. O abandono educacional em que se encontravam estas comunidades era um vetor de favorecimento à metodologia usada para aproximação e maior atuação de Dom Xavier Rey. O Estado estava ausente.

Num panorama resumido sobre a educação pública da região do Guaporé, as escolas reunidas responsáveis pela Instrução aos alunos ribeirinhos eram em número reduzido. A interação do governo do Mato Grosso com o sistema educativo, fazia-se presente por meio do Regulamento de 1927, definindo o que se deveria lecionar para que os alunos aprendessem nos seus estabelecimentos oficiais de ensino, apesar da distância e do isolamento das unidades de ensino.

O governo mato-grossense não criou nenhuma escola nas localidades rurais de sua jurisdição em que a atuação de Dom Rey se apresentava como presença constante, malgrado o próprio regulamento definir claramente em seus artigos o conceito de escola rural, assim como o objetivo da mesma, conforme descrito abaixo:

“Art. 5 - São rurais as escolas isoladas localizadas a mais de 3 quilômetros da sede do município [...]”

“Art. 6 - A escola rural tem por fim ministrar a instrução primária rudimentar; seu curso é de dois anos (é de se refletir se numa legislação que propõe uma escola primária de dois anos, como ensinar a ler e a escrever nesse curto espaço de tempo?) e o programa constará de leitura, escrita, as quatro operações sobre números inteiros, noções de História Pátria, Geografia do Brasil e especialmente de Mato Grosso e noções de Higiene.”

“Art. 7 - Terão as escolas rurais a maior disseminação e serão criadas a juízo do governo, por proposta do diretor Geral da instrução, mediante informações dos inspetores gerais, nos lugares onde houver os seguintes elementos:

- a) prédio facilmente adaptável às necessidades escolares;
- b) trinta crianças em idade escolar, num raio de 3 quilômetros do prédio indicado.”

Dutra (2010, p.31) analisa com mais profundidade o supracitado regulamento e descreve:

De acordo com o Regulamento da Instrução Pública de 1927, as escolas reunidas serão constituídas quando, num raio de dois quilômetros, funcionarem três ou mais escolas isoladas, com frequência total mínima de 80 alunos desse modo sendo agrupadas em um único estabelecimento. Observa-se que a escolha dos conteúdos a serem ministrados nas escolas do Estado era feita por um grupo de várias pessoas influentes quanto aos desígnios estabelecidos no processo de construção da nação. Segundo o Artigo 88 do mesmo Regulamento, esse corpo era constituído pelo Diretor-Geral do Ensino, por alguns inspetores gerais e por um Inspetor Médico.

Contudo, este aparato jurídico não foi suficiente para mudar os rumos do analfabetismo das crianças e adultos nos povoados guaporeanos. O funcionamento de unidades escolares se resumiu mesmo às zonas urbanas de Porto Velho e Guajará-Mirim e se manteve assim até 1943 quando Getúlio Vargas criou por meio do Decreto-Lei n.º 5.812, com terras desmembradas do Mato Grosso e do Amazonas, o Território Federal do Guaporé, lançando as bases territoriais do que viria a ser em 1981, nas mãos do último general da ditadura militar, João Batista de Figueiredo, o Estado de Rondônia.

Alheio à burocracia deste período, Dom Xavier Rey iniciava as articulações políticas e religiosas com membros influentes de Guajará-Mirim e contatava as sociedades ruralizadas

do Guaporé em visitas rotineiras, planejando funcionar sua escola de formação em que as meninas negras seriam preparadas. Com a mão-de-obra em sintonia com os objetivos católicos, o passo seguinte seria constituir unidades escolares menores para se trabalhar a alfabetização com professoras treinadas a serviço do catolicismo.

É nesse ambiente que começou efetivamente por parte da Igreja, a arregimentação dos católicos para juntar forças na criação de uma escola de formação para o magistério nos moldes de pensionato. Dois lotes de terrenos foram adquiridos pela prelazia pelo valor de 10 contos de réis. Entre doações e improvisos, o funcionamento do Instituto Santa Terezinha se iniciou de forma precária, mas, prosperou e viveu seu ápice entre os anos de 1933 e 1950 sob o comando inicial de Emília Bringel e dois anos depois, com as Irmãs Calvarianas.

O papel das Terezianas acabou por inseri-las como sujeitos da história. Após a conclusão parcial dos estudos, as professoras demonstraram capacidades de construir variadas formas de independência, modos de viver, de produzir e de se firmar em igualdade com os seus opostos de gênero. Nas comunidades, as pequenas escolas fundadas por Dom Xavier Rey ofereciam a experiência do ensino gratuito e filantrópico voltado ao povo ribeirinho.

As experiências educacionais ali realizadas tiveram grande repercussão em Guajará-Mirim, nos seus distritos e nos povoados nas margens do rio Guaporé. Após a formação, essas professoras levavam consigo os conhecimentos adequados a iniciar o processo de instrução primária, ou seja, a alfabetização de crianças e adolescentes e o ideário conservador cristão. À medida que tiveram suas vidas socioeconômicas transformadas pela formação ofertada pela Igreja, também se tornaram líderes de suas comunidades.

A interação entre a professora e comunidade enfatizava a discussão de valores como a honra, a solidariedade, o respeito mútuo pelos valores cristãos. Isso comprova que o trabalho educacional da Prelazia dirigida por Dom Rey, envolveu diretamente todas as famílias domiciliadas nos povoados atendidos pelas desobrigas e não se restringia apenas ao combate ao analfabetismo. Ultrapassava os limites do cotidiano ao se buscar a resolução dos mais diversificados conflitos sociais como separação, rugas entre vizinhos, conselhos matrimoniais e apoio nos problemas relativos à saúde como a realização de partos ou socorro nas moléstias.

Em 1948, quando Dom Rey conquistou a nomeação de Bispo, o país já havia superado a Era Vargas e restabelecido no papel, a democracia política. Mas o seu projeto proporcionou a formação de uma segunda geração de professoras, também negras, tais quais as vivenciadas no seu primeiro centro de formação, o Santa Terezinha, agora no Colégio

Nossa Senhora do Calvário, dirigido pelas Irmãs Calvarianas. Desta segunda seleção de estudantes, Alexandrina Gomes e Angelina dos Anjos Nogueira alcançaram um currículo mais elevado²¹.

Com efetiva atuação de Dom Xavier Rey, nos cinco primeiros anos da década de 1930, o modelo de ensino religioso já era uma realidade, embora atendesse ainda um número reduzido de meninas. As pequenas escolinhas para alfabetizar começaram a funcionar nos povoados a partir de 1937, quando já era possível enviar professoras para assumir as escolinhas criadas pelo Prelado.

Dom Xavier Rey construiu em 1937 a escola de Rolim de Moura, para a qual se designou Antônia Quintão e a escola de Pedras Negras. Para lá ele enviou duas professoras: Estela Lemos Madeira e Eremita Cordeiro, pois ali residia um quantitativo de pessoas bem superior sobre as demais localidades. Na sequência, ocorreu em 1938 a fundação da escola de Limoeiro, na qual a professora Paula Gomes Oliveira foi exercer a docência. Em 1939, a Escola de Vila Bela, na qual foram atuar as professoras Verena Leite Ribeiro e Belmira Farias.

A partir de 1940, outras escolas seriam construídas e comandadas pelas “filhas” de Dom Rey e deste modo, a Prelazia guajaramirense trilhava sua liderança espiritual absoluta no comando dos povos da floresta, instrumentalizada por uma educação que “dava a luz da alfabetização para se enxergar melhor os caminhos da salvação”.

A presença da Igreja católica ia além da edificação de pequenas escolas e incluía a construção de capelas em sistema de mutirão, utilizada como centro de missas e orações, especialmente nas desobrigas ou em datas do calendário religioso em que na localidade chegava o Batelão do Divino Espírito Santo. O cotidiano dos seguidores da fé na tradicional “coroa do Divino” se adaptava sem resistência ao calendário e regras do evento cristão.

A educação das meninas negras guaporeanas possuía um caráter de formação religiosa, sobretudo por se entender que estas iriam educar novas gerações de estudantes, ou seja, mais uma vez trabalhar pela ênfase do papel da esposa e mãe a estas mulheres, visão conservadora defendida pelos fiéis do catolicismo. Isto porque, nos colégios da Prelazia era oferecida às internas uma educação com caráter de instrução e com base na moral bíblica, justificada por seu destino de multiplicar os ideais cristãos, com ênfase na polivalência em diversas áreas para a formação futura dos estudantes.

²¹ Sobre o currículo da professora Angelina dos Anjos, ver em Anexos, págs. 126, 127 e 128.

Identificando os olhares sobre a formação das primeiras professoras da região e futuras narradoras dos acontecimentos históricos, por meio do exame das entrevistas, assegura-se a positividade pra estas nas modificações ocorridas a partir da formação escolar no Colégio Santa Terezinha.

O ensino de uma práxis educativa possuía seu caráter religioso, mas continha elementos sociais como as contribuições das Calvarianas para a escolha da profissão de professora e a rede de relações estabelecidas por elas que lhe ajudaram algumas das filhas do Bispo a continuar os estudos em Instituições de nível superior e o respeito pela diversidade étnica por parte das formandas. Com o passar do tempo de trabalho conseguiu reconhecimento da população guaporeana, fato contínuo aos dias atuais.

Dentro desta paisagem de relações etnicorraciais, onde a predominância de quilombolas era o padrão predominante, ressalta-se a supremacia da cor negra das professoras, porém, entende-se como justa a abertura de um parêntesis para observar um fato incomum entre as primeiras professoras formadas no Internato. No meio da negritude desta geração pioneira do Instituto Santa Terezinha, duas meninas eram brancas.

Estela Lemos Madeira, de descendência italiana e que viria a ser a matriarca da tradicional família Casara ao contrair matrimônio com Giácomo Casara, filho do engenheiro italiano e seringalista Américo Casara, um dos pioneiros em Guajará-Mirim, nascida no povoado de Santa Fé, próximo ao município de Costa Marques. A outra aluna era Eremita Cordeiro, oriunda de Pedras Negras.

A **Figura 6** apresenta três moças brancas bem vestidas, cabelos bem penteados e com roupas e adornos comuns às filhas de famílias de posse da região, em contraste a outras imagens pesquisadas e expostas neste texto (para fins de comparação e análise, ver a Fig. 7, p. 78). Duas destas “Terezianas” foram às primeiras professoras de cor branca a exercer o magistério nas escolas guaporeanas, inclusive trabalharam juntas no mesmo distrito onde nasceu Eremita.

A professora Estela Madeira se especializou na alfabetização, galgou postos de trabalhos em outros Colégios guajaramirense. Afirmava sempre convicta seus agradecimentos a Dom Xavier Rey, a quem considerou um “pai” até o dia do seu falecimento em 5 de janeiro de 2012, aos 88 anos na cidade de Guajará-Mirim.



Figura 7— Da esquerda para direita: Professora Eremita Cordeiro, a amiga Mercedita e a Professora Estela Lemos Casara, as únicas meninas brancas da primeira turma de 1933. **Fonte:** Arquivo pessoal de Roberta Saldanha

A formação recebida no período de cinco anos de instrução em nada diferiu da formação das demais colegas e assim exerceram as atividades de professoras, catequistas e enfermeiras, atendendo a grande totalidade da população negra do Distrito. Em 1937, Estela alfabetizava em Pedras Negras, mas executava tarefas em benefício dos membros da comunidade que incluía a área da saúde. Aplicava injeções e catequizava nos finais de semanas e nas datas de comemoração das festividades católicas, pastoreando os ribeirinhos para aumentar o rebanho da Prelazia.

Dom Rey enviou como auxiliares na sala de aula, suas duas melhores amigas do Internato: Eremita Saldanha, menina branca que também se formou na mesma turma e a professora Antônia Quintão, uma das meninas negras de Rolim de Moura do Guaporé, levada por D. Rey. Antônia consolidou seu nome como mãe, professora e religiosa perante o povo guaporeano e se tornou a matriarca da numerosa família Quintão, antigos moradores do distrito de Rolim de Moura do Guaporé, localidade administrada pela prefeitura de Guajará-Mirim.

Estas jovens mestras educaram centenas de meninos e meninas pobres, residentes nos tapiris e palafitas do rio, além de cuidarem dos seringueiros nos momentos de enfermidades, sobretudo pela necessidade de sobreviver à malária e ao beribéri. Na impossibilidade de se conseguir remédios para o tratamento e convalescência do enfermo, a

opção era fazer o famoso “caldo da caridade”²² para fortalecer os enfermos cortadores de seringa.

Ocuparam seus lugares no tempo histórico e no espaço da educação rondoniense. São personagens que encontraram no exercício do magistério o meio fecundo para o desenvolvimento das suas comunidades, independente dos interesses espirituais do poder hegemônico da Igreja Católica.

2.3 - RELAÇÕES ETNICORRACIAIS NA REGIÃO DO VALE DO GUAPORÉ

Na antiga província do Mato Grosso, os homens e mulheres africanos foram trazidos para a região do Mato Grosso a partir do século XVIII e fincaram raízes em definitivo na região, trazidas para trabalhar como escravas nas fazendas ou na mineração. Logo perceberam no mundo amazônico, um terreno propício para trilhas de fuga e uma posterior organização tribal em quilombos e mocambos (BRAZIL, 2002). Iniciava-se assim e permanece até os dias atuais, a supremacia quilombola nos povoados do Vale do Guaporé.

A tomada pelos negros, dos espaços urbano e rural em, Vila Bela da Santíssima Trindade, significou a consolidação da comunidade vilabelense, em função da incapacidade dos proprietários brancos em se articular e preservar a manutenção do poder. Isto facilitou a ocupação pelos grupos de africanos e descendentes, que, a partir de então, passaram a alternar sua residência entre a área urbana e a rural. Mas, essa sociedade teria gerado pequenos núcleos elitistas que restringiram o acesso às oportunidades econômicas da maioria negra da população, mantendo sob essas condições um limite de apropriação de bens materiais, provocando a evolução da desigualdade nas terras guaporeanas ao longo do tempo.

Em consequência do povoamento se constituir com esse contingente quilombola, denota-se certa dificuldade em saber sobre as práticas racistas, em voga no Brasil dos séculos XVIII, XIX e XX, disseminaram-se nos núcleos habitados do Guaporé e qual a sua intensidade na prática. Tal afirmação seria incorrer em considerações precipitadas, talvez pelo autor desta dissertação desconhecer mais estudos específicos sobre discriminação racial nos agrupamentos quilombolas do Vale do Guaporé. A referência não é dirigida aos centros urbanos como Guajará-Mirim ou Porto Velho, mas aos povoados às margens do rio Guaporé.

²² Iguaria considerada pelos seringueiros como um revigorante, à base de água, alguns dentes de alhos, pouca manteiga e pimenta do reino, mexidos com uma colher de pau. Após curto período de fervura, peneirava-se e espalhava a farinha de mandioca.

Assunção (2012, p. 27) faz uma única afirmação sobre práticas discriminatória entre a minoria branca e a maioria negra quando cita a paisagem social que Dom Rey teria encontrado durante as primeiras desobrigas, ao perceber o abandono educacional de todas as comunidades habitadas entre Guajará-Mirim e Vila Bela. Afirma ela,

Durante a viagem pelo Rio Guaporé, onde a lancha parava, ele descia cumprimentando a todos que ali estavam, sem qualquer distinção. Percebeu, em algumas pessoas, um pouco de preconceito racial, que procurou logo acabar, dando seu próprio exemplo: abraçava e tratava bem a todos, dando assim a entender que somos iguais, seres humanos e filhos de Deus.

Nas terras guaporeanas, repetiram-se nos anos do século XX, os episódios ocorridos durante o início do povoamento intenso no século XVIII, ligando o processo de migração à miscigenação, como consequências atribuídas ao desenvolvimento dos ciclos econômicos. A região de Guajará-Mirim (com seus distritos) se transformou num encontro de culturas e povos, miscigenando as etnias nativas com os migrantes que vieram em busca da riqueza produzida pelo *boom* da borracha ou para a ocupação do espaço agrário.

As relações etnicorraciais podem ter tido um caráter menos agressivo, se considerarmos a maioria negra em todo o Vale do Guaporé e o crescente povoamento iniciado a partir de Vila Bela da Santíssima Trindade, por negros que se multiplicaram e se fixaram nas localidades escolhidas. Sem a disputa agrária com brancos, esses agrupamentos quilombolas puderam respirar os ares da selva com mais segurança e sobreviver onde poderiam ser solidários e partilhar os mesmos princípios religiosos, ou como comenta Gomes (2005, p.33), “conquistaram margens de autonomia, acesso, controle e utilização da terra, desenvolvimento de pequeno comércio e mesmo de uma microeconomia monetária”.

A presença negra era maioria nos povoados de Pedras Negras e no mais antigo, o de Santo Antônio do Guaporé, principal reduto de ex-escravos, conforme relata Teixeira (2009, p.4):

Santo Antônio do Guaporé é uma comunidade de remanescentes de quilombos localizada no Vale do Guaporé, no Estado de Rondônia. A comunidade reside na região há mais de cento e 120 anos, sobrevivendo dos recursos naturais e de uma agricultura de subsistência que tem na mandioca seu produto mais expressivo. Durante toda a sua existência a comunidade chamou a atenção por sua composição étnica. Os pretos de Santo Antônio do Guaporé são citados em relatos de viajantes desde o século XIX, quando a comunidade transferiu-se para as margens do Guaporé.

Dom Francisco Xavier Rey promoveu uma ação social na região, organizando um processo de ensino que contemplasse a alfabetização das crianças e jovens nas comunidades. O seu envolvimento com as classes sociais era no sentido de conseguir o apoio material para o projeto de construção de escolas com o objetivo de proporcionar o mínimo de instrução aos homens, mulheres e crianças desprovidas da instrução pública.

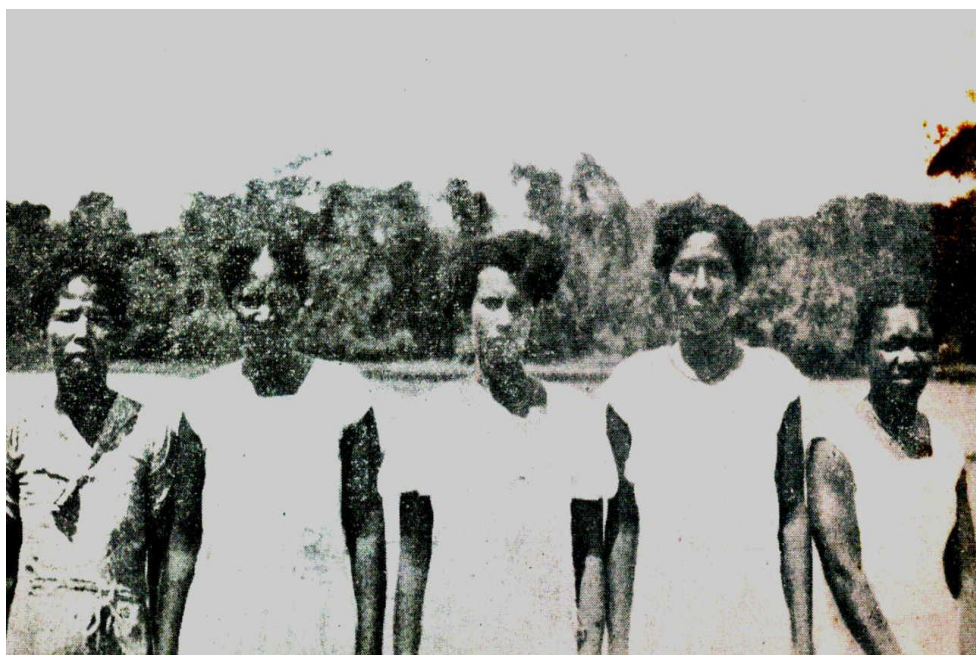


Figura 8 - Negras do Guaporé. Foto da expedição Frederico Rondon - 1936. **Fonte:** Arquivo da DGM

A formação de professoras era o único caminho a ser trilhado pelo Bispo, pois não haveria como não escolher outras meninas, exceto na cidade de Guajará-Mirim, o que seria praticamente impossível, em razão da recusa das famílias brancas residentes na cidade não serem partícipes de valores como igualdade racial (VERDIER 2013).

As experiências da coexistência de diferentes grupos étnicos e culturas distintas que se miscigenaram em espaços e temporalidades, é o que caracterizava a população de Guajará-Mirim. No pensamento brasileiro da época, o discurso da mestiçagem e da “democracia racial” era defendido pelo pernambucano Gilberto Freyre. Na obra “Casa Grande & Senzala”, construiu essa representação de um Brasil mestiço, mediante a contribuição positiva do negro em meio a uma harmonia racial. Segundo FREYRE (2001, p. 33) “a miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical, entre a casa-grande e a senzala”.

Na região guaporeana onde a concentração populacional era pequena, a mestiçagem era um acontecimento corriqueiro nos agrupamentos humanos entre negros, índios e elemento brancos que chegaram durante os períodos dos ciclos da borracha. A elite amazônica se resumia a um pequeno número de seringalistas, comerciantes e líderes políticos e religiosos que comandavam o grupo de homens e mulheres da base da pirâmide com funções limitadas.

No pensamento brasileiro da época, o discurso da mestiçagem e da “democracia racial” era defendido pelo pernambucano Gilberto Freyre. Na obra “Casa Grande & Senzala”, construiu essa representação de um Brasil mestiço, mediante a contribuição positiva do negro em meio a uma harmonia racial. Segundo Freyre (2001, p. 33) “a miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical, entre a casa-grande e a senzala”.

Talvez seja mais apropriada à região amazônica a teoria de Darcy Ribeiro, que sem acolher o mito da democracia racial de Gilberto Freyre, celebrou uma “etnia brasileira” que segundo ele, “alcançam-se assim, paradoxalmente, condições ideais para a transfiguração étnica pela desindianização forçada dos índios e pela desafricanização do negro, que, despojados de sua identidade, se veem condenados a inventar uma nova etnicidade englobadora de todos eles” (RIBEIRO, 1995, p.442).

O funcionamento do Internato Santa Terezinha, a partir de 1933, coincide com o tempo em que intelectuais brasileiros discutiam o dilema da mestiçagem da população em geral. A segregação total desejada por muitos seria algo inalcançável em razão da constituição populacional de negros no país, ser considerada altamente numerosa e a eliminação dos grupos indígenas já encontrar focos de luta e resistência em várias regiões do país.

Não se deve denegar como entendimento que a opção de Dom Rey em construir suas escolas teve certa relevância no cenário feminino, sobretudo porque, o magistério sempre se apresentou como um campo de conhecimento, cuja força de trabalho era fortemente exercida pelas mulheres. Nesse meio tempo, havia obstáculos discriminatórios em relação à profissionalização de mulheres negras para o trabalho do magistério, motivados por questões da ideologia racial brasileira com relação às populações mestiças e descendentes de escravos.

Com a feminização negra no Guaporé, Dom Rey participou diretamente da abertura de um amplo quadro para a inclusão de parte das mulheres ribeirinhas nos poucos espaços ocupados por homens ou mulheres brancas. Viviam-se, à luz de uma época em que ainda não se comentava sobre assuntos relacionados à igualdade de gêneros e similares, embora o racismo existente fosse um fator preponderante na sociedade brasileira. Utilize-se como conceito de

racismo a ideologia que defende a ordem e subordinação entre grupos humanos, ordenando-os em raças superiores e inferiores. (BENTO, 2005)

O próprio governo brasileiro atuou diretamente para impedir a entrada de negros norte-americanos na Amazônia, decidindo pela devolução do dinheiro investido em terras compradas por eles (SANTOS, 2006), enquanto em contraposição, incentivava a imigração branca com a doação de terras. Comprova-se, assim, um processo de construção da hegemonia branca e rica com a indiferença do governo federal em relação aos negros ou quaisquer pessoas sem o poder aquisitivo das camadas médias. Na primeira metade do século passado, a educação era servida aos brancos e a quem se dispunha a pagar para ter seus filhos nos bancos escolares, um sistema usual que também se fez presente nas comunidades ribeirinhas do rio Guaporé.

A Igreja guajaramirense conseguiu com a atuação de Dom Rey, tornar-se a detentora do monopólio para a formação escolar dos habitantes do Guaporé. Não se justificava a presença do Estado em espaços fora do mundo “civilizado”, rodeados por negros e brancos mais pobres. Assim, em uma discussão mais pontual, infere-se que a única oferta “popular” de ensino, direcionada às comunidades de amazônidas veio da ação de Dom Xavier Rey. Gomes (2012, p.55) afirma, ao se referir ao abandono educacional e ao passado histórico da região que:

Tanto no período da exploração e produção do ouro e de especiarias vegetais (as drogas dos sertões), como no período intensivo da produção da borracha, a partir de 1850, e até mesmo quando o seringal perdeu o sentido de aventura pela conquista da terra dando lugar à ocupação populacional, não havia qualquer preocupação com a oferta de educação formal. Isso se deduz do espírito de aventura que caracterizava a conquista daquele espaço geográfico e da mentalidade dominante do colonizador, que se resumia em explorar o potencial existente visando apenas o lucro imediato, desvinculado de qualquer compromisso com a região e a população nativa.

A primeira escola pública da região somente foi criada em 1913, na localidade de Santo Antônio do Rio Madeira e a segunda, pelo Major Fernando Guapindaia (primeiro prefeito de Porto Velho), no ano de 1915. A Instituição portovelhense quebrou paradigmas raciais ao atender quarenta alunos de ambos os sexos. Porém, não se tem notícias ou fontes confiáveis de que estas primeiras escolas tenham beneficiado ou recebido crianças ou jovens oriundos das comunidades às margens dos rios Guaporé e Mamoré.

Desta forma, considerando-se a distância e as dificuldades de locomoção, a história da educação rondoniense não será contestada quanto à afirmação de que o Colégio Santa

Terezinha tornou-se o marco pioneiro na formação escolar de professoras e do povo ribeirinho. Segundo Gomes (2012, p.63):

Em 1933, Dom Francisco Xavier Rey, Bispo prelado de Guajará-Mirim, criou a Escola Santa Terezinha, em regime de internato, destinada a habilitar professoras. Iniciou seu funcionamento com 33 alunas de várias localidades interioranas, principalmente dos vales do Guaporé e Mamoré. Posteriormente, criou o Instituto Nossa Senhora do Calvário, que, sob a direção das freiras, mantinha o ensino primário e o de habilitação de professoras. A partir de 1937, conforme Lima (1991), Dom Rey criou 29 escolas nos vales dos rios Mamoré e Guaporé e seus afluentes, tendo como professoras e catequistas as jovens habilitadas no internato.

Para superar o analfabetismo, o religioso francês deu um passo importante com a organização do Internato para receberas primeiras alunas, quando sequer se cogitava a possibilidade de uma política do governo do Mato Grosso que compreendesse e transformasse a realidade dos povos dos campos amazônicos sob sua jurisdição. A atuação de Dom Rey propiciou intervenções que minimizaram a excludente realidade educacional no Vale do Guaporé.

Mas, considerando como contraponto o fato da ideologia católica não ter levado em conta, a ruptura do paradigma cultural adquirido por estas meninas nas suas comunidades. No contexto de atuação da Prelazia, as relações entre as pessoas envolvidas no processo de educação desencadeado por Dom Rey nunca colocaram em pauta o desafio de discutir questões relativas ao choque cultural da mudança de ambiente e convivência.

Primordial para a Prelazia era a proposta de formar um reduto da civilização cristã, utilizando a atuação dessas mulheres na preservação da cultura cristã, reforçando o papel delas como mantenedoras e defensoras da vida religiosa. A escola alfabetizava, mas, inculcava as representações simbólicas do catolicismo na consciência dos que frequentavam suas escolas, como valores inalienáveis às populações ribeirinhas, o poder da fé.

As filhas eram ensinadas a ser mãe e esposa, sua pouca educação limitava-se a aprender afazeres domésticos como a cozinha, o bordado, costurar para o limitado vestuário caseiro. Carregava o estigma da fragilidade, da pouca inteligência, entre outros caracteres que fundamentavam a lógica patriarcal de mantê-la afastada dos espaços públicos. Esta negação de espaços por uma visão rude e machista não permitia também a possibilidade de se procurar a educação formal.

Dentro desta perspectiva de inferioridade, mas, assaz comum na região amazônica do início do século anterior, as relações de gênero sem igualdade social são norteadas somente pelo poder machista. Os papéis das mulheres ribeirinhas são limitados à existência doméstica

no sistema de subserviência aos homens, os quais não permitem o acesso à escola. Não obstante, a grave situação da questão educacional do Guaporé de não existir escolas nas comunidades rurais, a chegada da Igreja não gerou conflitos com o sistema patriarcal pela forma gradual que Dom Rey implantou seu projeto de educação.

A escola principal (Instituto Santa Terezinha) e as escolas fundadas depois nos povoados do Vale do Guaporé configuraram como uma prática educativa alfabetizadora com a transmissão de valores cristãos, associados aos ensinamentos básicos, que estabeleceram entre suas participantes (meninas negras e a população das localidades) uma forma de agir como sujeitos de transformação da realidade educacional vivida pela maioria das famílias ribeirinhas, e que perpetuaram a imagem mítica de Dom Francisco Xavier Rey.

A história da mulher negra guaporeana, como a história de outras mulheres mais pobres, domiciliadas nas sociedades urbanas, é manipulada pela instituição da ordem patriarcal legitimada pela religião católica, com efeitos de provocar o silêncio do feminino em todas as esferas sociais. A mulher não formada e destituída socialmente era subordinada e dependente do pai ou do marido, permaneciam era propriedade do homem e silenciada por ele, limitava-as suas práticas cotidianas, de seus modos de vida.

Mesmo com os estudos e a profissão no magistério o que lhe permitiu algum poder aquisitivo, as relações de submissão com seus pares não se alteraram, tampouco, a dedicação à igreja católica.

3 - A FORMAÇÃO DAS MENINAS NEGRAS

O projeto educacional de Dom Francisco Xavier Rey, é visto como o processo de transformação de sujeitos excluídos do saber em gente solidária e participativa (VERDIER, 2013) embora sua ideia não representasse um autêntico projeto de transformação ou de ruptura com a ordem estabelecida. Ao contrário, era uma ação contributiva para o controle sociopolítico e dominação ideológica de agrupamentos humanos por meio da religião.

Seu plano incluía a solicitação por meio das correspondências escritas e entregues pessoalmente pelo remetente às famílias, da liberação de uma ou duas meninas, para serem levadas ao internato onde os estudos dados seriam a “libertação do analfabetismo”. Esta “adoção provisória” visava formar mão-de-obra alfabetizadora e evangelizadora para todos os lugarejos do Guaporé.

Sem alternativas para educar os filhos no ambiente escolar, os pais aceitavam a proposta do prelado porque as poucas escolas que existiam em Guajará-Mirim, era resultado de pífios investimentos estaduais, no caso das terras do Guaporé, do governo do Mato Grosso, sem poderio de inclusão dos ribeirinhos no processo de aprendizagem.

Contudo, a formação escolar das “Terezianas” em Guajará-Mirim se constituiu na base memorial para a pedagogia coletiva dos estudantes da região, fazendo parte do universo acadêmico no qual as professoras negras passaram a ocupar um lugar mais proeminente no cenário educacional e na esfera religiosa, ao ensinar seus saberes, sua cultura, além de conservar suas reminiscências das vivências passadas.

O Internato Santa Terezinha programou a educação voltada inicialmente às meninas vindas dos povoados, sem se importar em alterar suas práticas cotidianas ou os seus modos de vida. De início, o essencial era a transmissão de novos saberes e a promoção ao acesso educacional de um grupo propenso à discriminação social triplicada: eram meninas, eram negras e eram pobres. A discussão relacionada à construção de domínios dos saberes destas crianças, relativos à mudança de vida, retratam que suas experiências não ficaram restritas ao silêncio. Elas conquistaram o direito à voz no exercício do magistério.

Após a formação, essas professoras levavam consigo parte dos conhecimentos aprendidos visando iniciar o processo de multiplicação da instrução inicial, ou seja, a alfabetização de crianças e adolescentes das comunidades em que iriam atuar, mas, bem providas teoricamente com o ideário católico. Transformadas em professoras, catequistas, educadoras, agentes de saúde entre outras funções, contribuíram diretamente para a formação

religiosa das pequenas sociedades de onde outrora saíram para estudar e voltaram como mestras.

À medida que tiveram a formação recebida de mestras calvarianas, deveriam estar aptas a ministrar o aprendizado para uma quantidade de crianças desprovidas de quaisquer contatos com as primeiras letras, completamente marginalizadas da condição primeira do conhecimento que é a alfabetização. Somando-se às habilidades pedagógicas adquiridas, estariam preparadas para assistir quem precisasse resolver a diversidade de problemas, não somente de ordem educacional, mas também, material e espiritual.

Recorremos mais uma vez a Dutra (2010, p.37), para compreender como essas professoras, após o período de estudos diversificados no Internato exerceram seu papel de destaque ao ministrar aulas, considerando sua polivalência, sobretudo, pela importância também em atuar na saúde dos habitantes e na articulação do combate ao analfabetismo, mesmo com a defesa do ideário católico e o pensamento religioso.

Essas mulheres pertenciam ao universo dos indivíduos de maior *status* na região, e, quando a população precisava de algo, recorria a elas, que faziam as vezes de muitos outros responsáveis, ora pela incumbência de religiosos ora pela necessidade de suprir a ausência de médicos ou, mesmo, de mediar conflitos judiciais. Então, as experiências cotidianas das professoras negras no Guaporé por muitos anos tomaram as mesmas proporções que as relacionadas a qualquer outro poder, pois elas atuavam em espaços de grande influência nas decisões da comunidade, eram porta-vozes de suas angústias e alegrias e modelos a serem seguidos, coordenando diversas situações que exigiam conciliação e solução final para os acontecimentos.

Dutra (2010) comprova que o trabalho educacional da Igreja Católica no Vale do Guaporé para os membros dos povoados ribeirinhos, não se restringia apenas ao combate ao analfabetismo. Por causa das desigualdades sociais, sucedia também uma preocupação em formar essas professoras para a resolução de inquietações comuns ao convívio familiar e comunitário. Aos olhos de Dom Xavier Rey o processo educacional seria um meio de assegurar ao povo do Guaporé, o desenvolvimento das suas comunidades, a unidade cristã e a evolução social.

O privilégio da prelazia em defender valores que considerava correto era um requisito básico do sistema educativo disponibilizado a sua clientela. Neste caso, é válido atribuir à escola de Dom Xavier Rey, o aprendizado condicionado que evidenciava a trajetória a seguir pelas suas formandas, cientes dos seus papéis e influências na sociedade que iriam trabalhar, em conjunto com o trabalho educacional e na coordenação da função da família como base.

As professoras galgaram o respeito da sociedade que começaram a tratá-la sob um novo olhar de lideranças, dando-lhes um status mais elevado. Nas comunidades ribeirinhas, as “filhas do Bispo” tiveram significativa atuação nomeio da infância e juventude, onde conseguiram dar-lhes formação para seguirem nas lutas futura sem busca de inserção na vida políticas, econômica e cultural.

O planejamento do processo de ensino das 33 meninas levadas ao Internato Santa Terezinha se iniciou com a escolha da primeira professora disponível em Guajará-Mirim, e com elementar afinidade com os ideais católicos: Emília Bringel Guerra, mais conhecida na cidade pelo epíteto de “Dona Pretinha”, era uma professora experiente com o ensino primário e já tinha exercido o magistério no Mato Grosso e em Generoso Ponce, localidade situada entre Santo Antônio do Madeira e em Guajará-Mirim.

Além de lecionar, era a encarregada geral pelas alunas do Internato e nomeada, exercia também o cargo de primeira Diretora da Instituição, apesar de Dom Rey regular rigorosamente a disciplina, com definições de horários, tempos necessários às aulas, às refeições, às orações e o período destinado ao descanso. Voltar a rever suas famílias era algo propiciado no mês de dezembro quando se entrava em férias do Internato e Dom Rey, com o apoio do Coronel Saldanha, iniciava a viagem numa lancha cedida para este fim.

Durante o período letivo, outras formas de comunicação seriam por cartas, ou visita de familiares com autorização prévia do Bispo, mesmo que os visitantes fossem os pais das meninas. Mas normalmente, a carta era a via de comunicação mais recomendável, considerando que era o instrumento mais presente em avisos, solicitação de atividades religiosas ou envio para pedir liberação de outras meninas para estudarem no Internato em Guajará-Mirim. A missiva era usada largamente pelo prelado francês como forma de comunicação para autoridades, pais e professoras.

Entre as famílias que receberam as primeiras cartas de Dom Xavier Rey com o pedido de liberação das meninas escolhidas para estudar em Guajará-Mirim, nenhuma denegou a permissão. Segundo Cruz (2013, p. 5) “os pais entregavam suas filhas para o bispo educá-las. Isto mostra a credibilidade Igreja Católica na região. Também naquele período era a única instituição que se interessava e apoiava a população negra e indígena”. Eram famílias pobres, sem perspectivas para os filhos em relação aos estudos, moradores de comunidades distantes das cidades. Negras, miscigenadas e indígenas da Amazônia guaporeana, em sua grande maioria, nunca havia saído do seu *locus* natural, nem conheciam o sistema social injusto que o país impunha aos seus filhos mais desvalidos.

A escola, a princípio era organizada sem planejamento pela ausência de recursos financeiros e materiais de apoio para as salas de aula, como carteiras e bancos para as alunas. Dom Rey, com a ajuda de voluntários e indivíduos ligados à prelazia, buscava no pequeno comércio local as caixas de madeiras que ali eram trazidas com mercadorias como alimentos e materiais de uso cotidiano, vendido nas bodegas ou levadas para serem consumidas nas colocações²³ dos seringais. O reaproveitamento das tábuas destas caixas propiciava a construção de bancos escolares com espaço para duas ou até três alunas.

Na estrutura do Internato Santa Terezinha havia dormitórios, refeitórios e salas de aulas, construído em regime de improviso pela urgência da Prelazia em fazer funcionar a escola, recebendo as meninas que vieram de diversas partes do Vale do Guaporé. Não se pagava mensalidades, mas os pais deveriam contribuir com gêneros alimentícios produzidos nas propriedades em que trabalhavam. O envio era feito por barcos do Coronel Saldanha que não cobrava pelo serviço. Os genitores que não pudessem enviar quaisquer formas de doações, as filhas que estavam no Internato quitava essa “dívida” com a realização dos trabalhos de limpeza e serviços gerais.

A organização e definição de currículo e calendário era estritamente uma função de Dom Xavier Rey, considerando que o método pedagógico presente para o ensino deveria ser consoante ao discurso católico. A disciplina no ambiente do Internato era pautada pela rigidez de comportamento e incluía castigos físicos para as crianças em momentos de desobediência às regras.

O que nos dias atuais poderia ser alvo de questionamento por órgãos de defesa de crianças e adolescentes, jamais era questionado pelos pais das meninas, já que era uma prática intrinsecamente “ligada à atuação paterna na educação dos filhos. Cruz (2013, p.6) afirma que Dom Rey adotava uma disciplina muito rígida, batendo nas crianças. Isto não era questionado pelos pais dessas crianças, pois eles também usavam de muita rigidez na educação dos filhos”.

A “primeira aula” ocorreu durante o deslocamento das meninas para Guajará-Mirim. O batelão foi preparado exclusivamente para esta primeira viagem e Dom Xavier Rey iniciou ali, o processo de aprendizagem das regras básicas do mundo católico como o ensino de hinos religiosos, as aulas de etiquetas, habituando-as no comportamento à mesa, nas horas das

²³ Nomenclatura para a posse geral do seringueiro, incluindo casa, roçado e estradas.

refeições, pois essas meninas sequer sabiam utilizar os talheres nos moldes tradicionais, além das diversas brincadeiras lúdicas.

O ensino religioso era obrigatório, acompanhado de orações e participação em celebrações tradicionais do cristianismo. Ensinavam-se noções básicas de liderança no intuito de transmitir conselhos aos membros da comunidade em conflito; a prática das noções de enfermagem era usual e necessária para atendimento básico de saúde que inexistia como política pública do governo de Mato Grosso.

O trabalho inicial voltava-se ao processo de alfabetização e noções de matemática, período em que a Professora Emília Bringel (Dona Pretinha) era a responsável pelos ensinamentos entre 1933 e 1935. Durante cinco anos, as 33 alunas escolhidas estudavam as matérias básicas em dois períodos (matutino e vespertino), definidas na grade curricular com base no sistema de matérias do currículo aplicado na educação mato-grossense, com adaptações de Dom Rey.

As disciplinas eram aritmética, português, geografia do Brasil, ciências, história do Brasil e religião. Acrescentavam-se noções de desenho e geometria, com destaque para o aprendizado de regras de três. As freiras eram responsáveis em lecionar várias disciplinas, inclusas também noções de latim, francês e espanhol, lecionados pelo próprio Dom Rey, por freiras e padres auxiliares da Prelazia. À noite, com horários rigidamente cumpridos, após as orações religiosas, encerravam-se as atividades diárias com o recolhimento para o repouso. (DUTRA, 2010)

O Bispo fiscalizava o desempenho de cada aluna durante as avaliações aplicadas no último domingo de cada mês letivo. Era analisado o comportamento individual, as práticas de asseio corporal, a tendência à piedade e o grau de interesse das alunas nos estudos (GOMES, 2012). Em 1935, ocorreu a mudança na estrutura física quando o Instituto Santa Terezinha passou a ser reformada para abrigar a sede da Prelazia.

Dom Xavier Rey adquiriu com recursos financeiros doados pela Igreja Católica francesa, um grande terreno ao lado do Instituto e diante da previsão de crescimento da demanda por vagas promoveu a ampliação do prédio por meio da construção de um barracão de madeira, coberto de pequenas tábuas de pouca espessura (tabuinhas).

A partir de 02 de setembro começava a funcionar o Instituto Nossa Senhora do Calvário, dirigido pela Madre Marta do Calvário, nomeada por Dom Rey. As normas e o currículo permaneciam inalterados, assim como as regras disciplinares para o funcionamento.

O ensino escolar ganhava de certo modo uma elevação no nível do ensino com a vinda das irmãs Calvarianas que passaram a integrar o elenco de educadoras do Instituto.

A busca de um lugar para matricular seus filhos por outras famílias aumentava na medida em que se implantavam as primeiras escolas nos povoados do rio Guaporé, principalmente a partir de 1937, quando as meninas se transformaram em adolescentes educadas e treinadas. À medida que Dom Rey as considerava preparadas para o trabalho educacional, deveriam voltar as suas origens e como professoras, iniciarem o processo de ensino alfabetizador para a quantidade de crianças e jovens da comunidade.

Na tabela abaixo, segundo Assunção (2013, p.42) apresenta-se a relação das meninas negras escolhidas por Dom Rey, com a anuência das famílias e que formaram a primeira turma de professoras do Vale do Guaporé, malgrado possa existir por parte do Bispo Dom Geraldo Verdier, algumas divergências.

Tabela 05 - Alunas da primeira turma do Instituto Santa Terezinha (1933)

01	Izabel Gomes de Oliveira	18	Joana Braga
02	Lídia dos Anjos	19	Francisca Bezerra
03	Francisca Conceição	20	Dolores Serrath
04	Nazaré Oliveira	21	Antônia Quintão
05	Teodora Coelho dos Santos (Teodorita)	22	Teodora Profeta da Cruz
06	Lourença	23	Paula Gomes de Oliveira
07	Flora Santos	24	Mônica Mendes
08	Olga Albuquerque	25	Belmira Farias
09	Nazaré Ferreira	26	Aida Orberto
10	Ana Flora	27	Verena Leite Ribeiro
11	Áurea Lopes	28	Iolanda Crispim
12	Maria de Jesus Evangelista	29	Carolina Coelho
13	Ana Jorgea	30	Albertina Coelho
14	Eremita Cordeiro	31	Maria Kaculakis
15	Estela Lemos Cordeiro	32	Cléia Bringel Guerra
16	Mercedes Rodrigues	33	Maura Guerra
17	Cautarina Santos	-	-

Fonte: Izabel Assunção

Ser escolhida por Dom Xavier Rey para estudar em Guajará-Mirim era uma relevante conquista na vida de qualquer família ribeirinha, em especial quando se trata de meninas negras, analfabetas, que exerciam apenas atividades ligadas ao serviço doméstico. Nesse sentido, declara Gonçalves (2000, p. 51) que “a educação escolar passou a ter significado social na vida comunitária, de tradição oral. Saber ler, escrever e fazer contas passou a ser um projeto educativo valorizado na comunidade, cultivando certo orgulho do saber escolar”.

Para iniciar o percurso do ensino e efetivar o discurso de Dom Xavier Rey de “alfabetizar o povo guaporeano e levar-lhes a salvação” (VERDIER, 2013), a Prelazia enviou, no transcorrer do tempo em que finalizava parte dos seus estudos, 22 professoras formadas no Internato Santa Terezinha. Elas iniciaram um trabalho cuja base teórica dos estudos se assentava nas concepções filosóficas e teológicas cristãs.

3.1 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E CONSTRUÇÃO DE SABERES DIVERSOS

Para transformar meninas negras de regiões ribeirinhas do Vale do Guaporé em professoras para a instrução primária era primordial o acesso a um sistema escolar organizado conforme as necessidades econômicas da Prelazia e condicionada à organização de uma estrutura mínima adequada ao ensino dos saberes necessários, entre eles, o domínio da escrita e leitura, condição *sine qua non* para a formação cultural das novas alunas.

Essa possibilidade se iniciou com a guinada de Dom Rey à educação, alterando o objetivo primeiro que era a catequização dos índios. O quadro social da população encontrado nas desobrigas mudou o curso de sua atuação. Nos primeiros anos de ação missionária no Vale do Guaporé, Dom Rey se deparava sempre com populações de maioria negra numa situação permeada de problemas sociais em relação às políticas públicas estatais, longe dos padrões sociais mínimos de decência. Assunção (2012) entendia que o mais grave dessa situação era o analfabetismo.

A região do Guaporé, o fator preponderante era a dificuldade enfrentada pelo Estado mato-grossense em assistir uma população formada por remanescentes quilombolas dispersos em pontos distintos de um imenso território e a incipiente urbanização das cidades de Porto Velho e Guajará-Mirim, conforme nos assegura Gomes (2012, p.69):

...o Território do Guaporé compreendia uma vasta região, ainda não perfeitamente delimitada, entre os rios Guaporé, Mamoré e Ji-Paraná. Salientava ainda a possibilidade da existência principalmente dos municípios de Porto Velho e

Guajará-Mirim, que tinham, respectivamente, área de 17.298 km e 71.870 km e uma população, em 1940, de 8.354 e 6.200 habitantes, tornando-se ambos os núcleos de maior índice populacional.

Era nesta extensão enorme de terras que a nova prelazia objetivava ocupar, educar e evangelizar, implantando a instrução básica associada à construção de escolas com o trabalho voluntário dos moradores seguindo o projeto evangelizador de Dom Rey. A escolarização das meninas trazidas dos núcleos rurais no Vale do Guaporé se iniciou com a alfabetização e posterior estudo de conteúdos básicos, associados às práticas dos ritos católicos.

O risco de internar várias meninas para o aprendizado em Guajará-Mirim encontrava-se na transposição entre o *lócus* doméstico e o mundo novo da cidade, desconhecida pra elas. A adaptação dentro e fora do ambiente familiar era difícil de ser superada por dois fatores: a idade das meninas e as recordações arraigadas do convívio com os pais. O Prelado não considerou estas dificuldades emocionais e seguiu na concretização do seu objetivo maior em formar mão-de-obra para atender os lugarejos que necessitavam de professoras para alfabetizar especialmente as crianças.

Dom Xavier Rey, ao pensar a formação de suas primeiras professoras mediante suas práticas alfabetizadoras, propiciou o rompimento de algumas barreiras que impediam a ascensão social das mulheres guaporeanas ao fazê-las ocupar posições mais elevadas, inicialmente nos locais para onde foram destinadas a atuar e posteriormente, nas cidades de Guajará-Mirim e Porto Velho. Sua atuação reverteu em parte, a conjuntura de dificuldades em frequentar uma sala de aula para as comunidades ribeirinhas.

Grosso modo, seu trabalho não partia apenas do estado de comiseração causado pela situação marginal das comunidades. Havia o interesse primordial de propagar a fé cristã por onde fosse possível, por isso a estratégia organizada para se enviar uma professora formada pelas freiras da Escola Nossa Senhora do Calvário para cada espaço visitado. Dom Xavier Rey também iniciou um processo de construção de pequenas capelas paralela às edificações para abrigar as salas de aula, cerca de trinta e três escolas.

Essa formação escolar do Instituto se converteu num fator importante na formação da intelectualidade da professora ribeirinha, dando-lhe uma auto-estima mais satisfatória em relação ao sentimento de poder progredir culturalmente, assim como nos vetores econômico e social. A prelazia enviou para Pedras Negras, Limoeiro e Rolim de Moura as professoras Eremita Cordeiro, Antônia Quintão e Paula Gomes que, juntamente com Estela Casara, ganharam o *status* como primeiras formadas no Internato de Dom Rey a entrar em exercício na profissão.

Eram além de alfabetizadoras, evangelizadoras, leitoras de cartas, conhecedoras da cultura ribeirinha e confidentes de muitos moradores. Começaram a ocupar um patamar de destaque dentro da sociedade guaporeana. Colocavam-nas diante de uma diversidade de possibilidades e opções que exigiam a reprodução dos modos de pensar e aprender, adquiridos no Instituto Santa Terezinha e chegara a hora de multiplicá-los por meio da instrução dos ribeirinhos.

Toda organização curricular era preparada seguindo os programas oficiais do Estado de Mato Grosso, complementados pela equipe pedagógica sob o olhar atento de Dom Xavier Rey. O Colégio Santa Terezinha disponibilizava por meio da educação essas meninas, uma prática curricular com estudos pedagógicos completos, relativos às séries do ensino primário, tendo como mestres, as freiras e padres, além do próprio Bispo, que eram responsáveis em lecionar as disciplinas.

Seguiam regras rígidas de convivência coletiva, recebiam instruções sobre a prática da catequese, assim como eram avaliadas em sua atuação estudantil e comportamental, muitas vezes, pelo próprio Dom Rey. O objetivo precípua era que após a conclusão dos estudos, estivessem aptas para atuarem no aprendizado das primeiras letras das crianças ribeirinhas e se tornassem, por seu turno, uma multiplicadora das letras.

A relação do rio Guaporé com a vida ribeirinha era também um elemento curricular que Dom Xavier Rey não podia ignorar ou separar das atividades educativas. O passeio com as alunas e as freiras responsáveis pelo ensino era um ritual sempre utilizado como lazer aos domingos. As proposições em relação às meninas ribeirinhas faziam parte do contexto em que se trabalhavam as práticas educativas.



Figura 9 - Passeio de barco pelo Rio Mamoré com alunas do Internato.
Fonte: Arquivo pessoal de Izabel de Oliveira Assunção

O rio e igarapés eram instrumentos naturais da cultura de sobrevivência do povo amazônico. Quando começou a atuar em Vila Bela Da Santíssima Trindade, a professor Verena Leite Brito repetiria o que vivenciou nos barcos da prelazia (ver figura 9) quando menina ao levar as crianças sob sua responsabilidade a participar do passeio em meio à natureza, para deleitarem-se com o rio Guaporé e seus afluentes.

A formação da professora, à luz de uma concepção de educação religiosa comprometida com o processo social, exigia que ela fosse pensada como liderança política com tudo o que isso implica no plano profissional e social. O que se almejava era formar uma mestra polivalente com capacidade de dirigir a comunidade, mesclando a participação nos processos de tomada de decisão com a participação ativa no processo de transmissão do ensino na sociedade.

Gomes (2001, p. 17) discute e explica o embate da igreja católica e suas estratégias para assumir o comando da educação. Quando afirma que “o catolicismo foi à religião imposta a todos que quisessem habitar nestas terras; só os católicos podiam receber ou possuir terras, e os nativos eram ‘pacificados’ pelo batismo”.

O autor não se refere especificamente à atuação missionária de Dom Xavier Rey, apesar disso, a sua reflexão se configura pela verossimilhança nos meios de atuação de padres e bispos, ou como classificam os críticos, dominação dos povos mais pobres por meio da educação. Ainda sobre a atuação da Igreja no domínio da educação, Gomes (2001, p. 16) afirma,

Sua presença foi uma constante na história do Brasil. Assim, acredita-se que a compreensão da história da educação no Brasil e da realidade educacional contemporânea implique em uma análise do papel cultural exercido pela Igreja Católica nos diversos momentos de nossa história, o que revelará algumas faces das configurações assumidas pela educação.

De fato, a maior parte das situações de ensino/aprendizagem nos povoados do rio Guaporé ultrapassava os limites no sentido de praticarem somente o modelo escolar de alfabetização. As “filhas do Bispo” deliberavam em atividades políticas, atuando como juízas de paz nos divórcios, batizados e casamentos. Eram escritoras de cartas para que adultos sem instrução pudessem se comunicar com suas famílias distantes. Exerciam influências como conselheiras de toda a comunidade.

A proposta pedagógica do Colégio Santa Terezinha fortalecia a educação como mediadora da identidade ribeirinha influenciando a prática do catolicismo. Era necessário que as professoras, alunos e as famílias procurassem cada vez mais participar da vida comunitária

da escola que, em quase todos os povoamentos, era também o centro religioso. Para tal, as particularidades na formação das meninas incluíam como enfoques principais, a dedicação religiosa à igreja romana, a necessidade de articulação entre os processos educativos escolares e a inserção da cultura católica nas aulas de instrução.

Pelos relatos da professora Izabel Assunção, que até janeiro de 2014, era a última remanescente viva da primeira turma de Terezianas formadas em Guajará-Mirim, várias atividades, em consonância com a realidade do grupo de colegas, eram realizadas no Colégio. Envolveria o desenvolvimento da escrita das receitas das comidas, das adivinhações, dos contos ouvidos dos ancestrais, derivando atividades de língua e literatura, problemas matemáticos, discussão sobre a cultura católica, e, por fim a organização de festas envolvendo toda a comunidade.

Os conceitos matemáticos eram trabalhados a partir de conteúdos da realidade das alunas, de forma que evidenciasse as questões presentes no cotidiano, tais como: idade, data de nascimento, comparação entre os diferentes pesos e medidas utilizados na região de fronteira como légua, medidas de cereais em cuia, da área dos lotes, e medidas das próprias alunas de forma prática e divertida.

Izabel relata uma situação vivenciada em sua turma em que foram feitas medidas das alunas, e “muitas demonstraram surpresa porque não sabiam a altura, pois nunca haviam sido medidas”. A práxis educativa religiosa também possibilitava a expressão da voz e da palavra numa espécie de estudos da oratória para a catequese, cujas atividades eram ministradas pelo próprio Dom Rey. Percebe-se que os temas de estudo se referiam aos problemas enfrentados no cotidiano das alunas e a formação se desenvolvia com uma maior participação.

Aspirava-se falar bem, pois ao final do curso, quando as meninas se livrassem em definitivo da opressão do analfabetismo, liderariam as pequenas localidades de onde saíram para se instruir. Sabe-se que, em meio às desigualdades sociais e raciais do Vale do Guaporé, retornaram preparadas para o trabalho no magistério, apropriando-se do *status* social mais elevado entre seus parentes e agregados das comunidades.

Em resumo, o trabalho pedagógico se iniciava com a tradicional reunião entre todos os membros do Internato, seguido da distribuição dos materiais a serem utilizados na aprendizagem. O sistema de avaliação era planejado e executado no final de cada ano quando se aplicavam as provas escritas relativas às disciplinas estudadas, acompanhadas de avaliações orais. Após os cinco anos de estudo no Internato, finalizava-se o curso de formação das meninas. O próximo passo seria a designação do lugar de exercício do magistério.

Dom Xavier Rey, com a contribuição da prefeitura e da comunidade organizava a tradicional festa de formatura com a participação maciça do povo guajaramirense. Recebia a ajuda do Coronel Paulo Saldanha, no quesito transporte, onde parte dos familiares das formandas era trazida para assistir a solenidade. Pela popularidade que a realização do evento alcançava em Guajará-Mirim e região, a prefeitura cedia o prédio e apoiava na estrutura do cerimonial. O ritual apresentado para a plateia incluía cânticos religiosos e comédias com temáticas relativas ao catolicismo.

Em seguida, entregavam-se as notas, momento no qual cada uma das meninas formandas eram chamadas pelo nome de batismo perante toda a sociedade guajaramirense e as notas eram lidas perante todos os presentes. No momento da avaliação da aprendizagem das futuras professoras do Guaporé, Dom Rey sempre esteve presente, assistindo a tudo, e tão logo ele verificou que elas estavam aptas para alfabetizar, decidiu que era hora de pensar nas escolas em que iniciariam sua profissão.

A educação trabalhada no Colégio Santa Terezinha e nas outras Instituições fundadas por Dom Xavier Rey, este estudo considera que a formação para o magistério das meninas negras, incorpora uma realidade histórica variada. Ao englobar práticas de se construir escolas em espaços onde viviam os povos ribeirinhos e quilombolas, atendeu diretamente à luta destes, por políticas públicas que garantissem o direito à educação, com a construção de escolas pelo governo do Mato Grosso que fossem no campo (DUTRA, 2010).

Independente dos interesses religiosos que Dom Xavier Rey pudesse arquitetar e imbricar aos interesses educacionais, sua atuação na história da formação de professoras negras abrem possibilidades de ampliar nossos conhecimentos acerca das relações entre educação, religião e memória, assim como do imaginário e mentalidade individuais do Vale do Guaporé. Todos estes elementos configuram um mundo rico em possibilidades formativas para quem objetiva pesquisar modelos de educação.

3.2 - DA MEMÓRIA PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE RONDÔNIA

Durante o tempo de vida em que comandou como autoridade eclesiástica única e soberana para os povos do Vale do Guaporé, Dom Francisco Xavier Rey se portou extremamente ativo, celebrando diariamente, o seu trabalho eclesiástico nas bases de apoio por meio de missas, confissões, lecionando nas escolas, percorrendo caminhos para encontrar tribos escondidas nos matagais ou levando o que entendia como cultura e saber, rios acima e abaixo.

Das suas ações, constituíram-se um manancial de memórias para a história da educação rondoniense. A busca deste acervo nas cidades de Costas Marques e Guajará-Mirim foi possível porque algumas pessoas mais idosas preservaram em sua mente a importância, na visão delas, do trabalho educacional realizado por Dom Xavier Rey. A sua dívida se constituiu em promover sonhos de uma realidade mais igualitária, mesmo que fosse de forma lenta e dentro dos limites impostos pelo espaço geo-histórico existente.

As professoras das comunidades ribeirinhas, na sala de aula do Instituto Santa Terezinha, poderiam falar e serem ouvidas, brincar nos corredores, ir e vir do colégio às comunidades, pois agora era possível o advento escolar. Tomando por instrumento de pesquisa a história oral, procurou-se reconstruir a um pouco da trajetória deste religioso francês e da formação escolar das suas “filhas”, 33 meninas escolhidas, para a preparação profissional Internato da Prelazia em Guajará-Mirim.

Ao adentrar a escola de Dom Rey como nova morada, as meninas iniciaram uma história, a partir da sua formação escolar em 1933, cujas narrativas seriam conservadas pelas gerações de descendentes do povo guaporeano por sua atualidade e importância. O avô que contou para o filho, este, por seu turno, narrou para as crianças, num círculo de socialização sequencial. Bosi (2004, p.73) afirma que,

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte da sua socialização. Sem estas, haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória.

Invoca-se obrigatoriamente a memória, por aprender que ela é uma vivência singular e situa-se nas páginas principais de um panorama cultural, sobretudo por ser uma experiência histórica indissociável das experiências particulares de cada ser humano e de cada cultura. Ao se buscar uma relação entre a história oral e a memória, emerge a compreensão da importância da narrativa no processo de ressignificação desta história, cujo caráter metodológico é caracterizado por necessárias reflexões, indicando que as lembranças e experiências, são pistas importantes para se conhecer o passado.

Na visão de Sampaio (2010, p.104), a memória seleciona e conserva mecanismos que constroem a identidade de um fato guardado na lembrança ou de um indivíduo que nos relata pela linguagem, elo basilar na constituição da história oral. Segundo a autora,

A memória como processo de reconstrução/reconstituição, como é pensada hoje, e não como resgate do passado, é um mecanismo pelo qual é possível atar pontas, unir, e acima de tudo, entender o que foi passado e o que virá. Através ou pela

memória busca-se registrar pensamentos, situações e vozes e na análise dessas vozes descortinar as mais variadas memórias que o sujeito tem, como, por exemplo, a memória individual, coletiva, social, familiar e grupal.

É por meio destas reminiscências, conservada de forma oral, que a narrativa sobre estas personagens (Dom Xavier Rey e suas professoras), do passado da educação de Rondônia transforma em méritos a liderança do Bispo pelo ato de ter vivido, agido e principalmente, dirigido o caminho dezenas meninas, longe do seu mundo familiar, envolvidas na dinâmica da aprendizagem, para construírem elementos culturais que, reinscritos no presente, dão suporte a esta nova história da educação regional.

Para contar a trajetória das professoras, utiliza-se a memória individual que é aquela guardada por pessoas da região e se refere às suas próprias vivências e experiências com o contexto em que se desenrolaram os fatos. Mas, abordam-se também aspectos da memória do grupo social que Dom Rey participou e manteve contato por meio de interação social, do trabalho nas localidades citadas ou até mesmo em viagens pelas localidades da região do Vale do Guaporé, no qual a longa atuação pode ser socializada pela história oral.

É esta memória coletiva, formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes pelos grupos que constituem a história da formação de professoras negras, abrindo possibilidades de produzir novos conhecimentos acerca das relações entre educação, religião e memória, assim como dos imaginários e mentalidades individuais. Todos estes elementos configuram um mundo rico em possibilidades formativas no contexto da educação da época.

As análises dos documentos indicaram que o ápice do trabalho no magistério ocorreu nos anos entre 1938 e 1950 e muitas dessas professoras, após longo tempo de atuação e dedicação à causa educativa, provaram do reconhecimento popular. Várias delas, ainda em vida, tiveram seus nomes escolhidos para a nomenclatura das escolas construídas em diversos municípios de Rondônia, cuja indicação se devia ao mérito do pioneirismo na alfabetização e outras intervenções assistenciais.

Mantiveram-se reconhecidas o seu papel de educadoras, com seus nomes ligados à memória coletiva de suas comunidades e de cidades que foram surgindo nas margens do Guaporé. A escrita das narrativas e do seu legado à posteridade abre espaços e oportunizam as professoras e professores em processo de formação, falar, ouvir, ler e escrever sobre as experiências formadoras do Internato Santa Terezinha e descortinar possibilidades sobre a própria formação, por meio do que foi vivenciado e hoje é resgatado pela história.

Quando se invoca a memória, sabe-se que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular, situa-se também numa ampla visão histórica e cultural. Bosi (2004, p. 39) afirma:

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito.

A imensa transformação que se operou no campo da educação ribeirinha, a partir das escolas fundadas por Dom Xavier Rey, e que se difundiu para outras cidades e distritos, impulsionou o papel das primeiras professoras formadas em Guajará-Mirim. Ao valorizar o ser humano excluído do acesso ao estudo das primeiras letras, Dom Xavier Rey criou uma nova história e atribuiu às meninas negras que fizeram parte do seu projeto, uma importância fundamental como executoras do trabalho planejado pela Prelazia que dirigia.

Por conseguinte, elas multiplicaram os ensinamentos apropriados na fase de estudos, no seu modo de ver e interpretar as ações do seu preceptor. Fizeram da sua imagem um mito para o povo católico das cidades e distritos guaporeanos. Sampaio (2010, p. 20) explica que “a memória não é limpa, não é isenta do processo social, logo nos surpreende constantemente, o que nos faz pensar e acreditar que não contar algumas histórias é ter medo da verdade e ter medo da verdade é ficar em uma posição vulnerável”.

A memória das professoras negras é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada ribeirinho, de cada comunidade e de cada cultura. Conforme lembra Bosi (2004), existe um substrato social da memória articulada com a cultura, tomada em toda sua diversidade estética, política, econômica e social.

Por outro lado, os dados pesquisados e interpretados, referente ao texto apresentado, indicam, além das histórias efetivadas nas pesquisas de campo, na consulta dos poucos livros disponíveis e alguns artigos escritos sobre o tema, que é preciso utilizar como fundamento imprescindível no desenvolvimento do suporte teórico da pesquisa, a fonte oral como ferramenta auxiliar.

Cabe ao pesquisador buscar aprender os caminhos metodológicos para o sucesso do seu trabalho. Bosi (2013, p. 59) afirma:

O estudioso da memória geralmente entrevista idosos dos quais se espera o rico testemunho de outras épocas. O entrevistador precisa perceber uma formação

especial e compreender o depoimento como um *trabalho* do idoso. Poucos pesquisadores me parecem ter formação para tanto.

A memória de Dom Xavier Rey se construiu por meio do estudo sobre as histórias de vida de algumas das Terezianas, já que seria impossível resgatar a biografia de todas elas para esta pesquisa, é factível de entender suas experiências individuais em dezenas de anos ensinando na sala de aula.

Como o pesquisador de múltiplos documentos, além dos escritos, para enriquecer seus estudos, a história oral se concretiza numa fonte de pesquisa a proporcionar perspectivas inovadoras caracterizadas conforme Alberti (2005) como plano de recuperação do vivido engendrado por quem realmente viveu os fatos.

A fonte oral pode acrescentar uma dimensão valorosa, apresentando o ineditismo das perspectivas à história. Segundo afirma Souza (2006, p.146) métodos alternativos colaboram com a evolução das práticas essenciais à pesquisa científica.

No âmbito da História da Educação e de outros campos do conhecimento educacional, as pesquisas com fontes menos tradicionais e mais recorrentes começam a ter e adquirir novo estatuto metodológico e apresentam novos esforços para uma compreensão das práticas educativas e escolares (SOUZA, 2006, p. 146).

As professoras “filhas de Dom Rey” se constituíram num elo de sociabilidade, cujas relações, tanto entre os seus mentores religiosos e destas com o povo ribeirinho, até hoje, são manifestadas de forma pública. Este fato dentro da história da educação de Rondônia traz elementos valiosos para a compreensão do Instituto Santa Terezinha e a formação de suas ex-alunas como protagonistas de parte do desenvolvimento da educação regional.

O trabalho das professoras não se traduz somente nos quesitos que levaram à superação do analfabetismo por muitos ribeirinhos. A razão do respeito dos munícipes pela memória do que estas mulheres representaram para a escolarização do povo, vai além do incremento de suas atuações no magistério. Elas são homenageadas por contextualizarem suas vidas na dinâmica das relações sociais e culturais do mundo o qual pertencia desde a tenra idade, sem a distinção de classes, tão comum nas relações humanas.

No entender do povo guaporeano, o trabalho de Dom Xavier Rey, especialmente na área da educação, apresentou-se especialmente satisfatório, pela quantidade de escolas fundadas. Independente da qualidade do que se era trabalhado, o que importava para a população dos lugarejos guaporeanos era o espaço disponibilizado para a instrução primária.

Dom Rey interferiu nos novos modos de vida do ponto de vista social e cultural, imprimindo-lhes uma marca cristã na relação de convívio intenso entre homens e mulheres.

A força dessas experiências de ensino e seu movimento memorizador pela população são registros inesquecíveis da participação ativa das professoras e do Bispo, todos, muito bem conceituados entre os moradores de redutos quilombolas como Santo Antônio e Pedras Negras, ou cidades como Guajará-Mirim e Costa Marques, além de diversos locais beneficiados pelas ações da Prelazia.

Destarte, até hoje, a população cabocla mantém, entre suas tradições orais, a história das primeiras professoras, contadas pelos seus filhos da terra mais velhos que relembram as escolas criadas por Dom Francisco Xavier Rey. É a memória que contempla a relevância histórica e evoca lembranças de um passado que produz sentimentos sobre os fatos vividos e que fundamentam a história das professoras negras e a imagem do Bispo.

3.2.1 - Memórias de vida em gerações diferentes: histórias de Verena Leite Ribeiro, Maria de Jesus Evangelista Assunção, Isabel Assunção e Alexandrina Gomes

Para se compreender como a formação de professores das escolas de Dom Xavier Rey contribuiu com o pensamento educacional, mudando de maneira paulatina, mas sem rupturas, a trajetória da estrutura social nas primeiras décadas do século XX, apresenta-se aqui, uma sinopse das atividades de quatro professoras formadas nestas escolas onde sua ação pode ser identificada nas relações de fortalecimento da identidade profissional com as comunidades em que atuaram no magistério.

A intenção é conhecer e refletir sobre as aproximações entre recortes das biografias resumidas destas “filhas de Dom Rey” com a história da educação ribeirinha. Catani (2005, p. 32) diz que, “as escritas das obras autobiográficas que testemunham as relações pessoais com a escola pode ser útil como fonte para a elaboração da história da educação”, ao mesclar representações de sentimentos e significados individuais das memórias e histórias de suas significativas trajetória de vidas.

Neste contexto, apresenta-se inicialmente **Verena de Leite Ribeiro**, uma mulher negra formada no Instituto Santa Terezinha que conquistou um espaço de relevância na história da educação rondoniense e na memória de Vila Bela da Santíssima Trindade, onde começou a trabalhar como professora. Semelhante as suas congêneres, teve sua formação na primeira turma de alunas selecionadas por Dom Xavier Rey para ir além das funções de alfabetizar, atuar como enfermeira e conselheira da sua comunidade [Grifo Nosso].

Verena conquistou uma grande liderança e contribuição para a educação mato-grossense. Nascida em Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital da então Província do Mato Grosso, no dia 13 de setembro de 1919, era filha de Nilo Leite Ribeiro, descendente de escravo, mas com uma dedicação extrema ao trabalho, tornou-se um homem de posses suficiente para propiciar uma vida melhor para sua filha que as demais colegas da primeira turma de meninas negras escolhidas por Dom Xavier Rey não possuía.



Figura 10 - Professora Verena Leite Ribeiro. **Fonte:** Arquivo pessoal de Izabel de Oliveira Assunção

A fama desta professora negra se constituiu também por ter uma atuação mais próxima às pessoas como benzedeira, enfermeira e membro integrante da Irmandade de São Benedito, de tradição cultural negra. Corajosa, rompeu as barreiras do preconceito ao unir meninos e meninas numa mesma sala de aula e inovar os conteúdos que lecionava com a cultura africana e o uso da música.

Voltada ao social, assistia aos mais necessitados, ultrapassou os limites do aprendizado da Escola de Dom Xavier Rey, e segundo Santos (2011), Verena empregava em seus atendimentos os conhecimentos da medicina popular adquiridos com a cultura nativa local. A sua casa era a própria sala de aula onde atendia as crianças que moravam na zona

rural. No início dos anos 40, conquistou a nomeação para o cargo de diretora e professora numa escola em Vila Bela e lecionava em todos os períodos.

À época, eram comuns na relação de autoridade entre o professor e os alunos, os castigos físicos como mantenedores da disciplina, mas a Professora Verena rompeu com o tradicional e aboliu esta forma de violência (uso de palmatória nas suas aulas) e a separação entre meninos e meninas em sala de aula. Defendia a importância da relação professor e aluno no processo educativo e a ampla participação dos pais no acompanhamento da vida escolar dos filhos.

Aliado a isso, investia na prática de ensino que tornasse o processo de aprendizagem mais prazerosa, incluía a música, o teatro e o desenho como instrumento no processo de aprendizagem. Para sua época, Verena traduzia um novo pensamento pedagógico no que refere ao processo de aprendizagem e ensino ao fazer da escola pública, um local de resistência e identificação étnica e não permitir a evasão. Faleceu em 1977 e assim como a professora Angelina dos Anjos, também recebeu homenagens com a nomenclatura da escola em que trabalhou e a preservação dos seus feitos na lembrança do povo de Vila Bela.

Maria de Jesus Evangelista Assunção era filha dos descendentes de escravos, os mato-grossenses João Evangelista da Silva e Sérgia Soares Dias. Nasceu no ano de 1925 na comunidade ribeirinha conhecida como Bacalbazinho e foi levada para Guajará-Mirim por Dom Xavier Rey quando tinha apenas sete anos de idade. Fez parte da primeira turma retirada das comunidades e levadas para o Internato Santa Terezinha [Grifo Nosso].

Após cinco anos de estudos, destacou-se nos estudos ao avançar no aprendizado das primeiras letras e na catequese, de maneira mais rápida que suas colegas. Desta forma, ganhou o ineditismo de iniciar sua carreira no magistério com apenas doze anos de idade, quando em 1938 adentrou uma sala de aula de uma escola improvisada por Dom Rey no povoado de Limoeiro e iniciou sua vida no magistério. Teve como colega para o exercício do ensino, a jovem adolescente **Paula Gomes de Oliveira**, com quinze anos de idade.

Por se disponibilizar a fazer os cursos oferecidos pela Prelazia em cansativas viagens para Guajará-Mirim, Maria de Jesus Evangelista, ganhou a promoção de professora auxiliar de ensino para titular e passou a ser requisitada a lecionar em outras localidades, em classes com séries mais adiantadas nos estudos, cuja mão-de-obra para o atendimento desta clientela era raridade, mesmo com a formação oferecida pelo Colégio Nossa Senhora do Calvário, agora com um quadro mais completo de religiosos que exerciam o magistério.



Figura 11 – Professora Maria de Jesus Evangelista. **Fonte:** Arquivo pessoal de Izabel de Oliveira Assunção

Além de Limoeiro, Dom Xavier Rey a transferiu para diversas comunidades importantes do Rio Guaporé e que se encontrava com um maior número de analfabetos, neste caso, as localidades de Porto Murtinho, Santo Antônio, Surpresa e Iata. A professora Maria de Jesus Evangelista era preferida pelo Prelado por não se recusar ao trabalho, quando indicada para estas localidades que, a bem da verdade, era o seu mundo familiar, onde a escola, depois da chegada do Bispo, passou a ter uma importância crucial.

Seu auge no magistério foi o convite para lecionar em Porto Velho na escola do Território Federal do Guaporé, Barão de Solimões. Após 37 anos de profissão encerrou sua carreira na mesma cidade em que a lancha do Coronel Saldanha a levou, anos atrás sob os cuidados de Dom Rey, para se glorificar como a criança-professora que se tem conhecimento, a entrar em exercício de sala de aula nos povoados ligado a Guajará-Mirim.

Da mesma geração de meninas negras era a **Professora Isabel Oliveira de Assunção** que atuou em Limoeiro, Santa Rosa e depois encerrou sua carreira também em Guajará-Mirim. Nascida em Pau d'Óleo em 1927, aos seis anos de idade partiu com a autorização dos pais, mediante a tradicional carta enviada por Dom Rey, em busca dos estudos. Era irmã de Paula Gomes de Oliveira também cedida pela família para residir e se formar professora no Instituto Santa Terezinha [Grifo Nosso].

Dona Izabel teve toda sua vida dedicada à educação e a evangelização das pessoas, mas também, por ter assimilado com destaque as aulas de enfermagem no Internato, teve uma atuação marcante na área da saúde. Em 2012, publicou um livro em que retrata a vida e a obra

missionária do seu preceptor Dom Rey, destacando seu trabalho eclético durante mais de 30 anos na região de fronteira Brasil/Bolívia.

A ação educativa missionária da professora Isabel Assunção empregou longas jornadas na comunidade de Santo Antônio. Era além de professora, enfermeira e juíza de paz, empenhando-se conforme o seu preparo em trabalhos religiosos desenvolvidos por Dom Rey. Integrou-se à comunidade negra na qual exerceu grande influência, incluindo sua participação no fortalecimento do tradicional evento cultural e religioso do Estado, a Festa do Divino Espírito Santo, realizada nas comunidades brasileiras e bolivianas ao longo da fronteira.

Orgulhava-se por ser entre as escolhidas por Dom Rey para integrar a primeira turma de meninas negras, a aluna mais nova disposta a enfrentar o Internato no Colégio Santa Terezinha. Sua tarefa de lecionar extrapolava os limites da sala de aula diante das dificuldades encontradas na comunidade de Santo Antônio. As distâncias entre os tapiris e os períodos de chuva causavam a ausência dos pais, o que a obrigava, não raras vezes, a permanecer com os alunos após o período diário de funcionamento da escola.



Figura 12 - Professora Izabel de Oliveira Assunção entrevistada pelo autor. **Fonte:** Arquivo pessoal do autor

Qualquer imprevisto com a família dos alunos em que o contato entre pais e filhos não era possível, era suficiente para transformar sua própria casa em aconchego para as crianças, alimentando-os e acrescentando sacrifícios a sua rotina para cuidá-los. A professora Izabel guardou em seus testemunhos do passado, durante dezenas de anos, toda história do projeto de educação de Dom Rey, em que também foi protagonista dos acontecimentos. Pôde

recontar durante toda a sua vida a quem teve o interesse de entrevistá-la. O povo de Guajará-Mirim perdeu parte da sua memória com o seu falecimento em 2014.

Na geração formada no Colégio Nossa Senhora do Calvário (antigo Instituto Santa Terezinha) o nome que emerge no cenário educacional é o da **Professora Alexandrina Gomes**. Em seus estudos também foi ensinada e orientada em enfermagem, em educação física e em noções de apaziguamento para além da catequese, tornarem-se conselheiras das comunidades onde iriam atuar, sobretudo porque, nem todas as localidades eram providenciadas autoridades do estado para resolução dos conflitos [Grifo Nosso].

Embora conservasse as mesmas características das meninas da turma de 1933, ou seja, era negra, pobre e do interior, fez parte da segunda turma de crianças e adolescentes, com o mesmo propósito de se formar professora e atuar onde a Prelazia lhe designasse. Como mulher negra e professora que carregava a confiança das autoridades católicas, permaneceu dedicada aos estudos e prosseguiu na formação superior alavancando sua carreira no magistério. A maioria das meninas formadas por Dom Rey não conseguiu esse grau de conhecimento pelas dificuldades em se conseguir chegar às poucas Universidades que disponibilizavam a formação superior para o magistério.



Figura 13 - Professora Alexandrina Gomes da Silva. **Fonte:** Arquivo pessoal do autor

Por uma formação mais completa e aprimorada no Colégio, a professora Alexandrina e suas colegas acabavam adquirindo indiretamente um status social mais elevado entre as mulheres do Vale do Guaporé. Apesar de não ter sido contemplado com uma nomenclatura de escola, até porque ainda se encontra viva e com uma lucidez capaz de lembrar suas reminiscências com a mais confiável segurança, suas livres narrativas contribuem com

estudiosos e pesquisadores que sempre a procuram em sua residência, ávidos pela sua história de vida. Enquadra-se no pensamento de Bosi (2004, p. 90) quando esta autora afirma que,

Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder no deserto dos tempos, uma só gota irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração em geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxado por outros dedos.

Alexandrina Gomes encontrou um acesso maior por pertencer a uma geração ulterior ao Internato Santa Terezinha. Essa qualificação, entre os anos 70 e início dos anos 80, permitiu-lhe uma ascensão política quando assumiu a Secretaria Municipal de Educação da recém-emancipada cidade de Costa Marques, que até maio de 1981, era um distrito de Guajará-Mirim. Com a nomeação de Ruy Rodrigues de Almeida ao posto de Prefeito municipal do antigo distrito em 1982, a professora Alexandrina teve sua primeira experiência em cargo político.

Comandou a Secretaria Municipal de Educação e iniciou um processo de busca por profissionais de nível superior em outros estados da federação que se dispusesse a trabalhar na comunidade, projeto apoiado pelo então governador do novo estado da federação, coronel Jorge Teixeira de Oliveira, que ordenou a construção de um conjunto habitacional com o propósito de receber esses profissionais, sobretudo, por ter “Teixeirão”, certa predileção pelo município e suas belezas naturais.

Em Costa Marques nesse período, só se chegava se conseguisse vaga nos aviões do Exército Brasileiro que mantinha uma Brigada de Selva para guarnecer a fronteira com a Bolívia, localizada na comunidade do Real Forte Príncipe da Beira, há 25 quilômetros do centro da cidade. Outra rota alternativa era pelo rio Guaporé, navegando em embarcações do governo estadual, com saídas do porto de Guajará-Mirim em viagens quinzenais até vila Bela da Santíssima Trindade.

Nada impediu o sucesso da professora Alexandrina na gestão da Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Lazer de Costa Marques (SEMECDL). Ao término do seu trabalho, voltou a residir em Guajará-Mirim, mas em reconhecimento ao seu desempenho, mesmo obstado por dificuldades de recursos humanos, atendeu os objetivos da prefeitura costamarquense com perspectivas de mudanças, o povo batizou a embarcação destinada ao transporte de professores para escolas distantes, às margens do rio, de “Professora Alexandrina”. E assim permanece até hoje.

3.2.2 - As Professoras do Colégio Governador Mader

A história da educação feminina no Vale do Guaporé, mais especificamente, a formação das primeiras professoras sob o comando de Dom Francisco Xavier Rey tem um capítulo menor e menos conhecido do público. Mas a figura do Bispo permanece como principal neste trabalho que é a iniciativa de se construir mais uma escola para formar professoras do interior do Guaporé.

Dom Rey decidiu continuar seu projeto com a mesma finalidade, que era a educação das moças ribeirinhas, futuras professoras das escolas fundadas nas comunidades e cidades interioranas. Contudo, pelo foco historiográfico da dissertação, o texto é voltado em compreender os espaços de educação das “filhas de Dom Rey”, formadas no Instituto Santa Terezinha. Entretanto, é dever do pesquisador apresentar todas as informações possíveis sobre o tema e por isso, apresenta-se também a construção da Escola Governador Mader em Ilha das Flores que começou a funcionar em março de 1964.

Em forma de Internato, foi construída na localidade conhecida como Ilha das Flores, terras de propriedade do Sr. João Saldanha, católico devoto e membro da tradicional família guajaramirense que apoiava o bispo francês. O objetivo da prelaia era reduzir o tempo e o cansaço das jovens estudantes que não tinham opções mais próximas de estudos em grau avançado, sobretudo porque, as 33 escolas fundadas por Dom Xavier Rey atendiam o que equivaleria atualmente às séries iniciais do ensino fundamental com destaque a alfabetização.

Para se chegar até Guajará-Mirim, gastava-se em torno de cinco dias de barco grande, dependendo da localidade em que se encontrava a passageira e candidata a professora. Com a edificação do Colégio Governador Mader esse tempo era reduzido pela metade. Ademais, as estudantes eram escolhidas em Costa Marques, Santo Antônio e Pedras Negras, povoados mais próximos de Ilha das Flores.

O nome da nova instituição foi uma homenagem de Dom Xavier Rey ao Coronel João Carlos dos Santos Mader, escolhido pela ditadura para governar o Território Federal de Rondônia, entre 29 de março de 1966 e 10 de abril de 1967. Eram idos em que o país vivia sob a vigência do regime de exceção, mas, Dom Xavier Rey mantinha boas relações com os militares que eram nomeados para administrar o Território.

Como afirmam Lucília de Almeida e Mauro Passos, “a igreja católica não é um bloco homogêneo. Nela estão presentes práticas diferentes e mesmo contraditórias. Existem

diferentes comportamentos religiosos e políticos, influenciados pela forma como seus membros se ligam às classes sociais.” (...) (DELGADO; PASSOS, 2003, p.98)

Neste caso, faz-se uso da memória da costamarquense **Maria Piedade Gusmão**, apropriando-se das informações da única professora da antiga turma que durante muitos anos atuou no magistério da Escola Estadual Gomes Carneiro, localizada na cidade de Costa Marques. O Coronel Mader o ajudou na construção e manutenção da escola em Ilha das Flores durante o curto período em que governou o Território, enviando-lhe material de construção e outros recursos para a Escola, sendo ele próprio, um governador com a mentalidade de disseminar a construção de escolas e postos médicos pelo interior do território, assim como lançou bases da estrutura e organização do futuro estado de Rondônia [Grifo Nosso].

Embora pertencesse ao regime autoritário, Mader era um engenheiro civil dotado de grande formação erudita e de um perfil voltado à disseminação da educação como fonte de superação do atraso econômico e político da sociedade. Suas observações conceituais eram de que educar o povo seria a única solução para se superar os obstáculos quase intransponíveis do Território Federal do Guaporé. Contribuiu também com a prelazia guajaramirense com o envio de materiais de construção para reformas e ampliação das pequenas escolas nos povoados. Assim como todos os políticos regionais, era amigo de Dom Rey.



Figura 14 – Professora Maria Piedade Gusmão. **Fonte:** Arquivo pessoal do autor

Assim, foi neste Internato da Ilha das Flores que estudou e se formou a professora **Maria Piedade Gusmão**²⁴. O padrão de disciplina era similar e com as mesmas características pedagógicas e funções sociorreligiosas do Instituto Santa Terezinha. Apenas duas turmas que se formaram na Escola Governador Mader, a primeira com 12 alunas que após a conclusão dos estudos foram contratadas em 1968 e tiveram seus estudos reconhecidos por meio de da assinatura de contratos oferecidos pelo governo federal para trabalhar nas escolas dos povoados e municípios do Guaporé.

A outra turma teve sua formação reduzida para três anos em razão da debilidade da saúde de Dom Rey. Desta última turma, não se tem notícias sobre o paradeiro das professoras formadas, sabendo-se por meio da Professora Maria Piedade que muitas delas não seguiram a carreira no magistério. Nem todas as frequentadoras selecionadas por Dom Rey eram negras. A maioria apresentava a tez de cor morena. Era notória a miscigenação de ribeirinhos com pessoas brancas, em consequência das novas leva mais intensiva de migração nordestina a partir dos anos de 1942.

Os professores eram trazidos de Marília, Campinas e Rio de Janeiro, constituído por padres e freiras que organizaram um currículo de formação para o magistério incluindo a junção de duas séries de estudos de ensino em um ano letivo. O curso normal era oferecido e equivalia ao ensino médio dos dias atuais, prosseguindo no quarto e último ano da finalização com um estágio numa unidade escolar alfabetizadora fundada por Dom Rey, anos antes, na própria localidade de Ilha das Flores. Ao vencer estas etapas chegava-se ao momento da formatura.

Todas as 12 alunas da primeira turma foram lecionar em escolas primarias nas suas localidades de origem e, fizeram parte do corpo de profissionais do magistério no único curso ginásial disponível na escola Gomes Carneiro, situada no então Distrito de Costa Marques²⁵. Dom Francisco Xavier Rey participava com mais frequência na formação das professoras da escola Governador Mader. Além de coordenador, professor de línguas estrangeiras (lecionava noções de latim, italiano, francês, espanhol e a língua indígena), regulava a visita dos parentes das estudantes em dias especiais.

²⁴ É interessante ressaltar que o autor desta dissertação trabalhou com a Professora Maria Piedade na rede estadual de ensino durante 17 anos, quando esta lecionava na Escola Gomes Carneiro, em Costa Marques.

²⁵ Em 16 de junho de 1981, por meio da Lei Federal nº 6.921, sancionada pelo então Presidente João Baptista Figueiredo, Costa Marques tornou-se município, emancipando-se de Guajará-Mirim.

O ensino religioso era rígido, marcado pela prática obrigatória de orações aprendidas nas aulas e participação nas festividades anuais da Festa do Divino Espírito Santo, compreendendo uma intensa romaria nos povoados do Brasil e Bolívia. A irmandade do Divino é formada em sua grande maioria por descendentes de escravos e parentes das primeiras professoras do Instituto Santa Terezinha.

Em 1968, com a saúde debilitada, somando-se as dificuldades de ordem financeira e material para manter a estrutura de Internato e o corpo docente, Dom Xavier Rey não encontrou nenhuma liderança religiosa que atendesse seus padrões de rigidez disciplinar para continuar a dirigir a escola Governador Mader. Sem alternativas, a escola paralisou suas atividades. A Prelazia ainda buscou reativá-la somente com o ensino ginásial e para isso enviou seminaristas ou leigos dispostos a atuar como professores. Não obteve êxito.

Sem um apoio mais intensivo do Governo do Território, impedido de assumir a gestão por ser o novo Internato uma construção localizada numa propriedade particular, o funcionamento ficou comprometido. Em 1972, essa curta história de formação da Escola Governador Mader se encerrou e de forma melancólica. O prédio construído por Dom Rey se transformou em estrebaria e dispensa de ferramentas e produtos agrícolas. Restou como marca do período, a pequena capela construída pelo bispo e centro de orações das estudantes e dos professores da época.

A relação de Dom Francisco Xavier Rey com os governadores nomeados para o Território Federal de Rondônia, o contato sempre foi amistoso. O governo contratava a maioria das professoras formadas pelo colégio Nossa Senhora do Calvário, como também, destinava trabalho às professoras da única turma concluinte da Escola Governador Mader em Ilha das Flores.

Não foram encontrados nesta pesquisa indícios concretos da participação efetiva de Dom Xavier Rey no processo de lutas da sociedade civil contra o governo ditatorial por estas plagas. Registra-se o apoio material recebido para a sua causa meritória de organizar o estudo para ribeirinhos pobres nas suas escolas.

3.2.3 - Perspectivas Pastorais dos Anos 60: Final do Ciclo Religioso de Dom Francisco Xavier Rey

Justifica-se a pertinência deste subtema voltado ao prólogo da atuação de Dom Francisco Xavier Rey por se entender que as escolas fundadas por ele, notoriamente,

possuíram um valor próprio e se constituíram em ambientes de estudos que alteraram em parte, a realidade local dos seus habitantes por meio da instrução escolar.

Mas, como todo ciclo de um personagem histórico e suas realizações, o espaço entre o auge e o declínio é uma característica do tempo presente que limita a duração de atuação do ser humano em qualquer atividade. O ser humano é um ente que passa, mas a obra realizada se prolonga por gerações futuras. O trabalho do Bispo se aproximou do ocaso a partir da década de 70 por causa do desgaste físico e a idade avançada.

De múltiplas formas, o projeto voltado ao acesso educacional cresceu e ganhou em influência e prestígio, desde os anos iniciais na década de 30 até o declínio nos anos 70, quando as autoridades do Território Federal de Rondônia passaram a comandar a expansão das escolas públicas. Dom Xavier Rey não só contribuiu com a formação das professoras, mas formou suas sucessoras e várias outras gerações de educadoras que se mantiveram fiéis na admiração ao seu superior.

De todo o legado, destaca-se sua maior obra, o Colégio Nossa Senhora do Calvário que se popularizou como Internato e na atuação das Irmãs que deram continuidade no projeto de estudos de várias meninas. O antigo prédio de onde saíram as professoras de Dom Rey, abriga atualmente a Congregação das Calvarianas²⁶. Segundo Verdier (2013) Dom Rey deixou para a história da educação, uma contribuição singular no âmbito das suas realizações sobre o mais bem sucedido plano de magistério no século XX no Vale do Guaporé.

Em meados da década de 50, o trabalho do Bispo privilegiava a construção de escolas menores em povoados e distritos. A formação das sucessivas turmas de professoras, apesar de ainda contar com sua participação, estava àquela altura, sob a responsabilidade das irmãs Calvarianas.

Após fundar a escola no distrito de Surpresa no Rio Guaporé, Dom Rey quebrou o paradigma de escolher somente professoras, quando privilegiava suas meninas estudantes. Decidiu convidar o professor Melquíadas Gomes de Oliveira para exercer as atividades de ensino com o foco na alfabetização de crianças e no catecismo, também estendido aos adultos da localidade.

Com o crescimento da demanda em busca de vagas para crianças, naquele ínterim, sem a obrigatoriedade de se formar novas professoras, o Colégio Nossa Senhora do Calvário cresceu e atingiu o número recorde de 408 novos alunos em 1950. No transcorrer daquela década, construiu-se um novo prédio e o ensino passou a focar mais a modalidade da pré-

²⁶ Ver imagens em Anexos, p.133.

escola. A gestão exclusiva de religiosos e as práticas de ensino com a visão da igreja sobre educação permaneceu inalterada. A Prelazia nomeava mais uma religiosa, a irmã Celeste. Tempo depois o colégio se transformaria no “Jardim de Infância São Jose”.

O ciclo de fundação de escolas destinadas à alfabetização do povo ribeirinho começava a se encerrar, a partir do ano de 1955, com a construção das seguintes unidades: Fortaleza do Rio São Miguel sob os comandos de Barbarita de Oliveira, Santa Cruz do Rio Guaporé para onde se remanejou a professora Maria de Jesus Evangelista, aluna formada no Instituto Nossa Senhora do Calvário.

Dom Xavier Rey cessaria sua atuação na educação com as edificações de uma escola e Igreja em Campito no Alto Guaporé em 1957 e no mesmo ano, sem o mesmo entusiasmo de antes, optava por formar professoras em Ilha das Flores. Em 1962, colocou em funcionamento a escola de Porto França e dois anos mais tarde, a escola do povoado Conceição, sempre com o mesmo modelo de alfabetizar e evangelizar os ribeirinhos.

No início de 1960 viajou a França em busca de novos padres para continuar o trabalho assistencialista. Suas obras e projetos se voltaram à intensificação da catequese dos povos indígenas e neste propósito, tinha como auxiliar o Padre Luís Gomes de Arruda, que viria a sucedê-lo nos anos seguintes. Para isso, contava com a ajuda e atuação do também padre e médico Alexandre Bendoraitis que era dono de um consultório no lado boliviano (Guayaramerin) e outro no lado brasileiro.

A prelazia conseguiu adquirir uma lancha apropriada para atendimento médico dos índios que eram contatados. A consulta médica era a porta de entrada do assistencialismo católico e pano de fundo para o início da evangelização dos silvícolas, sem se importar com sua cultura, tradição e principalmente religião. Isto parece claro na atuação da Prelazia quando da catequese dos nativos em meio à densa floresta. A prova cabal é a atuação dos religiosos na criação da colônia indígena de Sagarana em 1965, equivalente às antigas reduções jesuíticas.

Nos anos 60 o Bispo ainda permaneceu convicto no aumento da influência da Igreja Católica, iniciando outro modelo de atuação para divulgação da fé: a montagem de uma emissora de rádio com a colaboração da Força Aérea Brasileira (FAB), adquirindo os equipamentos e as instalações com o dinheiro financiado pelo Padre Alexandre Bendoraitis. Em 1966, Dom Francisco Xavier Rey se aposentou e repassou a direção da Prelazia ao seu assistente, Frei Roberto Gomes de Arruda.

Sua atuação se resumia a partir daquele momento à dedicação exclusiva ao ensino na Escola Governador Mader. Sua imagem estava solidificada entre o povo católico. Passou a ser referência pelas professoras negras que conseguiu formar. Assunção (2012, p. 143), assim relata toda a sua admiração pelo seu líder religioso e ex-professor:

Dom Rey era uma pessoa simples, humilde, trabalhadora e humana, que abraçava ricos e pobres, negros e brancos, sem distinção. Pela fundação do Colégio Santa Terezinha, pode-se sentir esse lado dele. Nunca escolheu meninas da elite, da sociedade, para fazer as apresentações.

Assunção (2012, p.147) utilizava-se das recordações sobre Dom Rey que procuram evidenciar sua própria trajetória profissional e sua função como professora em diferentes tempos, descrevendo sobre a família, a educação, o trabalho e as transformações que foram necessárias para que ela começasse a tratá-lo sob um novo olhar. Por isso relata deixando transparecer orgulhosa: “o pouco que sou na vida, agradeço a Deus, aos meus pais e a Dom Rey. Fui educada desde os (6) seis anos de idade até sua morte. Trabalhei na área da educação durante 30 anos”.

O fato é que após o seu falecimento em 20 de janeiro de 1984, o campo do imaginário popular mantém seu fundamento em narrativas religiosas das aventuras de Dom Xavier Rey em meio as suas andanças no Rio Guaporé ou em enfrentamentos com os povos das aldeias indígenas. São histórias (e estórias) que recrudesceram entre o povo simples, sempre alimentadas pelos religiosos que o sucederam na Prelazia.

As histórias (estórias) contadas remontam à origem do seu trabalho, permitindo entender o sentido dos fenômenos religiosos em regiões excluídas do acesso à educação. Contudo, a construção da figura mítica em atos utópicos, consolidou-se a partir dos ensinamentos legado às primeiras professoras que estudaram em seu Internato. Estas presenciaram Dom Rey celebrando o trabalho e as missas em todos os lugares, percorrendo trechos longínquos e perigosos. (Assunção, 2012).

Dom Xavier Rey soube tirar proveito da ineficiência e do atraso de um Estado oficial, ineficiente em políticas públicas, embora rico em manutenção de privilégios para minoria abastada. Se depender da atual Diocese de Guajará-Mirim, essa imagem de “libertador” do povo guaporeano será sempre preservada, como pode se ler nas afirmações recentes do seu conterrâneo, o Bispo Verdier (2013, p.7-8),

O escritor Daniel Ross, da Academia Francesa de Letras, ficou impressionado com a personalidade e a vocação desse franciscano da Terceira Ordem Regular (TOR), sobre quem um jovem confrade já lhe teria falado com entusiasmo. Assim ele o

descreve, após esse encontro, no jornal parisiense “La Croix”, em cinco de maio de 1959: ‘Parece que os nativos o apelidaram de “o bispo sem batina”, pois eles veem com muito mais frequência em traje de trabalho, camisa azul ou cáqui, do que usando as vestes eclesiásticas, esse prelado que incessantemente vem em socorro dos deserdados da sorte... Sua diocese fica bem distante dos grandes centros urbanos: Guajará-Mirim, na mata amazônica, fronteira com a Bolívia. A região de viajantes como Blaise Cendrars, acertadamente apelidaram de “inferno verde”. A grande selva amazônica ali reina soberana, admirável e temível em seus incontáveis perigos. É lá, em meio a um povo miserável, onde exerce sua obra, que Monsenhor Rey é venerado’.

A forma como ele continua sendo lembrado historicamente, bem como a importância de inseri-lo como sujeito e protagonista da história da educação regional é algo determinado pelo conjunto de realizações. A antiga Prelazia também se multiplicou e essa expansão está ligada diretamente às obras assistenciais de Dom Xavier Rey, mesmo que seu projeto de educação tivesse apenas a perspectiva alfabetizadora do povo ribeirinho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa partiu do objetivo de compreender o caráter essencial da atuação do bispo francês Dom Francisco Xavier Rey e como se constituíam as práticas de formação das professoras no âmbito da educação e do catolicismo no Vale do Guaporé. Releva-se também o estudo sobre as primeiras educadoras e o papel desempenhado no magistério nas escolas fundadas pela Prelazia entre 1932 e 1960.

Contudo, a elaboração de uma proposta efetiva com contribuições para História da Educação de Rondônia também se tornou um ideal de busca. Entre as aspirações, espera-se que o tema pesquisado suscite novas discussões.

Pollak (1992, p.2) afirma que “podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação”. A formação das professoras ribeirinhas, associada à fundação de escolas para alfabetização de Dom Francisco Xavier Rey, enquadra-se de forma coerente na elaboração dos estudos sobre a educação regional.

A produção dos resultados deste trabalho se fundamenta numa relação histórica em que o pesquisador produz conclusões parciais, provisórias, em razão das limitações que teve, todavia, sem descuidar das leituras e do contato com a gente guaporeana, fonte de informações imprescindíveis para a escrita da dissertação. Neste sentido, assinala o cumprimento do papel do pesquisador, e sua contribuição ao estímulo da discussão interdisciplinar entre professores, historiadores, religiosos e demais interessados pelas raízes da educação e suas articulações com a Igreja Católica.

A partir do final da década de 1930, inicia-se o surgimento de uma Prelazia mais organizada, cujo eixo de trabalho passa a ser a educação para alfabetização da população guaporeana. Tendo como expoente Dom Francisco Xavier Rey, a Igreja era naquele contexto a única Instituição capaz de realizar um trabalho educativo junto aos ribeirinhos, aproximando o trabalho pastoral com organizações públicas, filantrópicas e privadas em regime de colaboração para o atendimento de parte dos interesses populares.

Não era propósito a ruptura com o contexto socioeconômico, muito menos político, não se pode negar que o trabalho assistencial realizado por Dom Francisco Xavier Rey merece valor. A intervenção realizada em uma região dominada pelo analfabetismo, pela exclusão à instrução pública, alterou sobremaneira, o quadro educacional presente até a sua

chegada, como a inserção dos ribeirinhos e seus descendentes nas escolas fundadas nas próprias comunidades.

Entretanto, é de bom grado inferir que, por meio deste processo envolvendo educação e religião, via doutrinação direcionado à dedicação das tradições católicas, acompanhamento de rezas e festas religiosas da igreja, veneração dos ritos sagrados e festas religioso-populares do catolicismo, intensificadas a partir do contato dos agentes da Prelazia com os moradores das comunidades, desde Vila Bela até Guajará-Mirim, ocorreu a operação invasiva sobre a cultura dessa gente.

Analisando a atuação de Dom Xavier Rey é possível trazer algumas considerações para esta dissertação, no sentido de ampliar a visão conceitual sobre sua atuação missionária junto às comunidades ribeirinhas. Classificá-lo como nociva à cultura nativa, sua passagem de dezenas de anos no Vale do Guaporé é enfrentar a opinião contrária dos que com ele conviveram ou participaram direta ou indiretamente de suas ações.

A intervenção proposta e executada nas comunidades ribeirinhas, nas áreas indígenas, com seringueiros e principalmente, por formar e empregar as professoras ribeirinhas nas escolas construídas às margens do rio Guaporé para ministrar a alfabetização e propagar o catolicismo, naquele contexto de abandono, era algo necessário para o propósito da Prelazia e não havia possibilidades do caminho apontar rumos diferentes.

Os devotos do catolicismo consideram o trabalho de Dom Xavier Rey como pioneiro e realizador das mudanças em espaços habitados por pessoas sem escolarização e com dificuldades financeiras de acesso aos centros urbanos. Ademais, proporcionou a chance de elevação social no mundo do trabalho para uma parcela de mulheres negras e estas contribuíram na popularização do seu nome em todo o Vale do Guaporé.

Conceituar sua atuação na direção da Prelazia de Guajará-Mirim no sentido de dominação ideológica em relação à cultura autóctone dos agrupamentos humanos, no meu entender, é essencial para a pesquisa acadêmica. Porém, considerando que sua intervenção na área educativa formou uma base de profissionais polivalentes e atuantes nas sociedades rurais, há de se reconhecer como positiva em relação à escolarização.

Não obstante, é válida a discussão sobre as desvantagens e efeitos negativos da estrutura montada em nome do catolicismo. A interferência existiu e foi algo inerente à ação continuada do choque de culturas distintas, exemplificada pela metamorfose provocada nas vidas de meninas nativas, ao serem levadas do seu *locus* familiar, no qual construíam suas identidades, para assumirem experiências novas, nas quais, nunca haviam imaginado.

Mas, o povo ribeirinho é possuidor de saberes e culturas próprias, adquiridos pela obrigatória proximidade com a natureza e praticados por questão de sobrevivência na Amazônia. Aprende e valoriza diversas formas de conhecer, entre estas, o saber tradicional repassado nas escolas, além de não esquecerem manter viva a tradição cultural familiar cabocla de ensinar suas crenças e seus saberes locais às gerações mais novas.

Resistem a que forças exógenas destruam as suas próprias crenças, como por exemplo, as lendas²⁷ ilustradoras do cenário amazônico. Por tudo o que se discorre neste texto, pode-se perceber a diversidade de percepções no mesmo tema, tanto no que diz respeito aos sujeitos, como às concepções teóricas, o que gera divergências e discussões, talvez pela linguagem mais descritiva do que crítica.

As professoras formadas no curso normal do Internato Santa Terezinha ganharam um lugar cativo na história das cidades guaporeanas, principalmente Costa Marques e Guajará-Mirim. Elas cumpriram o compromisso com a alfabetização e realizaram o sonho de ser professora, algo que povoava o anseio das meninas em um contexto em que esta talvez fosse a única aspiração conhecida e viável. Dom Francisco Xavier Rey, ao propiciar soluções caseiras para mão-de-obra nas escolas que queria implantar, transformou em realidade o sonho das meninas ribeirinhas de frequentar a escola.

As reflexões também remetem para a relação entre o sentido pedagógico da atuação da Igreja Católica em um determinado momento histórico e o porquê de se utilizar da educação como instrumento de propagação da fé cristã. As leituras fundamentaram os momentos de ponderação na análise das ações memoriais significativas, com relatos dos acontecimentos, cujo entendimento revela um processo histórico pelo qual as aprendizes de professoras construíram suas identidades nas localidades contempladas pela atuação da Igreja Católica.

O objetivo proposto por Dom Francisco Xavier Rey consolidou a formação dessas professoras negras como um dos instrumentos para o fortalecimento da instrução pública e da fé por todas as localidades guaporeanas, dando enfoque para uma atuação não somente de transmissão do saber, mas assumindo um papel de agente da mudança perante diversos obstáculos que ocorriam nos povoados e distritos em que atuavam.

Neste sentido, a abertura do Instituto Santa Terezinha possibilitou o espaço de profissionalização, no qual as meninas, saindo das condições escolares desfavoráveis em que

²⁷A crença nas mitologias locais que estão presentes no cotidiano: as lendas da cobra grande, da mãe da mata, do curupira, e nas crenças como o mau olhado e encantamentos.

estavam submetidas nos povoados guaporeanos encontrarem oportunidade de adquirir status social em plena Amazônia na primeira metade do século XX. As meninas ribeirinhas encontraram no Instituto Santa Terezinha uma maneira de atuar dentro do espaço visível.

Assim, a educação escolar da prelazia transformou o que antes era uma prerrogativa de uma minoria branca de Porto Velho e Guajará-Mirim e que lecionava em escolas privadas, no ponto de partida para fomentar o papel social das mulheres ribeirinhas na história da educação rondoniense.

Essa pesquisa tem a perspectiva de nos conduzir a novas questões que podem ser sugeridas a fim de elucidar a continuidade deste processo investigativo sobre novos e possíveis aportes de ideias entre o pensamento católico e a diversidade cultural da Amazônia, de modo que possa continuar os estudos de projetos e iniciativas voltadas para a pesquisa sobre a escolarização elementar e a institucionalização da escola destinada às populações que ainda vivem à margem das conquistas políticas e sociais.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- _____. **Manual de História Oral**. 3.^a ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALBUQUERQUE, R. C. **Um modelo para a educação do século XXI**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- ARROYO, Miguel. **Educação e Exclusão da Cidadania**. In: BUFFA, E.; ARROYO, M.; ASSUNÇÃO, Izabel Oliveira de. **Memórias de Monsenhor Francisco Xavier Rey – Dom Rey – O apóstolo que virou anjo**. São Paulo: Scortecci, 2012.
- AZZI, R. **Trajetória da educação católica no Brasil (1844-1944)**. (Comp. Eduline-Internet), 1999.
- BANDEIRA, Marina. **A Igreja Católica na virada da questão social: anotações para uma história da Igreja no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em Preto e Branco**. São Paulo: Ática, 2005.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 11^a Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. **O tempo vivo da memória**. 3^a Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz, 7^a. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. São Paulo: Editora Vozes, 2002.
- BRASIL. MEC. **Ministério da Educação e Cultura: principais atividades e realizações – 1930 – 1967**. Rio de Janeiro: MEC, 1967.
- BRAZIL, Maria do Carmo. **Fronteira negra: dominação, violência e resistência escrava em Mato Grosso 1718-1888**. Passo Fundo: UPF, 2002.
- _____, Maria do Carmo. **Presença quilombola em regiões além-fronteiras. Mato Grosso colonial e as fugas de escravos**. In: Simpósio Escravidão na América do Sul: Economia, Cultura, Ideologia e Sociedade. II Congresso Sul-Americano de História. Universidade de Passo Fundo/Instituto Pan-americano de Geografia e História. Passo Fundo-RS:UPF, 19 a 21 de outubro de 2005.
- BURITY, Glauce Maria Navarro. **A Presença dos Franciscanos na Paraíba. Através do Convento de Santo Antônio**. Rio de Janeiro: Bloch, 1988.
- CANDAU, Vera Maria (org). **Sociedade, Educação e Cultura**. Petrópolis. RJ. Vozes.2002.

CATANI, Denice Bárbara. **As leituras da própria vida e a escrita de experiências de forma.** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 14, n. 24, p. 31-40, jul./dez. 2005.

CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica** – 3ª Ed. São Paulo: Temática Publicações, 1994.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO: Católicos e Liberais.** 2ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

CUNHA, Célio da. **Educação e Autoritarismo no Estado Novo.** Cortez: Autores Associados. São Paulo, 1981.

CRUZ, Tereza Almeida. O processo de formação das comunidades quilombolas do Vale do Guaporé. Anais do Simpósio Nacional de História 2013 - ANPUH. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363526533_ARQUIVO_COMUNIDADEQUILOMBOLAS1.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2014.

D'ARAÚJO, Maria Celina. **A era Vargas.** São Paulo: Moderna, 1997.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves & PASSOS, Mauro. **Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970).** In DELGADO, Lucília de Almeida Neves & FERREIRA, Jorge (orgs.) **O Brasil Republicano. O tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

DIOCESE DE GUAJARÁ-MIRIM. **História da Diocese de Guajará-Mirim.** Guajará-Mirim/RO, 2002.

DUTRA, Paulo Sérgio. **Memórias de professoras negras no Vale do Guaporé: do silêncio à palavra.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá (MT), 2010.

FERNANDES, Florestan. **Educação e Sociedade no Brasil.** São Paulo: Dominus, 1966.

FREITAS, Edinaldo Bezerra. **”Fala de Índio, História do Brasil: o desafio da Etno-História Indígena”.** In: História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral, n.º 7, São Paulo, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa – grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 48.ª ed., São Paulo: Global Editora, 2003.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico do Brasil. 1950.** Rio de Janeiro: 1956.

_____. **Censo Demográfico do Brasil. 1960.** Rio de Janeiro: 1967.

GADOTTI, Moacir e José E. Romão. **Educação de jovens e adultos- teoria, prática e proposta.** São Paulo: Cortez Editora, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A, 1989.

GOMES, Pascoal de Aguiar. **A educação escolar no Território federal do Guaporé (1934 – 1956)**. Cuiabá: Carlini e & Caniato Editorial, 2012.

GOMES, Marco Antônio Oliveira. **Vozes em defesa da ordem: o debate entre o público e o privado na educação (1945-1968)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas– UNICAMP, Campinas (SP), 2001.

GOMES, Flávio dos Santos. **A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil, (Séculos XVII-XIX)**. São Paulo: Unesp; Polis, 2005.

GONÇALVES, Marlene. **Viva Bela Verena: a saga de uma professora negra na memória de uma comunidade da mesma cor**. Ceilândia, DF: Idea editora, 2000.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

HUGO, Vitor. **Desbravadores**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1991.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política – 2ª Ed.** Campinas: Papyrus, 1986.

MACIEL, Ana Amélia Araújo. **O grito do ribeirão: eco da educação ambiental em escolas da Amazônia**. Imperatriz, MA: Ética, 2003.

MARCHI, Euclides. **Uma Igreja no Estado livre: o discurso da hierarquia católica sobre a República**. História: Questões & Debates. Curitiba, v.10, n. 18-19, p. 213-259, jun-dez, 1989.

MENDES, Matias. **Apologia da Negritude**. Scortecci Editora: 1999.

MENDES, Francisco A. Ferreira. **Regulamento de Instrução Pública Primária do Estado de Mato Grosso**, Decreto nº. 759 de 22 de abril de 1927. APMT – 1942, fl. 163-227.

MICELI, S. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5.ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>. Acesso em 20/12/2013.

NOSELLA, P. **Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?** São Paulo: Cortez, 2007.
PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Loyola, 1987.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. *Revista Estudos Históricos*, v. 10, n. 5, 1992. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.fgv.br/>>. Acesso em: 24 set. 2014.

RIBEIRO, Darci. **O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil**. Companhia das Letras, 2.º Ed. São Paulo: 1995.

SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. **Uma escola (in)visível: memórias de professoras negras em Porto Velho no início do Século XX**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Araraquara, 2010.

SANTOS, Luiz Carlos dos. **A presença negra no Brasil**. In: Curso Educação Africanidades Brasil. Brasília: MEC, 2006.

SANTOS, Ângela Maria dos. **Identidade e Cultura Afro-Brasileira**. Cuiabá: Ed. UFMT 2011.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo, Cortez, 1985.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 22.ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUZA, Itamar. **Migrações Internas no Brasil**. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Mimeog., FFLCH/USP, 1978.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MENEZES, Jaci Maria Ferraz. **História da Educação na Bahia: recortes e aproximações sobre a constituição do campo**. In: VASCONCELOS, José Gerardo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho (Org.). **História da Educação no Nordeste Brasileiro**. Fortaleza: UFC Edições, 2006.

SPOSITO, M. **O povo vai à escola**. São Paulo, Loyola, 1984.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro da. **História Regional - Rondônia**. 2. Ed. Porto Velho: Rondoniana, 2001.

_____, Marco Antônio Domingues. **Santo Antônio do Guaporé, identidade e territorialidade adversas**. Porto Velho: Unir, 2009.

_____, Marco Antônio Domingues. **Campesinato negro de Santo Antônio do Guaporé, identidade e sustentabilidade**. Belém, NAEA/UFPA, Tese de Doutorado. 2004.

THÉRY, Hervé. **Rondônia: mutações de um Território Federal na Amazônia brasileira**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de Paris, Paris, 1976.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VALLE, Lílían do. **A escola e a nação: as origens do projeto pedagógico brasileiro**. São Paulo: Letras & Letras, 1997.

VERDIER, Geraldo. Paixão pela Amazônia. Diocese de Guajará-Mirim: uma igreja missionária. Coleção Testemunhos, Vol. 2. Edições CNBB, Brasília: 2013.

ANEXOS

Figura 15— Professoras do Internato Santa Terezinha em 1933
Fotos: Arquivo Pessoal da Professora Izabel de Oliveira Assunção
Fonte: Paulo Sérgio Dutra (2010, p. 107)

AS PROFESSORAS
DE DOM REY



PAULA GOMES DE
OLIVEIRA



ANTÔNIA QUINTÃO



VERENA LEITE
RIBEIRO



MARIA DE JESUS
EVANGELISTA



ESTELA LEMOS
MADEIRA



ISABEL GOMES DE
OLIVEIRA



TEODORA DA CRUZ
GERALDES



PATRÍCIA GOMES



DONA PRETINHA



BELMIRA FARIAS



LÍDIA DOS ANJOS



ALBERTINA COELHO



ALEXANDRINA DO
NASCIMENTO GOMES

TABELA 06 – PRINCIPAIS ESCOLAS FUNDADAS POR DOM FRANCISCO XAVIER REY NOS POVOADOS DO VALE DO GAUPORÉ

ANO	ESCOLA	PROFESSORAS
1933	Internato Santa Terezinha	<i>Emília Bringel Guerra</i>
1937	Colégio Nossa Senhora do Calvário	<i>Irmã São Rafael e freiras Calvarianas</i>
1937	Escola na Fronteira do Mato Grosso/Bolívia	<i>Inocência Coelho</i>
1937	Escola de Rolim de Moura	<i>Antônia Quintão</i>
1937	Escola de Pedras Negras	<i>Estela Lemos Madeira e Eremita Cordeiro.</i>
1938	Escola de Limoeiro	<i>Paula Gomes Oliveira</i>
1939	Escola de Vila Bela	<i>Verena Leite Ribeiro e Belmira Farias</i>
1940	Escolas de Porto Carvalho Porto Correa	<i>Belmira Farias</i>
1940	Escolas de Porto Correa	<i>Estela Madeira Lemos</i>
1941	Escola de Porto Coimbra-Mamoré (Apenas um ano de funcionamento)	<i>Estela Madeira Lemos</i>
1942	Escola do Iata	<i>Luzia de Mendonça</i>
1943	Escola de Santa Fé	<i>Lídia dos Anjos e Angelina dos Anjos</i>
1945	Escola de Costa Marques	<i>Patrícia Gomes e Anita Rodrigues</i>
1945	Escola de Santo Antônio	<i>Izabel Assunção</i>
1948	Escola em Ilha das Flores	<i>Corina Saldanha de Saraiva</i>
1949	Escola em Santa Rosa	<i>Ana de Lima</i>
1949	Escola em Porto Murtinho	<i>Maria de Jesus Evangelista Eleutéria Jandira de Souza</i>
1951	Escola de Laranjeiras	<i>Estela Madeira Lemos</i>
1954	Escola de Surpresa	<i>Albertina Cuentro</i>
1955	Escola em Fortaleza (Rio São Miguel)	<i>Barbariata de Oliveira</i>
1955	Escola em Santa Cruz	<i>Lourença Ramos</i>
1957	Escola de Campito (Rio Cabixi)	<i>Manoelzinho Pessoa</i>
1961	Jardim de Infância	<i>Irmã Maria Celeste Bitencourt</i>
1962	Escola de Porto França	<i>Cabo Nabor</i>
1964	Escola de Conceição	<i>Nome não encontrado</i>
1964	Governador Mader (Ilha das Flores)	<i>Dom Francisco Xavier Rey e Irmãs.</i>

Fonte: Diocese de Guajará-Mirim

Figura 16— Documento de criação da EEEFM Angelina dos Anjos
Fonte: SEMECDL

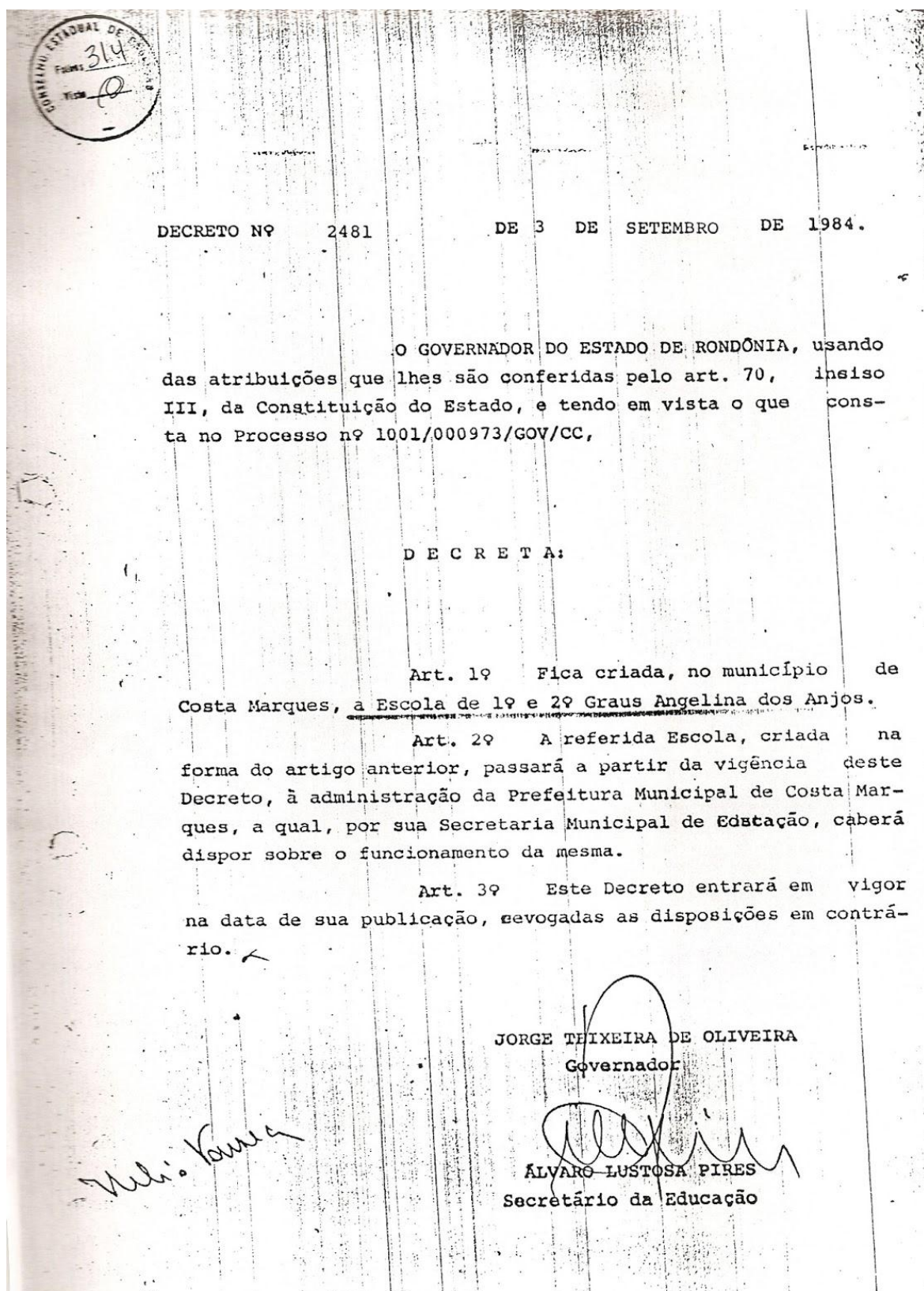


Figura 17— Curriculum Vitae da Professora Angelina dos Anjos

Fonte: SEAD/RO



**GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO**

"CURRICULUM VITAE" DE ANGELINA DOS ANJOS NOGUEIRA

Em atenção à solicitação contida no requerimento do Sr. ASSIS DOS ANJOS SOUZA, datado de 22 de novembro de 1982, CERTIFICO que, examinando a ficha Cadastral da ex-servidora ANGELINA DOS ANJOS NOGUEIRA, Professor do Ensino Secundário, EC-507.16, encontrei o seguinte : Admitida em 04.09.45, como Auxiliar de Ensino, com exercício na mesma data.- Apresentou os Certificados dos seguintes Cursos: Nutrição Visitadora de Alimentação, fornecido pela Escola de Nutrição "Agnes Junne Lites", no período de 01.05 a 19.12.53, em Fortaleza-CE; Didática de Língua Pátria, expedido pelo Centro de Treinamento, no período de 14.06 a 20.06.64, em Cuiabá-MT; Orientação Pedagógica, expedido pela P.A.B.A. E.E., no período de 25.07 a 15.12.61, em Belo Horizonte-MG; Encontro sobre a Lei 5.692/71, expedido pelo Instituto Maria Auxiliadora- DR -L, no período de 17.07 a 19.07.72, em Porto Velho - RO; Seminário sobre Currículo e Habilidades, expedido pela C.E.N.A.F.O.R. - Ministério da Educação e Cultura, em Belo Horizonte -MG, no período de 09.09 a 30.09.72.- DESIGNAÇÕES: Através da Portaria nº 1829/SP, de 15.06.64, foi designada para participar do Encontro Regional do Estado do Mato Grosso, referente a Professor ex-Bolsista, no período de 14.06 a 24.06.64; Através da Portaria nº 108/DE, de 10.12.64, foi Designada para constituir a Comissão encarregada de proceder a seleção de candidatos à Bolsa de Estudo; Através da Portaria nº 013/DE, de 16.02.65, foi designada para constituir a Comissão encarregada de atualizar o programa do Ensino Primário do Território; Através da Portaria nº 056/DE, de 24.05.65, foi designada para constituir a Comissão encarregada de proceder o Concurso para preenchimento de vagas para professores; Através da Portaria nº 102/SP, de 17.5.66,

Continua....

Fig. 18— Continuação



GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO

2.

foi designada para constituir a Comissão de Inquérito Administrativo, a fim de apurar a responsabilidade funcional do servidor Osório Lopesz; Através da Portaria nº 022/DE, de 02.02.68, foi designada para constituir a Comissão de estruturação do Currículo Primário; Através da Portaria nº 186/DE, de 18.07.69, foi designada para constituir a Comissão encarregada da elaboração do Regimento Interno dos Grupos Escolares do Território; Através da Portaria nº 145/DE, de 19.05.70, foi designada para compor a Comissão encarregada de realizar revisão dos Regimentos e Estabelecimentos públicos do Ensino Médio; Através da Portaria nº 271/DE, de 09.12.70, foi designada para compor a Comissão encarregada de elaborar livros didáticos da Região Amazônica; Através da Portaria nº 250/SEC, de 21.06.76, foi designada para supervisionar e orientar a elaboração de testes referentes ao 1º Semestre, nas Escolas do interior; Através da Portaria nº 423/SEC, de 19.09.76, foi designada para supervisionar as escolas localizadas ao longo das Rodovias BR-364, BR421, BR-319 e Zona Agrícolas da área e Através da Portaria nº 417/SEC, de 25.07.77, foi designada como Supervisora Intermediária, orientar, acompanhar e avaliar junto aos superiores escolares.- ELOGIO: Através da Portaria nº 80/DE, de 20.09.52, foi elogiada pela compreensão dos deveres e noção de responsabilidade durante os festejos da Semana da Pátria.- LOCALIZAÇÕES: Através da Portaria 438/SEC, de 06.05.75, foi localizada no Grupo Escolar Dr. Homero Kang Tourinho; Através da Portaria nº 723/SEC, de 16.09.75, foi localizada no Grupo Escolar "Barão do Solimões.- ENQUADRAMENTOS: De acordo com a Lei nº 3.780, de 12.07.60, foi enquadrada provisoriamente no cargo de Professor do Ensino Pré-Primário e Primário, nível "11" a partir de 01.07.60; Pelo Decreto nº 55.295, de 29.12.64, foi enquadrada definitivamente no cargo de Professor Ruralista, EC-516.9, a partir de 08.01.65, com o amparo da Lei nº 3.780/60; Pelo Decreto nº 65.641, de 27.10.69, foi enquadrada no cargo de Professor do Ensino Secundário, EC-507.16, amparada pelo artigo 23, da Lei nº 4.069/62; Classificada no nível "19", de acordo com o

Continua...

Fig. 19 – Idem

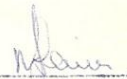


GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO

3.

Decreto nº 55.244, de 21.12.64.- FALECIMENTO: Faleceu em 20.05.78, conforme Atestado de Óbito nº 4.400 (Processo nº 007537, de 04.07.78).- E, nada mais tendo a lançar em relação à ex-servidora em causa, eu, MARIA AUXILIADORA DA SILVA LIMA, Agente Administrativo, III, regida pela Consolidação das Leis do Trabalho -C.L.T., passei o presente Currículo aos vinte e dois dias do mês de novembro de mil novecentos e oitenta e dois (22.11.82), que vai datado e assinado por mim e visado pela Senhora ELI AQUINO DE LEMES FELIZARDO, Diretora do Departamento de Recursos Humanos -DRH, deste Governo.

DIV. CAD./DRH, Em, 22 de Novembro de 1 982


Maria Auxiliadora da Silva Lima
Agente Administrativo III

V I S T O :


Eli Aquino de Lemes Felizardo
Diretora do Departamento de Recursos Humanos -DRH



Figura 22— Texto transcrito do documento da figura 19

Fonte: Construção do autor

ESCRITOS DO TEXTO DA PÁGINA 135

O NOSSO PROTESTO

João do Vale

"O Reverendíssimo Bispo de Guajará-Mirim não fora enlameado pelas injúrias de um funcionário do serviço de Proteção aos Índios, que armara sua defesa prévia às acusações que lhe foram atribuídas envolvendo o nome do inatacável Dom Francisco Xavier Rey. Não é possível admitir-se que o, a obra, o nome de uma figura de excepcional correção, possa, mesmo de leve, sofrer qualquer respingo do lamaçal de uma sargêta que transborda e despeja no grande vale da miséria humana.

Dom Xavier Rey, homem de caráter ímpoluto, enérgico e corajoso tem uma vida longa sempre a serviço de uma obra cristã da civilização, de caridade, de lutas e de desprendimento pessoal. Acompanho os esclarecimentos acompanhados no CORREIO DA MANHÃ, pelo Sacerdote Frei Roberto Gomes de Arruda, a respeito das acusações feitas pelo Senhor José Fernandes Cruz, inspetor do SPL.

Esclarecimentos é o nome que merece aquela exposição. Defesa não. O acusado não precisa defender-se, porque o seu passado o defende. Além disso, a acusação vale conforme o acusador.

Acompanhamos o Governador Abelardo Mafra, quando em dias do ano passado procurava o Bispo Dom Xavier Rey, que idealizou, saiu em campo, executou e concluiu vitoriosamente a expedição Pacaás-Novos, com a colaboração do Prefeito João Saldanha e outros elementos. Assistimos toda a exposição feita ao Governador Mafra, pelo Bispo Dom Xavier Rey, dando detalhes de todos os démarches, quando também se discutia a forma de pagamento, montante em mais de dois milhões de cruzeiros, ao comércio local, provenientes das mercadorias e utilidades indispensáveis, adquiridas sob a responsabilidade pessoal do conceituado Bispo. Antes, porém, que o Governador Mafra apontasse as providências que deveria tomar junto ao governo federal, para indenizá-la, já o Senhor Bispo assegurava com veemência e entusiasmo, que o comércio não sofreria prejuízo algum, mesmo que sua Prelazia fosse forçada a custear àquela despesa, em prejuízo das suas obras.

Dom Xavier Rey, que pacificou tribos silvícolas, semeou escolas rurais, alfabetizou centenas de crianças, construiu templos, colégios e hospital, levando a civilização em todos os recantos da sua jurisdição apostólica, jamais poderia ser maculado por acusações tão absurdas, quanto imprevistas, que atingem mais os habitantes desta terra, que o veneram e admiram do que a sua inatacável personalidade.

Dom Francisco Xavier Rey não é apenas o guia espiritual de uma grande parcela de almas brasileiras, que se espalha ao longo do grande vale Mamoré-Guaporé, até as quebradas da serra dos Parecis, que percorrerá remando e vencendo cachoeiras, cavalgando muares e empreendendo jornadas perigosas. Foi um civilizador dessa grande e riquíssima região endêmica e abandonada que ele conduziu toda, inteira, até os arrebalde de sua benéfica e obstinada ação protetora. Dom Xavier Rey constituiu um patrimônio moral desta terra e desta gente, de quem se fizera venerado, como condutor de almas, construtor de civilização e amigo leal, a quem mandamos o nosso protesto e o nosso abraço de irrestrita solidariedade e permanente estima.

Figura 23— Imagens externa e interna do antigo colégio Nossa senhora do Calvário (atualmente abriga o Mosteiro das Irmãs Calvarianas).

Fonte: Arquivo Pessoal do Autor



Figura 24 – Cópia da carta original escrita por Dom Francisco Xavier Rey
 Fonte: Arquivo Pessoal da Professora Maria Piedade Gusmão

Congregação Prim. 25-10-82.

Transmessa a Maria Piedade

Senhorado de Nossa Senhora Jesus Cristo

Muito agradeço a sua carta de 16 do corrente, de que gostei imensamente.

Fiquei de saber-te com saúde, de saber-te deixando (olha como sucesso) com o propósito de nunca mais desistir. Calas é tua obrigação - dar o que recebeste, e também ter interesse - a graça, para o Instituto de Família.

Fiquei de saber que estás em tudo quanto podes na Igreja, nas Comunidades, nos Cantos, nas aulas de religião, e que o fazes com gosto. Infim.

Fiquei de saber que estás "inoculada" entre as, com a 3ª visita inserida da "Cegonha".

Congratula-se com contigo, com seu trabalho e com todos os seus. Com gozo, feli. em constatar que Deus temna a serib- a mtocha, promessa de nunca mais, até a fim da omista vida, que se aproxima, tomar qualquer bebida alcoólica.

Para é que o teu miado não siga a os bons exemplos da gente, e ande muito pelo lado de Deus e evitando de beber. Pois ele é o cabeça da família. Bom das o bom exemplo. Deus tem a sua tão bom para nós!

E com Deus não se brinca. Ficare bem!

Figura 25— Idem

2
e diga a de. da minha frate,
que disse, de uma vez, essa maldita
Cachaca, se não quer destruir a
família (a vossa) que Deus vem
construindo a golpes de milagres!!

Com essa esperança, aqui fico,
a braços com os abraços de vós
fins, na amável promessa e em muitas
Orações, pela felicidade da Senhora, da sua
Família e de todos os Brasileiros.

Alcance em cartuchos a cargo de "Valha",
estando a todos os dias, e os demais
amigos d'esse novo município que per-
tenciam pelo seu comissario do
Bangalore e menor servo em Cristo.

L. J. Marvin Ruff

P.S. Além desta carta, dentro de uma sacolinha
que vai encilhada face as penas, vem 1 extensivo,
umas 2 estampas, 1 fot. de 8 Reys com selos e alguns
algumas medalhas. e o presente que não encontra-
no armário quando, de volta de P. Velho,
mitigosa-ate curruela, fui busca-lo -
encontrando-o depois, guardei-o
para você. Uns 15 anzóis e 2 restos de
Carretel de linha de nylon, para você
pescar. Não faça a linha de nylon, para você
uma 30 metros de arame fino entre
o anzol e o nylon, serão a piranha
corta imediatamente. Boa pesca e
peixes e... de alma. Beijo pelo velho